

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
***CAMPUS* ERECHIM**
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

MICHELI SILVEIRA DE SOUZA

**EMPODERAMENTO FEMININO E CARTAS PEDAGÓGICAS:
PROCESSOS E APRENDIZAGENS DE MULHERES EDUCADORAS POPULARES**

ERECHIM

2022

MICHELI SILVEIRA DE SOUZA

**EMPODERAMENTO FEMININO E CARTAS PEDAGÓGICAS:
PROCESSOS E APRENDIZAGENS DE MULHERES EDUCADORAS POPULARES**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre Profissional em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Souza, Micheli Silveira de
EMPODERAMENTO FEMININO E CARTAS PEDAGÓGICAS:
processos e aprendizagens de mulheres educadoras
populares / Micheli Silveira de Souza. -- 2022.
176 f.

Orientador: Doutor Thiago Ingrassia Pereira

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Erechim,RS, 2022.

1. Empoderamento feminino. 2. Carta Pedagógica. 3.
Educação Popular. I. Pereira, Thiago Ingrassia, orient.
II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MICHELI SILVEIRA DE SOUZA

**EMPODERAMENTO FEMININO E CARTAS PEDAGÓGICAS:
PROCESSOS E APRENDIZAGENS DE MULHERES EDUCADORAS POPULARES**

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre Profissional em Educação.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Thiago Ingrassia Pereira – UFFS

Prof.^a Dr.^a Isabel Rosa Gritti – UFFS
Membro interno

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Souza de Freitas – UNIPAMPA
Membro externo

Prof.^a Dr.^a Isabela Camini – Membro do Setor de Educação do MST
Membro externo

Dedico este trabalho às Marias e Marielles que vieram antes de nós! E a todas as mulheres que virão depois de nós.

AGRADECIMENTO

Agradeço à Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim, por se manter como uma instituição de Ensino Superior pública e popular e por ter me recebido no seu Programa de Pós-Graduação Profissional em educação (PPGPE) e a todos os professores e as professoras do Programa. À Viviane, secretária do Curso, sempre tão atenciosa e ágil para solucionar qualquer dúvida. Agradeço de forma especial ao professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira por ter me acolhido como sua orientanda, de modo tão característico seu, bem freireano. Sempre com amorosidade e alegria, mas sem deixar de lado a rigorosidade metódica. Thiago, contigo aprendi a ser uma professora, uma educadora e uma pesquisadora melhor.

Agradeço também às três mulheres professoras e doutoras Ana Lúcia Souza de Freitas, Isabel Gritti e Isabela Camini, que dedicaram e dedicam ainda uma vida à Educação Popular e que formaram a Banca desta pesquisa. Obrigada por estarem ao meu lado ao longo dessa caminhada no Mestrado e, principalmente, por todos os questionamentos e apontamentos que certamente engradem essa dissertação.

Às/aos colegas da turma de 2020 do PPGPE/UFFS, Campus Erechim, primeiramente pela coragem de estudar durante uma pandemia, pelos diálogos críticos-reflexivos e aprendizagens durante as disciplinas e no nosso grupo animado do Whatsapp.

A todas as minhas professoras e professores da escola pública que me ensinaram a sonhar e a lutar pelos meus direitos, ou melhor, pelo direito e acesso de todas e todos. Com elas e eles aprendi a dar meus primeiros passos no processo de consciência de classe, de formação cidadã e política, que ficaram mais seguros e abriram outros caminhos, nunca antes sonhados, ao encontrar a professora Ana Lúcia Souza de Freitas nas aulas da graduação do Curso de Pedagogia da PUCRS. Com ela aprendi a acreditar e realizar inéditos-viáveis, a ler e conhecer a vida e obra de Paulo Freire para além da leitura das palavras, mas também com a leitura de mundo. Ana, obrigada por acreditar em mim e me inspirar a Ser Mais.

Às mulheres educadoras que aceitaram o convite para construir essa pesquisa participante comigo: Franciele, Joanne, Maria Fernanda e Tamires. Vocês foram incríveis! Com vocês aprendi do início ao fim sobre educação, Educação Popular, feminismos, literatura, vida. Vocês fazem parte do meu processo de empoderamento feminino. Obrigada por tanto!

Finalmente agradeço à minha família, minha mãe e meu pai, da classe trabalhadora, que sempre lutaram para que eu tivesse a educação que foi negada a eles. Às minhas amigas e

aos amigos, em especial a Tanise Teixeira, Sara Neves e Debora Moreira, ao meu parceiro de vida, obrigada por entenderem as ausências e por ajudarem com uma palavra aqui, um sorriso ali, uma porção de paciência extra. O amor e a amizade de vocês me forneceu energia para persistir e não desistir. Afinal, é preciso resistir!

E à todas as minas, manas, meninas, mulheres que estão se se reconhecendo ou se reconhecem como feministas, assim como eu, e que sabem que a Revolução será feminista! E que um mundo para as mulheres é um mundo melhor para todas e todos!

RESUMO

A presente pesquisa, sob o tema processos de empoderamento feminino de educadoras por meio de Cartas Pedagógicas (CP) em diferentes contextos educativos, numa perspectiva da Educação Popular freireana tem como proposta investigativa a trocas de Cartas Pedagógicas sobre empoderamento feminino e educação entre quatro mulheres educadoras. Considerando as pesquisas sobre estudos feministas, e também, as pesquisa sobre Cartas Pedagógicas como temáticas emergentes e decoloniais entendemos que este seja um campo fértil, ainda a ser explorado, para se investir em novas pesquisas e na construção de conhecimento dos diferentes saberes. Partindo da curiosidade epistemológica fomentada nos grupos de pesquisa que participei, dos movimentos de ação-reflexão-ação seja no cotidiano da vida profissional, pessoal, militante fui fazendo perguntas que me levaram ao seguinte problema de pesquisa: Como as Cartas Pedagógicas podem contribuir para o diálogo crítico-reflexivo e para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares. Para isso, o objetivo da pesquisa é compreender a fecundidade do diálogo crítico-reflexivo através de Cartas Pedagógicas para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares. A construção do quadro teórico-metodológico se deu por meio do entrecruzamento das relações entre os conceitos de **Educação Popular** Brandão (2002), Freire (1992), Jara (2006, 2020), Machado (2019), Paludo (2015), Steck (2010, 2013) e Pereira (2017, 2021); **Cartas Pedagógicas** Freire (1979, 1980, 1993, 1994, 2000), Freitas (2004, 2019, 2020), Camini (2012), Coelho (2011), Paulo e Dickmann (2020) e Dickmann, Ivânio (2019) e sobre **Empoderamento feminino** Tiburi (2018), Berth (2019), bell hook (2013), Castro e Machado (2020). E também, um breve Estado do Conhecimento sobre CP formando assim, os pressupostos teóricos dessa pesquisa. Deste modo, mediante a escolha da abordagem qualitativa, da metodologia da Pesquisa Participante e da utilização da Sistematização de Experiências para analisar e comunicar os achados da pesquisa está posto o quadro teórico-metodológico da pesquisa. Por meio da participação, observação, sistematização e da análise realizada das CP e de dois encontros síncronos foi possível identificar que as características próprias da CP podem contribuem para o desenvolvimento de diálogos críticos-reflexivos e dos processos necessários para o empoderamento feminino. Limites e desafios também foram apresentados. Os pontos de chegada da pesquisa também conduziram ao produto interventivo do Mestrado

Profissional em Educação (PPGPE), a produção de um vídeo, Cartas Pedagógicas e a caminhada dessas quatro mulheres educadoras participantes da pesquisa.

Palavras-chave: Empoderamento feminino. Cartas Pedagógicas. Educação Popular.

ABSTRACT

The present research, under the theme of female empowerment processes of educators through Pedagogical Letters (PL) in different educational contexts, from a Freirean Popular Education perspective, has as its investigative proposal the exchange of Pedagogical Letters about female empowerment and education among four women educators. Considering the research on feminist studies, and also the research on Pedagogical Letters as emerging and decolonial themes, we understand that this is a fertile field, still to be explored, to invest in new researches and in the construction of knowledge of different knowledge. From the epistemological curiosity fostered in the research groups I participated in, from the action-reflection-action movements in my professional, personal and militant life, I have been asking questions that led me to the following research problem: How can Pedagogical Letters contribute to the critical-reflective dialogue and to the process of female empowerment of popular educators. To this end, the objective of this research is to understand the fruitfulness of critical-reflective dialogue through Pedagogical Letters for the process of female empowerment of popular educators. The construction of the theoretical-methodological framework took place through the intersection of the relations between the concepts of Popular Education, Brandão (2002), Freire (1992), Jara (2006, 2020), Machado (2019), Paludo (2015), Steck (2010, 2013) and Pereira (2017, 2021); Freire's Pedagogical Letters (1979, 1980, 1993, 1994, 2000), Freitas (2004, 2019, 2020), Camini (2012), Coelho (2011), Paulo and Dickmann (2020) and Dickmann, Ivânio (2019) and on Women's Empowerment Tiburi (2018), Berth (2019), bell hook (2013), Castro and Machado (2020). And also, a brief State of Knowledge on PC thus forming the theoretical assumptions of this research. Thus, by choosing a qualitative approach, the Participant Research methodology and the use of Experience Systematization to analyze and communicate the research findings, the theoretical and methodological framework of the research was established. Though the participation, observation, systematization and analysis of the PC and two synchronous meetings, it was possible to identify that the characteristics of PC can contribute to the development of critical-reflective dialogues and the processes necessary for women empowerment. Limits and challenges were also presented. The end points of the research also led to the interventional product of the Professionals Master's in Education (PPGPE), the production of a video, Pedagogical Letters, and the journey of these four women educators participating in the research.

Keywords: Female Empowerment. Pedagogical Letters. Popular Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –Tetragrama da (Trans)formação Permanente

64

Quadro 1 –Principais autoras/es dos pressupostos teóricos

15

Quadro 2 –Legenda da análise inicial das Cartas Pedagógicas

69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BTD	Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAAL	Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CP	Carta Pedagógica
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MST	Movimento dos Trabalhadores RuaisSemTerra
MCP	Movimento de Cultura Popular
PPGPE	Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação
RS	Rio Grande do Sul
RECID	Rede de Educação Cidadã
SEC	Serviço de Extensão Cultural
SESI	Serviço Social da Indústria
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	22
2.1 ESTADO DO CONHECIMENTO: VALORIZANDO A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS/OS QUE VIERAM ANTES DE NÓS	24
2.2 EDUCAÇÃO POPULAR: memórias, lutas e reinvenções	27
2.3 CARTAS PEDAGÓGICAS: UM LEGADO DE PAULO FREIRE	31
2.3.1 Da tradição da escrita de cartas às atualidades e reinvenções das cartas pedagógicas	41
2.4 EMPODERAMENTO FEMININO E A INVISIBILIDADE DAS PESQUISAS SOBRE MULHERES E OS FEMINISMOS	48
2.4.1 Do ensinando a transgredir ao empoderamento feminino	52
3 CAMINHOS METODOLÓGICOS	57
3.1 ABORDAGENS, CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS E CONTEXTO DA PESQUISA	57
3.2 ANÁLISE DE DADOS: A SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA	60
3.3 OS PONTOS DE CHEGADA: PRODUTO DE INTERVENÇÃO	62
4 Quatro estações, quatro fases da lua, quatro mulheres educadoras e pesquisadoras que teceram e trocaram quatro Cartas Pedagógicas	63
4.1 Outono, lua cheia: Primeiro encontro síncrono	64
4.2 O jogo de ler e deixar-se ler através da troca de Cartas Pedagógicas	65
4.2.1 Primeira troca de Cartas Pedagógicas: Abril/2022	66
4.2.2 Segunda troca de Cartas Pedagógicas: Abril/2022	69
4.2.3 Terceira troca de Cartas Pedagógicas: Maio/2022	72
4.2.4 Quarta troca de Cartas Pedagógicas: Junho/2022	74
4.3 Inverno, lua nova: Encontro síncrono de avaliação em Julho/2022	75
4.4 Primavera chegou: Bordando nossas escrevivências (somos todas tecelãs!)	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS	84
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	90
APÊNDICE B– QUADRO DA BIBLIOGRAFIA SISTEMATIZADA	93
APÊNDICE C – CARTA-CONVITE À BANCA DE QUALIFICAÇÃO DO MESTRADO	95
APÊNDICE D- CARTA-CONVITE ÀS PARTICIPANTES DA PESQUISA	102
APÊNDICE E – CARTAS DA PESQUISADORA ÀS PARTICIPANTES	110
APÊNDICE F- PRIMEIRA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS	120

APÊNDICE G- SEGUNDA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS	132
APÊNDICE H- TERCEIRA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS	144
APÊNDICE I- QUARTA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS	158

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa sobre o tema **Processos de empoderamento feminino de educadoras por meio de Cartas Pedagógicas em diferentes contextos educativos** está inserida no campo da Educação Popular numa perspectiva freireana¹. Tema este que está contemplado pela linha de pesquisa 2, Pesquisa em Educação Não-formal: Práticas Político-Sociais, do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), *Campus Erechim*.

Foi em Erechim que iniciei minha caminhada em eventos acadêmicos. No ano de 2012, escrevi meu primeiro trabalho acadêmico, um resumo expandido, para o XIV Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, que ocorreu nessa universidade, e desde lá participo anualmente das edições do Fórum, que chamo carinhosamente e de forma abreviada de Fórum Paulo Freire. Em 2020, no mês de maio, teria sido o marco de “Erechim a Erechim” (2012 a 2020), um capítulo importantíssimo na minha vida acadêmica, se não fosse pela pandemia da Covid-19 que implicou no adiamento do evento.

A pandemia da Covid-19 causada pelo vírus SARS-COV-2, identificado inicialmente em Wuhan na China em 2019, forçou a educação e várias outras áreas a se adaptar e mudar a sua forma de se organizar e funcionar. Com o tempo, protocolos e ações emergenciais foram sendo criadas, tais como: o distanciamento, o ensino remoto, a demonstração de afeto sem abraçar, o entendimento de que o uso de máscara é um cuidado à saúde de cada um/a e, ao mesmo tempo, à saúde de todos/as. Só não foi possível se adaptar ao número diário de mortes, ao descaso do próprio governo brasileiro com o enfrentamento da pandemia e na compra de vacinas.

No momento que escrevo esse texto, também como forma de luta e de resistência, o Brasil chega ao triste número de mais de 686 mil vidas perdidas e mais de 34 milhões de casos conhecidos da doença, segundo o consórcio de veículos de imprensa². Deixo expresso meu respeito e solidariedade a todas as famílias que tiveram perdas irreparáveis, às crianças que ficaram órfãs e também as tantas pessoas que hoje passam fome pois foram abandonadas

¹ A escolha por utilizar a grafia da palavra freireana/freireano ao invés de freiriana/freiriano tem a intencionalidade de dar destaque e ressaltar a importância do legado de Paulo Freire.

² Disponível em <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/10/05/brasil-registra-mais-109-mortes-por-covid-media-movel-aponta-alta.ghtml> Acesso em: 06 out. 2022.

à própria sorte sem emprego por essa necropolítica³ instaurada no país. Segundo o IBGE, o Brasil soma, infelizmente, 10,1 milhões de desempregados no 2º trimestre de 2022.

As expectativas foram geradas em cima de fortes emoções sobre o ciclo de “Erechim a Erechim”, mas o Fórum Paulo Freire não aconteceu em 2020. Pois, então, nessas voltas que a vida dá, mesmo em um momento que não apenas o Brasil, mas o mundo todo estava sofrendo diante dessa grande crise sanitária, ambiental, social e econômica, tive a oportunidade de participar da seleção de Mestrado e ser admitida. Assim, os laços com a UFFS que até então eram somente através do Fórum Paulo Freire se espriam, tornando-se um vínculo institucional. Sinto-me bastante honrada e feliz por fazer parte dessa universidade pública e popular conquistada a partir da luta das comunidades da região norte do Rio Grande do Sul (RS). Desejo e batalho para que todas e todos, oriundos das classes populares, possam ter acesso e condições de permanência na Educação Superior.

Felizmente, o Fórum Paulo Freire pode acontecer em maio de 2021 de forma totalmente remota, algo inédito na sua história, através dos esforços da coordenação local da qual eu tive a oportunidade de fazer parte junto com o coordenador do evento e orientador deste trabalho, o professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira.

Não poderia deixar, então, de apresentar na introdução os principais elementos que vêm contribuindo para o meu processo de Ser Mais: o Fórum Paulo Freire e a Universidade Federal da Fronteira Sul. Começar com esse relato sobre a minha história com a UFFS foi inevitável, pois sempre que penso em Erechim é a essa memória que recorro.

Nesse sentido, o motivo da escolha desse tema de pesquisa sobre Educação Popular, Cartas Pedagógicas (VIEIRA, 2018) e empoderamento feminino também diz muito sobre como estou me tornando educadora, sobre como o Fórum Paulo Freire vem me formando e transformando. Essas temáticas também estão presentes nos estudos realizados com o Grupo de Pesquisa(CNPq) Formação de Professores e de Gestores e Práticas Pedagógicas e com o grupo Café com Paulo Freire de Canoas/RS no cotidiano da minha prática docente nas turmas de alfabetização de uma escola da rede municipal de Canoas, onde atuo, e por outras escola que já passei. E, perpassa também, pelos enfrentamentos e lutas diárias da vida em sociedade.

Hoje, no Brasil, mais do que nunca precisamos levantar nossa voz em defesa da educação pública, da Educação Popular, dos feminismos e da importância do empoderamento

³Conceito atribuído no debate acadêmico a Achille Mbembe (2018), inspirado em leituras de Foucault.

de nós mulheres, como exercício permanente de fortalecimento da democracia e pela busca de fissuras que possam contribuir com a ruptura de práticas de violência e preconceito.

A relevância dos estudos e das obras do patrono da educação brasileira Paulo Reglus Neves Freire, declarada através da Lei nº 12.612 de 13 de abril de 2012, sancionada pela ex-presidenta Dilma Rousseff, são ainda hoje atuais e fundamentais para a (trans)formação da educação em nosso país. “A referência ao nome de Freire por extenso é um recurso para chamar a atenção para a amplitude de suas contribuições para diferentes campos de atuação, e especialmente, para a extensa contribuição do legado freireano à formação *com* educadores e educadoras”. (FREITAS, p. 33, 2014, grifos da autora). Freire foi, sim, um grande teórico reconhecido mundialmente, mas também soube ser um homem simples que valorizava a boniteza da relação entre os seres e as coisas da vida. Talvez, por isso, ele costumava ser chamado por muitos amigos simplesmente de Paulo.

No âmbito da Educação Popular, as Cartas Pedagógicas têm se apresentado como um campo fértil para continuarmos reinventando Freire, algo que ele mesmo pediu que o fizéssemos. Esse modo de escrita é um campo ainda pouco explorado, embora com estudos e publicações surgindo de forma mais consistente nos últimos anos com forte presença do estado do Rio Grande do Sul.

Meu interesse por Cartas Pedagógicas foi fomentado a partir do uso e do estudo de outro instrumento formativo, potencializador de diálogo e reflexão sobre a práxis, o diário de registros (FREITAS; MACHADO; SOUZA, 2017) sobre o qual me dediquei mais profundamente no Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Pedagogia intitulado “*O diário de pesquisa na formação do educador pesquisador: a experiência do Pibid/Pedagogia* (PUCRS, 2014). Naquele momento ainda usávamos a nomenclatura de diário de pesquisa (BARBOSA; HESS, 2010), depois passamos a utilizar diário de registros.

Contribuindo com os estudos no Grupo de Pesquisa (CNPq) Formação de Professores e de Gestores e Práticas Pedagógicas no PPGE da Unisinos, Campus Porto Alegre, como convidada pela coordenadora do Grupo professora Dra. Ana Lúcia Souza de Freitas, começamos a sistematizar nossas experiências sobre os três instrumentos que se consolidaram em nossas práticas ao longo dos anos, são eles: Rodas de Conversas, Diário de Registros e Cartas Pedagógicas. Em vista disso, escrevemos uma publicação na Revista Ambiente & Educação (2017, v.22, n.2). Por meio dessa construção coletiva que as Cartas Pedagógicas começaram a fazer parte do meu interesse de pesquisa e, posteriormente, se uniu à ideia do

empoderamento feminino e tomou corpo através do pré-projeto de pesquisa e, em seguida, nesta dissertação.

A aproximação com os feminismos e os estudos feministas se deu gradativamente nos últimos anos de modo não-formal ou não escolar, e vem do cotidiano da minha vida pessoal, das conversas com mulheres que me inspiraram a querer aprender mais sobre o que é ser mulher e o que podemos fazer para nos conscientizarmos e nos empoderarmos sobre as amarras que sofremos historicamente e cotidianamente.

Os movimentos feministas, sim, são muitos e diversos. Eles vêm conquistando cada vez mais espaço para se colocar como dispositivo, instrumento de resistência ao lugar historicamente destinado às mulheres. Transgressoras, elas buscam cada vez mais serem donas de si, de seus corpos, de suas vidas. Muitos nomes elas têm e algumas são: Dandaras, Simones (de Beauvoir), Joanas (Darc), Fridas (Kahlo), Angelas (Davis), Suelis (Carneiro), Nísias (Floresta), Pagus, Berthas (Lutz), Carolinas (Maria de Jesus), Roses (Marie Muraro), Rosas(Parks), Chimamandas (NgoziAdichie), Malalas (Yousafzai), Djamilas (Ribeiro), Marcias (Tiburi), Marias e Marielles. É por elas, por todas nós e por todas que ainda virão que devemos valorizar as conquistas das mulheres que vieram antes de nós. Essas são como sementes a serem cultivadas, preservadas, compartilhadas e ampliadas para mais pessoas e mais lugares. Seguindo assim, na resistência e na luta por melhores condições de trabalho e de vida para todas e todos. Um mundo com equidade e respeito às mulheres é um mundo justo e mais humanizador para todos e todas.

Nos últimos anos venho buscando pensar e discutir sobre diálogo, escrita, registro, Cartas Pedagógicas, educação, Educação Popular, luta e resistência. Fazendo esse exercício inicial, percebi que da mesma forma precisamos garantir um tempo/espaço para reflexão e discussão sobre o empoderamento feminino. Um tempo/espaço que estimule a construção e o fortalecimento de uma rede entre mulheres para escutar, dialogar e partilhar sobre sororidade, sobre avanços e retrocessos, sobre feminicídio, sobre preconceitos de gênero, enfim, sobre sociedade patriarcal. Nesse cenário, os movimentos feministas que contribuem para o empoderamento feminino se apresentam como uma possibilidade de mudança do sistema que está posto. Esses questionamentos conduziram-me ao seguinte problema de pesquisa: **Como as Cartas Pedagógicas podem contribuir para o diálogo crítico-reflexivo e para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares?**

Para o desenvolvimento deste trabalho, impulsionado pelo problema de pesquisa, apresento o objetivo geral e os objetivos específicos desta pesquisa: a) **Objetivo geral:**

Compreender a fecundidade do diálogo crítico-reflexivo através de Cartas Pedagógicas para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares; b) **Objetivos específicos:** Realizar estudos sobre os conceitos de Educação Popular, Cartas Pedagógicas e empoderamento feminino; Caracterizar as Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico formativo; Ler e analisar Cartas Pedagógicas escritas por mulheres, educadoras populares, classificando em categorias os benefícios/potencialidades e limites/desafios da leitura e escrita de Cartas Pedagógicas; Produzir um vídeo, que será o produto interventivo dessa dissertação, sobre Cartas Pedagógicas, convidando outras mulheres a dizer a sua palavra, dialogar e refletir sobre educação para o empoderamento feminino e para conscientização.

Portanto, partindo desses objetivos, a pesquisa é composta pelos capítulos a seguir. O primeiro apresenta os pressupostos teóricos da pesquisa, as/os principais autoras/es que fundamentam a base teórica deste trabalho, sendo elas/eles:

- a) Educação Popular: Carlos Rodrigues Brandão (2002), Conceição Paludo (2015), Danilo Steck (2010, 2013), Maria Elisabete Machado (2019), Oscar Jara (2006, 2020), Paulo Freire (1992) e Thiago Ingrassia Pereira (2017, 2021).
- b) Cartas Pedagógicas: Paulo Freire (1979, 1980, 1993, 1994, 2000), Ana Lúcia Souza de Freitas (2004, 2019, 2020), Isabela Camini (2012), Edgar Pereira Coelho (2011), Fernanda Paulo e Ivo Dickmann (2020), Ivânio Dickmann (2019).
- c) Empoderamento feminino: Marcia Tiburi (2018), Joice Berth (2019), bell hook (2013), Amanda Motta Castro e Rita de Cássia Machado (2020).

O segundo capítulo destina-se à valorização das pesquisas e estudos realizados nos últimos anos, através de um recorte, fazendo um apanhado histórico em busca da composição de um panorama acerca do cenário das Cartas Pedagógicas por intermédio do Estado do Conhecimento.

No terceiro capítulo estão situados os caminhos metodológicos escolhidos. Apresento as participantes da pesquisa como um grupo formado por educadoras populares com o intuito de dialogar sobre questões relacionadas à educação e ao empoderamento feminino por meio de Cartas Pedagógicas. Apresento também a escolha da abordagem de pesquisa, do método, da técnica e dos procedimentos adotados.

No quarto capítulo descrevo como foi a experiência vivida por meio desta pesquisa participante de troca de Cartas Pedagógicas com mulheres educadoras populares. Os pontos de chegada, os benefícios/potencialidades e os limites/desafios identificados durante o

processo da troca de Cartas Pedagógicas entre mulheres educadoras, participantes dessa pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Partindo da epistemologia freireana, a pesquisa se inscreve no campo da Educação Popular nas dimensões teórico-metodológicas e política. Corroboramos com Pereira (2014, p.42) quando ele afirma que:

a obra de Paulo Freire é fonte acadêmica e de inspiração militante para o trabalho que desenvolvo. Pensar o caráter popular da educação como um movimento, como um processo formado na relação entre a materialidade e a subjetividade das pessoas é inerente à busca pelo conhecimento da realidade que cerca e situa historicamente os sujeitos sociais.

Paulo Freire cria uma nova epistemologia

a partir da produção do conhecimento de forma dialógica, intersubjetiva e dialeticamente aberta para o dinamismo da vida, a diferença e o inédito viável, além de inspirar profundas inovações na visão política e ética dos problemas que desafiam o mundo atual.(ZITKOSKI, 2018, p.138)

Nesse sentido, para Paulo Freire a história é possibilidade de transformação e tem como categoria conceitual chave o diálogo para o processo de conscientização, humanização e gentificação. Segundo Jaime Zitkoski (2018, p. 138), “o que Freire aponta de novo em sua concepção dialética é a compreensão de história e do papel/importância da subjetividade humana na construção do mundo socioculturalmente estruturado”.

Para o mesmo autor, o processo dialético-dialógico

assume constantemente novos modos e/ou níveis de elaboração e afirmação da vida em sociedade, jamais teria um ponto de chegada final, por assim fosse, a história se fecharia em si mesma e negaria sua própria natureza, constituída de contradições, tensões e conflitos, que nos impulsionam para novos sentidos da vida humana. (ZITKOSKI, 2018, p.138)

O Brasil e a América Latina vêm de um processo colonizador, opressor, com sistemas de capitalismo e atualmente neoliberalismo⁴ que estão a gerar, década após década, mais e mais desigualdades sociais. Segundo Almeida e Trevisol (2019, p. 202-203)

Entender o neoliberalismo a partir do conceito empregado por Dardot e Laval (2016), de razão-mundo, nos permite que seja desenvolvida uma compreensão de como as influências do modelo produtivo capitalista se constituem na educação e, sobretudo, na escola. Não se trata apenas de compreender a influência dos princípios neoliberais a partir de uma lógica externa que se impõe sobre a escola, mas de um processo, aparentemente espontâneo, que se constitui nas relações sociais e na própria escola. Em outras palavras, são discursos práticos admitidos socialmente e que migram para o campo escolar. Então, a educação passa a organizar-se por uma

⁴Dardot e Laval (2016) definem o neoliberalismo como um conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens sobre o princípio universal da concorrência. O fundamento está no entendimento de que o neoliberalismo, antes de ser apenas uma ideologia ou uma política econômica, é primeiramente uma racionalidade, que estrutura tanto instituições públicas e privadas, como a própria subjetividade. (ALMEIDA; TREVISOL, 2019, p.202-203)

racionalidade neoliberal e as escolas definem seus quadros e currículos a partir de uma cultura empresarial da competitividade, inovação e concorrência para o mercado tecnológico e global.

Conceição Paludo é outra pesquisadora que vem se dedicando a escrever, entre outras coisas, sobre Educação Popular e as relações mercadológicas na educação.

O processo latino-americano possibilita compreender que a educação, dado o papel que desempenha na sociedade, em uma perspectiva efetivamente emancipatória, só pode ser resistência e exercício de contra-hegemonia. Gramsci (1978) define a hegemonia – e pode-se dizer que no seu âmbito também a resistência – como a capacidade de um grupo social unificar em torno de sua proposta política um bloco mais amplo não-homogêneo, marcado por contradições de classe. Para o autor, a disputa hegemônica acontece no plano das interpretações da realidade, que guarda estreita relação com a esfera econômica, e de projetos para a modificação dessa mesma realidade. Esse conceito explicita a dinâmica da relação entre o consenso e a repressão na relação do Estado com a sociedade civil e, no seu interior, com as forças organizadas que a disputam. (PALUDO, 2015, p. 225)

Da mesma forma, Mészáros (2008), em *Educação para além do capital* - ensaio escrito para Conferência de abertura do I Fórum Mundial de Educação em Porto Alegre, no ano de 2004, afirma que a educação não é negócio, é criação. Para o autor, “uma educação para além do capital deve, portanto, andar de mãos dadas com a luta por uma transformação radical do atual modelo econômico e político hegemônico.” (MÉSZÁROS, 2008, p.12) A Educação Popular se coloca como instrumento educativo e de militância contra o modelo hegemônico a serviço da transformação do sistema vigente e do acesso das classes populares a condições mais justas de trabalho e de vida.

O embasamento teórico sobre Educação Popular se deu, principalmente, através das lentes de Carlos Rodrigues Brandão (2002), Conceição Paludo (2015), Danilo Streck (2010, 2013), Oscar Jara (2006, 2020), Maria Elisabete Machado (2019) e também de Paulo Freire (1992).

Para contextualizar o conceito de empoderamento feminino, feminismos e educação utilizo, principalmente, os estudos realizados por bell hooks (2013), Marcia Tiburi (2018), Joice Berth (2019), Amanda Motta Castro e Rita de Cássia Machado (2020). Os textos dessas educadoras, filósofas e escritoras feministas são atuais e recentes, por isso merecem um esforço e dedicação para que possamos mergulhar nessas leituras, fazer aprofundamentos nessa temática e aprender com elas e com outras o que o diálogo entre educação e empoderamento feminino tem a nos ensinar.

O estudo sobre Cartas Pedagógicas será realizado inicialmente pelas obras de Paulo Freire escritas em forma de cartas ou que contenham cartas: *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (1979); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*

(1993); *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis* (1994); e *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000).

Compartilho da ideia de que Freire nos deixou um legado e que temos a responsabilidade de manter viva sua obra, reinventando e dando continuidade a esse legado. Por isso, fazem parte do referencial teórico, os estudos de educadoras e educadores que não têm medido esforços durante suas andarilhagens para contribuir com a produção de conhecimento sobre o potencial formativo das Cartas Pedagógicas. Destaco, neste momento: Ana Lúcia Souza de Freitas (2004, 2019, 2020), Fernanda Paulo e Ivo Dickmann (2020), Ivânio Dickmann, Isabela Camini (2012) e Edgar Pereira Coelho (2011). No quadro abaixo, encontra-se uma síntese das autoras e dos autores que embasaram essa etapa da pesquisa.

Quadro 1 – Principais autoras/es dos pressupostos teóricos

CONCEITO	AUTORAS/ES
EDUCAÇÃO POPULAR	Carlos Rodrigues Brandão (2002), Conceição Paludo (2015), Maria Elisabete Machado (2019), Oscar Jara (2006, 2020), Danilo Steck (2010, 2013), Thiago Ingrassia Pereira (2017, 2021), Paulo Freire (1992).
CARTAS PEDAGÓGICAS	Paulo Freire (1979, 1993, 1994, 2000) Ana Lúcia Souza de Freitas (2004, 2019, 2020), Edgar Pereira Coelho (2011), Isabela Camini (2012), Fernanda Paulo e Ivo Dickmann (2020), Ivânio Dickmann (2019).
EMPODERAMENTO FEMININO	Bell hook (2013), Marcia Tiburi (2018), Joice Berth (2019), Amanda Motta Castro e Rita de Cássia Machado (2020).

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, apresento um exercício de Estado do Conhecimento para situar quanto às pesquisas já realizadas envolvendo a temática das Cartas Pedagógicas.

2.1 ESTADO DO CONHECIMENTO: VALORIZANDO A PRODUÇÃO CIENTÍFICA DAS/OS QUE VIERAM ANTES DE NÓS

Com base em Morosini e Fernandes (2014, p.155),

[...] estado de conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um

determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica.

Este capítulo tem como objetivo mostrar o que foi realizado enquanto pesquisa científica nesse campo e assim construir o presente trabalho sobre um terreno melhor explorado e fértil dos saberes construídos, ao menos, durante a última década, também sobre os silêncios, as lacunas sobre os temas. Encontramos dificuldades para localizar trabalhos com os três conceitos relacionados - Educação Popular, Cartas Pedagógicas e Empoderamento Feminino - o que pode evidenciar a relevância da proposta deste estudo que estamos nos propondo a realizar.

Frente aos obstáculos encontrados e para melhor compreender o recorte realizado nesta pesquisa e entender, também, qual a potencial contribuição à produção e divulgação de conhecimento científico, realizamos estado do conhecimento sobre Cartas Pedagógicas. Utilizamos o repositório Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES (BTD). Em relação ao que fazer e como lidar com os dados encontrados, Morosini e Fernandes (2014, p.161) destacam que:

Para além da fase exploratória, o estudo, a análise e o cotejamento dos resultados e das análises que emergem dos trabalhos selecionados ajudam a orientar a construção do nosso *modelo de análise* e nos inspiram também para a organização de possíveis categorias, que representam algumas de nossas hipóteses *a priori*, elementos que serão necessários tanto na construção da problemática quanto na coleta e interpretação de dados.

Buscando pelo descritor “Cartas Pedagógicas”, encontramos 21 resultados, sendo que: 5 não estão disponíveis por serem anteriores à plataforma Sucupira; 3 apresentaram erro no sistema e não foi possível acessar as informações; 1 não abordava o tema. Descartando esses 9 resultados, restaram 12. Numa segunda etapa, a partir da leitura do resumo dessas 12 teses e dissertações obtivemos os seguintes dados: 10 utilizaram as Cartas Pedagógicas na metodologia, 1 apresentou os capítulos em forma de Cartas Pedagógicas; 1 usou as Cartas Pedagógicas apenas na devolutiva da pesquisa aos participantes. Desses 10 trabalhos que utilizaram as Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico e/ou análise documental, escolhemos 2 para sistematizar e apresentar em um quadro (ver apêndice B). Para isso, foram adotados critérios de acordo com a relevância das referências e a ênfase dada às Cartas Pedagógicas.

Na tese (PAULO, 2018) e na dissertação (BATISTA, 2019) analisadas temos como ponto em comum o uso das Cartas Pedagógicas como um dos instrumentos metodológicos e/ou análise documental, ainda que cada uma das pesquisas aborde diferentes temáticas. Além

das referências indicadas, alguns trechos podem contribuir para compreensão e possibilidades do uso das Cartas Pedagógicas em diferentes cenários.

Na tese da Fernanda dos Santos Paulo (2018) sobre os Pioneiros e Pioneiras da Educação Popular ela presta um serviço importante para preservar o legado e a contribuição de um cada um deles que são grandes personagens da história viva da Educação Popular. Ao voltarmos o nosso olhar para a flexibilidade que a autora usou em sua pesquisa ao utilizar as Cartas Pedagógicas e e-mails dialógicos, como ela chamou, compreendemos que não consistem num formato fechado, numa receita, não é algo engessado. Como fica explícito no trecho: “Não foram todos os sujeitos que encaminharam cartas pedagógicas em um arquivo denominado "carta", mas todos, de um algum modo, cada um da sua maneira e no seu tempo, escreveram e-mails, análogos a uma carta pedagógica.” (PAULO, 2018, p. 45)

A partir das afirmações de Batista (2019) percebemos o viés dialógico das Cartas Pedagógicas e seu papel formativo.

Com o uso das cartas pedagógicas, profissionais da educação puderam registrar suas memórias e denunciar os processos de opressão vividos e preconceitos sofridos, o que deve ser evidenciado para que a sociedade reflita sobre a potencialidade negativa acarretada na vida de homens e mulheres negros/as. (p.32)

Fazer a leitura daquelas que vieram antes de nós nutre e empodera a continuar valorizando e investindo na produção do conhecimento dos diferentes saberes. Ambas as autoras, cada uma com as especificidades do seu trabalho, contribuem para a visibilidade e para a discussão acerca de Cartas Pedagógicas. O que demarca fortemente a relevância de novos estudos e pesquisas sobre essa temática, principalmente nas Ciências Humanas e nas licenciaturas. Por ser uma temática ainda considerada emergente, apresenta um campo fértil para a produção de conhecimento científico. E a cada comunicação de pesquisas com esse tema, a rede vai se intensificando e chegando a mais educadoras/es pesquisadoras/es.

Apresentamos no próximo tópico um breve panorama histórico acerca do campo da Educação Popular. Dentro do campo da Educação Popular freireana, temos a intenção de pensar o entrelaçamento das Cartas Pedagógicas, modalidade de escrita utilizada por Paulo Freire, com os estudos feministas, temática emergente pós-colonial ou decolonial. (SILVA, 2020)

2.2 EDUCAÇÃO POPULAR: MEMÓRIAS, LUTAS E REINVENÇÕES

Muitos são as/os educadoras/es pesquisadoras/es que vêm se dedicando, estudando com e sobre a Educação Popular. Nos seus esforços de conceituar o que se entende por Educação Popular escolhemos destacar algumas autoras e autores do campo da Educação Popular com os quais nos identificamos, conforme citado anteriormente (ver quadro 1).

Numa concepção mais ampla sobre educação, corroboramos com Thiago Ingrassia Pereira (2017) quando afirma que

para além das instituições formais de ensino, a educação é um movimento mais amplo em termos culturais. Por isso, a escola como instituição foi se constituindo na correlação de forças sociais que formaram a sociedade brasileira no século XX. Desde os pioneiros da escola nova, o debate sobre os rumos da educação nacional estava posto, tendo em vista o projeto modernizante em voga no país, principalmente, pós-1930. (p. 266)

Como campo da educação, a Educação Popular é um movimento político e pedagógico, é movimento dialético-dialógico em busca da conscientização e não da manutenção de um sistema capitalista, neoliberal que explora e oprime a classe trabalhadora. É a educação com o povo e não para o povo.

No verbete sobre Educação Popular do Dicionário Paulo Freire, Conceição Paludo (2018, p.172) nos aponta que

[...] a expressão educação popular designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação Libertadora, que é, ao mesmo tempo, gnoseológica, política, ética e estética (FREIRE, 1997). Esta educação, orientada para a transformação da sociedade, exige que se parta do contexto concreto/vivido para se chegar ao contexto teórico, o que requer a curiosidade epistemológica, a problematização, a rigorosidade, a criatividade, o diálogo, a vivência da práxis e o protagonismo dos sujeitos (FREIRE, 1995).

No livro *A educação popular na escola cidadã*, dedicado às educadoras e educadores do Rio Grande do Sul sob o governo de administrações populares, Brandão (2002, p. 141-142) afirma que

A educação popular foi e prossegue sendo a sequência de idéias e de propostas de um estilo de educação em que tais vínculos são re-estabelecidos em diferentes momentos da história, tendo como o foco de sua vocação um compromisso de ida-e-volta nas relações pedagógicas de teor político realizadas através de um trabalho cultural estendido a sujeitos das classes populares compreendidos não como beneficiários tardios de um "serviço", mas como protagonistas emergentes de um "processo".

Muitos são os termos/conceitos⁵ que foram chamados por Educação Popular no século XX, não vamos nos deter a classificar conceitos, mas sim trazer diferentes vozes para nos situar para quem e contra o que/quem a Educação Popular tem se colocado a serviço como um movimento social vivo, e portanto, aberto a mudanças e transformações.

Oscar Jara (2020), em seu livro *A educação popular Latino-americana: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos*, realiza um importante panorama histórico da Educação Popular na América Latina até as práticas da Educação Popular na atualidade. Esse panorama foi organizado por Oscar Jara (2020) em antecedentes (século XIX e primeira metade do século XX) e mais cinco períodos: primeiro período (da Revolução Cubana ao Governo da Unidade Popular no Chile 1959-1970); segundo período (do Governo da Unidade Popular no Chile ao triunfo da Insurreição Popular Sandinista 1970-1979); terceiro período (até o levante indígena zapatista 1979-1994); quarto período (até o I Fórum Social Mundial, em Porto Alegre/RS - 2001); quinto período (até o XIII Fórum Social Mundial, em Salvador/BA - 2018). Não vamos nos deter minuciosamente a todos os períodos, e sim observar que esse caminho percorrido por Jara nos fornece uma base sólida para compreender que

O uso do termo “Educação Popular” surgiu na América Latina logo depois da independência, como um componente da constituição de nossas nascentes repúblicas que buscavam a criação de modelos educacionais proporcionais à nova realidade republicana, em confronto com os paradigmas coloniais da educação e que, por sua vez, refletiam a busca de uma pedagogia produzida desde os desafios e circunstâncias de nossa região. (JARA, 2020, p. 66, grifos do autor)

Corroboram com Oscar Jara (2020), Conceição Paludo (2015) e Thiago Ingrassia Pereira (2021, p.5) sobre as principais bases conceituais da Educação Popular

(a) marxismo, (b) autores latino-americanos como Martí, Mariátegui e Freire, (c) teologia da libertação, (d) movimento indígena, (e) sindicalismo, (f) correntes socialistas e (g) teatro do oprimido. (PALUDO, 2015)

Entendemos aqui a conjunção de ideias, correntes, movimentos e lutas que juntos possibilitam a criação de uma educação alternativa e engajada contra-hegemônica de oposição à educação opressora. Em diferentes autoras/es como Freitas (2004), Streck (2010), Jara (2020) podemos verificar que geralmente a história da Educação Popular é contada a partir da década de 1960. Dessa maneira, Streck (2010) contribui para a contextualização histórica da Educação Popular ao dizer que:

⁵Mais sobre os diferentes empregos de “Educação Popular” ver Brandão (2002) e Jara (2020).

esse período no Brasil coincide com uma forte mobilização popular na qual se encontrava inserida a educação, em especial a alfabetização de adultos. A referência mais marcante desse movimento pedagógico-político-cultural é o projeto de Paulo Freire em Angicos, no Rio Grande do Norte, em 1963. Dentre os movimentos implantados no Nordeste, todos no início da década de 1960, podem ser citados o Movimento de Cultura Popular (MCP), criado na Prefeitura de Recife; a campanha "De pé no chão também se aprende a ler", instituída pela Prefeitura de Natal; e o Movimento de Educação de Base (MEB), criado pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em convênio com o governo federal. (p. 301)

Nessa década de efervescência, Paulo Freire e sua equipe dão cara e tom para a Educação Popular, tornando-se assim, grande referência na América Latina e também a nível mundial. Em consonância, Jara (2020) afirma que para Freire chegar a esse momento do desenvolvimento de suas ideias na década de 60 ele teria tido três grandes influências para criação da Pedagogia Libertadora, seriam elas: Elza, sua primeira esposa, que foi professora e alfabetizadora pioneira no ensino das artes e precursora da formação docente em escolas do Recife; o pensamento pedagógico de Anísio Teixeira e, a partir desse, a influência de Dewey; a terceira seria a sua longa experiência de trabalho no Setor de Educação e Cultura do SESI.

Infelizmente a proposta freireana, não apenas um método de alfabetização, foi arbitrariamente interrompida pela ditadura militar de 64.

Assim, com a experiência de Angicos como referência, em 1964 o ministro da Educação, Paulo de Tarso Santo, convida Freire para coordenar o Programa Nacional de Alfabetização (PNA) com a intenção de alfabetizar e politizar 5 milhões de pessoas adultas do Brasil. Entretanto, essa experiência durou somente 83 dias, pois oficializada em 21 de janeiro foi extinta pelo governo militar logo depois do golpe de Estado de 31 de março, concretamente por meio do decreto 53.886, em 14 de abril, como um dos primeiros atos da ditadura, que demonstra o quanto perigosa era considerada sua proposta pelos militares. Nas semanas seguintes ao golpe, toda a atividade de pesquisa e trabalho do Serviço de Extensão Cultural foi destruída, e muitos de seus ativistas foram presos ou exilados, entre eles Paulo Freire. (JARA, 2020, p. 87)

As suas andarilhagens por diferentes países durante o exílio, principalmente as experiências no Chile e nos países africanos, contribuíram para que Freire, apesar das dificuldades de estar longe do seu país e de sua família e seus amigos, pudesse maturar, organizar e sistematizar sua proposta até ela tomar corpo na Pedagogia do Oprimido.

Paulo Freire ao retornar do exílio, no final dos anos setenta

[...] reacende, entre muitos de nós, o debate ao redor de suas e das nossas idéias. Pois tanto nele próprio quanto em seus companheiros próximos ou remotos de ideais e de experiências subsiste um forte esforço de revisão de fundamentos teóricos e de atualização de práticas. A educação popular ganha uma dimensão, primeiro, bastante latino-americana. Do Chile ao México, a palavra, os símbolos, as idéias e as experiências alternativas ganham à volta deste nome novos intérpretes e conquistam novos campos de trabalho. Em anos seguintes, há uma verdadeira

internacionalização da educação popular. Há mesmo o clima de esperançosa euforia por toda a parte. (BRANDÃO, 2002, p.150).

Foi nesse período pós exílio com ascensão de governos de esquerda e com o Partido dos Trabalhadores (PT) chegando ao poder que tivemos a experiências de gestões participativas e populares. Para Pereira (2021, p.2) “ a experiência de gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal da Educação de São Paulo é paradigmática. Assim, das margens para o centro, do não formal para o formal, o movimento é parte e traço potente da Educação Popular”. Inspiradas nessa experiência vieram outras como a educação cidadã em Porto Alegre/RS.

Em artigo publicado recentemente, Pereira (2021, p.10) analisa o cenário pós-golpe de 2016 e afirma que

a Educação Popular precisa, mais uma vez, reinventar-se como espaço de produção de conhecimentos, sistematizações de experiências e na proposição de alternativas de, por um lado, resistências e, por outro, de afirmação do projeto popular no Brasil. Em seu horizonte imediato, o trabalho de base é tarefa de primeira ordem, revisitando sua própria história forjada no seio dos movimentos de cultura popular.

Sobre a atualidade da Educação Popular dialogamos com Maria Elisabete Machado (2019) que, em sua tese de doutorado, realiza uma leitura da Educação Popular na atualidade e a caracteriza da seguinte forma:

No que tange a atualidade, a Educação Popular é entendida a partir da perspectiva de compromisso social e de ação político-pedagógica. Resulta da experiência dos movimentos sociais, em consonância com a luta e resistência de outros campos, luta dos movimentos feministas, conectado às lutas populares das grandes periferias urbanas, do campo, populações LGBT's, trabalhadores/as dentro e fora do espaço formal e não formal. A Educação Popular também se faz na busca de formação e atuação docente nos diversos campos escola, universidade. É formativa e heterogênea, pois dialoga com o povo, independente de sua classe social. Portanto, a Educação Popular que nos referimos na atualidade, tem raiz cidadã, porque o conhecimento e partilha se anunciam tendo em vista a diversidade cultural do saber. (MACHADO, 2019, p.49)

A partir disso, podemos afirmar que a Educação Popular é a educação vivida e praticada por diferentes grupos, movimentos que se encontram e dialogam criticamente para construir formas mais justas para todas e todos. É trabalho de base, processo coletivo baseado na realidade concreta dos sujeitos sociais, uma alternativa solidária frente à lógica do capital.

Embasadas/os por essas/es e outras/os autoras/es entendemos, então, Educação Popular como movimento político e pedagógico de educação com as classes populares. Educação que valoriza, nutre e contribui para/com os saberes populares das comunidades

articulando-os com o saber científico, se coloca como meio de organização e formação política, cidadã e social. Numa perspectiva freireana, a Educação Popular tem caráter de educação libertadora para conscientização e emancipação de todos e todas, principalmente das oprimidas e dos oprimidos.

Dando continuidade aos pressupostos teóricos no próximo item, o enfoque está na busca por compreender a representatividade das Cartas Pedagógicas no legado de Paulo Freire, ou seja, entender como as Cartas Pedagógicas estão presentes na vida e na obra de Paulo Freire.

2.3 CARTAS PEDAGÓGICAS: UM LEGADO DE PAULO FREIRE

Entendemos Cartas Pedagógicas como um dos legados da obra de Paulo Freire, isso porque Paulo Freire publicou em diversos livros suas cartas, modalidade de escrita a qual ele tinha grande apreço.

A seguir trataremos das cartas nas obras de Freire, mas antes disso cabe o destaque que a expressão “carta pedagógica” foi cunhada por Paulo Freire nos seus últimos escritos que ficaram sobre a sua mesa quando ele veio a falecer. Essas cartas foram devidamente organizadas por sua esposa Nita Freire que nos presenteou com o livro *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (FREIRE, 2000). Nita foi sensível e perspicaz ao garantir essa publicação, talvez, sem o seu olhar apurado, essas cartas poderiam ter se perdido ao longo do tempo e junto com elas esse campo tão fértil e potente das Cartas Pedagógicas como um instrumento metodológico- formativo.

Reafirmo o conceito de Cartas Pedagógicas encontrado no verbete do Dicionário Paulo Freire (2018),

A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso. (VIEIRA, 2018, p.75)

De forma breve vamos andarilhar pelas obras de Freire nas quais as cartas ganharam destaque e apontar alguns aspectos referente a sua forma e seu conteúdo com a intenção de construir uma caracterização e conceituação acerca do que seja uma Carta Pedagógica.

O foco dessa pesquisa procura por contribuições que possam nos embasar sobre as possíveis potencialidades da escrita e troca de Cartas Pedagógicas enquanto instrumento fomentador de diálogos críticos-reflexivos.

Olhamos para a obra de Edgar Pereira Coelho (2011) que transformou sua tese de doutorado em livro o qual foi intitulado *Pedagogia da Correspondência: Paulo Freire e a Educação por cartas e livros* em que ele se propôs a pesquisar diversas cartas escritas por Paulo Freire e as dividiu em três períodos: pré-exílio, exílio e pós-exílio.

Na segunda parte do seu livro, Edgar Coelho (2011) realiza uma análise dos quatro livros de Freire: *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (1979); *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993), *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis* (1994); *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000). O próprio autor descreve o seu livro como:

[...] um exercício de leitura das formas prediletas que ele [Paulo Freire] escolheu para exprimir seus conteúdos básicos e, ao mesmo tempo, uma investigação do conteúdo que pode ser derivado da forma (carta). O trabalho estrutura-se em dois grandes conjuntos, que serão objetos de análise: (i) a correspondência, ou seja, as cartas propriamente ditas- que ele enviou ou recebeu - e (ii) as obras cujo conteúdo, de uma maneira ou de outra, tomou a forma de cartas. A este último conjunto denominarei livros-epístolas, por analogia com as também cartas abertas de Paulo de Tarso às várias comunidades cristãs (Romanos, Tessalonicenses, etc.) e que, tradicionalmente, são denominadas "epístolas". (COELHO, 2011, p.24)

Cabe ressaltar que apesar contribuições de Edgar Coelho sobre as cartas escritas por Paulo Freire ele não utilizou a expressão Cartas Pedagógicas no seu livro sobre Pedagogia da Correspondência. Expressão essa utilizada pelo próprio Freire nas últimas cartas escritas antes do seu falecimento. Afirmado nosso posicionamento à visibilidade da expressão Cartas Pedagógicas, damos continuidade a análise realizada.

Começaremos pelo livro *Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (1979), nele Freire reuniu as cartas trocadas, entre 1975 e 1976, com Mário Cabral e as/os educadoras/es guineenses, chamados de animadores culturais, durante o período que estava contribuindo com a construção de um projeto de educação com Guiné-Bissau. Durante todo o livro, nas diversas cartas, Paulo Freire afirma e reafirma que o trabalho em Guiné-Bissau aconteceria de forma colaborativa e não numa perspectiva de fora para dentro, ou seja, colonizadora. Como podemos ver no seguinte trecho da carta número 2, que trata do aceite do convite feito a Paulo Freire:

Ao retomarmos, agora, após a chegada de sua carta, em termos mais sistemáticos, o trabalho em equipe, com vistas à colaboração re-ferida, de uma coisa estamos convencidos, não apenas em função de nossas experiências anteriores, mas sobretudo devido à nossa opção política, à qual procuramos ser fiéis – a de que nada

teremos a ensinar ai se não formos capazes de aprender *de e com* vocês. Por isso mesmo é que iremos à Guiné-Bissau como camaradas, como militantes, curiosa e humildemente, e não como uma missão de técnicos estrangeiros que se julgasse possuidora da verdade e que levasse consigo um relatório de sua visita, quando não escrito, já elaborado em suas linhas gerais, com receitas e prescrições sobre o que fazer e como. Receitas e prescrições que seriam, para tal missão, a expressão do conhecimento que seus participantes teriam ganho de suas experiências passadas. (FREIRE, 1979, p.86, grifos do autor)

Encontramos duas das características que acreditamos que uma Carta Pedagógica necessita ter: caráter problematizador e intencionalidade de ser um instrumento fomentador de diálogo. Neste outro trecho, da mesma carta, Freire (1979, p.87) diz:

[...] toda vez que, pessoalmente aí, ou por cartas, façamos referências a aspectos desta ou daquela experiência de que tenhamos diretamente participado ou de que tenhamos informações precisas, a intenção será sempre a de problematizar, a de desafiar.

Corroboramos com Edgar Coelho (2011) quando afirma que Paulo Freire ao escrever as cartas aos guineenses “escrevia ao mundo, pois não há dúvidas, de que o seu conteúdo tornou-se universal. [...] Ao mesmo tempo em que orienta, mostra como implementar, praticamente, um programa de educação libertadora” (p.86) não de maneira prescritiva, mas exercendo o movimento de ação-reflexão-ação.

Nas cartas trocadas e organizadas no livro em questão, observamos através da saudação final de cada carta uma crescente que demonstra a aproximação fraterna e de intimidade entre remetente e destinatário/os o que nos leva a pensar em outra potencialidade da troca de cartas: o fortalecimento dos laços de amizade e companheirismo através da palavra, através do diálogo freireano. Portanto, um diálogo crítico-reflexivo e amoroso.

O diálogo é uma categoria central no pensamento de Paulo Freire, pois perpassa toda a sua obra e também sua práxis, já que para Freire não há dicotomia entre teoria e prática. Segundo o verbete do Dicionário Paulo Freire (2018), diálogo significa um:

[...] processo dialético-problematizador. Ou seja, através do diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação. Nessa perspectiva, o diálogo é a força que impulsiona o pensar crítico problematizador em relação à condição humana no mundo. Através do diálogo podemos dizer o mundo segundo nosso modo de ver. Além disso, o diálogo implica uma práxis social, que é o compromisso entre a palavra dita e nossa ação humanizadora. Essa possibilidade abre caminhos para repensar a vida em sociedade, discutir sobre nosso ethos cultural, sobre nossa educação, a linguagem que praticamos e a possibilidade de agirmos de outro modo de ser, que transforme o mundo que nos cerca. (ZITKOSKI, 2018, p.140)

Dessa maneira, *Cartas a Guiné-Bissau* é livro referência na obra de Freire e a materialização da proposta do seu método de alfabetização e dos círculos de cultura e, de

maneira ampla, da concepção de educação libertadora como um todo, sendo recriada em outro país pelo seu respectivo povo. Segundo Freitas (2020, p.58-59), “as cartas disponibilizadas por meio dessa publicação seguem sendo referência para a reinvenção de práticas educativas transformadoras em outros contextos”.

O segundo livro analisado foi *Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis* (1994), obra escrita como resposta à carta da sobrinha de Freire, Cristina, que queria conhecer um pouco mais da história de como Paulo se transformou de menino do interior para o grande Paulo Freire, educador e pensador de reconhecimento internacional. Freire usou nesse convite, chamamento à escrita, o caráter pedagógico das cartas e, ao publicar, compartilhou com o público suas ideias, sua vida e obra desde a meninice e como foi se constituindo um educador conscientizado e engajado ao longo dos tempos e dos lugares/espacos por onde passou.

A escolha do gênero carta de escrita, seja na correspondência concreta, seja sob a forma fictícia, traduz uma preocupação com a simplicidade e com a intimidade. Mas, acima de tudo, traduz a preocupação com a simplicidade e com a intimidade. Mas, acima de tudo, traduz a preocupação dele com a dialogicidade, pois este formato de escritura exige, ou pelo menos espera respostas do interlocutor. É um gênero antibancário, dialogal, pois quem o usa não quer dar lições, nem depositar, informar ao outro, mas com ele conversar. Mesmo em *Cartas a Cristina*, que tem uma estrutura mais ensaística, a destinatária não aguentou a provocação e se manifestou, também, em uma carta, que ele publicou, com justiça e sabedoria, na mesma obra. (COELHO, 2011, p.92)

Cartas a Cristina (1994) é um livro beirando a autobiografia que Freire nos brindou escrevendo sobre as suas andarilhagens pelo mundo, como menino conectivo que foi. Já nas suas palavras iniciais narra sua experiência como exilado. Nesse momento do livro nos remetemos às atrocidades cometidas durante o golpe e ditadura militar (1964-1985) e também ao contexto político que vivemos atualmente com a isonomia dos três poderes ameaçada e a democracia, como um todo, sendo duramente atacada.

O livro é dividido em duas partes, composto de 18 cartas escritas por Freire e pela Carta escrita por Cristina ao seu tio Paulo. E conta também com a organização e notas, de suma importância, de Ana Maria Araújo Freire (Nita Freire).

Não poderia nem deveria ser apenas a “notista” que explica neutralmente, desaparecendo enquanto quem escreve. As notas, entendo, devem carregar os sentimentos, a emoção, e as reflexões de quem as escreve. Devem também ter a marca, -, o estilo de quem as escreve. Minha autonomia se deve à minha segurança sobre o que escrevo e à minha maneira e estilo de escrever, mas também porque eram respeitados por Paulo desde o momento em que leu os meus escritos. Assim, esta minha colaboração não foi um privilégio instaurado pela relação marido-mulher. Foi o reconhecimento dele a mim. (FREIRE, Nita in FREIRE, 1994, p. 301-302)

Reconhecimento esse que aparece na dedicatória do livro na qual Paulo Freire escreveu: “A Ana Maria, minha mulher, não apenas como meu agradecimento pelas notas, com as quais, pela segunda vez, melhora livro meu, mas também com a minha admiração pela maneira séria e rigorosa com quem sempre trabalha.” (FREIRE, 1994)

A partir desse testemunho de Nita Freire que se coloca como agente produtora de sua história, da autonomia de suas ideias e não como mera coadjuvante do marido, percebemos a força de seu pensar e um questionamento se faz pertinente: Qual a importância do pensamento das mulheres na vida de Paulo Freire e quais as contribuições em sua obra? Esse não é o tema desta pesquisa, mas poderia ser. Uma possibilidade entre tantas outras para a continuidade dos estudos e pesquisas dentro do universo freireano e feminista. Sem entrar mais a fundo na questão e sem buscar o que já foi escrito sobre a questão, atrevo-me a dizer que nitidamente, em diferentes trechos de seus livros, entrevistas e outros registros, Freire explicita a contribuição e participação dessas mulheres: sua mãe; a primeira esposa, Elza, que antecipara que Freire deveria tornar-se educador, deixando o direito logo já na sua primeira causa; as colegas, em diferentes projetos; Nita Freire, contribuindo diretamente em vários de seus livros.

Dando continuidade aos destaques do livro analisado, da primeira à décima segunda Carta somos apresentados às alegrias e desafios da infância e juventude de Paulo Freire, as dificuldades e a fome em Jaboatão, pequena cidade próxima a Recife, depois do adoecimento e falecimento de seu pai e das consequências da crise de 1929. Conhecemos a coragem e os ensinamentos de sua mãe, suas primeiras relações com o aprender com o mundo e com a escola, sobre suas professoras e professores até chegarmos à décima primeira e décima segunda Cartas que falam, respectivamente, sobre o seu trabalho no SESI e as experiências no Movimento Cultural Popular (MCP) e no Serviço de Extensão Cultural (SEC) em Angicos/RN. Constituindo capítulos importantíssimos da vida e da obra de Freire que merecem muito estudo e atenção para quem de fato pretende compreender o fazer e o pensar desse grande educador brasileiro. “Partilhando dessas cenas, com Paulo Freire, a partir da autobiografia contida em *Cartas a Cristina*, pode-se compreender as raízes de suas preocupações com os esfarrapados e oprimidos do mundo.” (COELHO, 2011, p. 91)

Na décima terceira Carta, denominada “*uma Carta de transição*”, Freire retoma o diálogo com a sobrinha Cristina, demarcando fortemente a abertura ao diálogo como característica das Cartas Pedagógicas.

Cheguei, Cristina, ao fim do primeiro momento destas cartas a você. Esta é, por isso mesmo, uma carta de transição entre as em que, atendendo a sua solicitação inicial, falei preponderantemente de mim. De mim menino, de mim jovem, de mim homem. Ou também em torno de mim, de como penso, de como submeto sempre minha prática a uma reflexão teórica, de como, sem martirizar-me e punir-me, procuro constantemente ser coerente, diminuir a distância entre o que digo e o que faço. Esta é uma carta de transição entre o primeiro bloco de cartas, em que falei de alegrias, de dores, de sofrimentos, de experiências pessoais, e o segundo, em que, ainda quando dizendo algo de mim, falo de um elenco de temas que me tem sido sugerido dentro e fora do Brasil em seminários, em entrevistas, em leituras de jornais e de revistas. (FREIRE, 1994, p. 226)

Foi a partir do convite ao diálogo por meio de cartas e da curiosidade e insistência de Cristina que seu tio Paulo Freire se viu provocado, instigado a escrever sobre o seu próprio processo de tornar-se educador, ou seja, escrever sobre suas memórias. Assim, Freire nos presenteou com o inédito-viável das Cartas Pedagógicas ao criar um

verdadeiro subgênero literário, no conjunto do gênero literário carta, usado por Montesquieu e por tantos outros, mas recriado por ele [Paulo Freire], a partir de uma reconfiguração e imbricação dos universos real e ficcional. (COELHO, 2011, p. 88)

Ficcional por que nossas memórias podem ser traiçoeiras quanto ao rigor dos acontecimentos, mas, ao mesmo tempo, “afasta-se do universo ficcional, uma vez que traduz a real visão de mundo de quem rememora e de seu próprio tempo.” (COELHO, 2011, p. 87) Paulo Freire foi muito feliz ao recorrer à “ficção também como um artifício para publicizar o particular, aproveitando até mesmo a intimidade de suas relações familiares para alertar o mundo sobre a necessidade de uma pedagogia e de uma política dos oprimidos.” (COELHO, 2011, p. 88)

Cristina foi uma remetente e destinatária real, assim como Nathercinha, prima de Cristina, com quem Freire também trocou cartas. Nathercia Lacerda publicou, em 2016, um livro intitulado *A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha* onde. A obra reconta a história de sua família e, portanto, parte da sua história também, além de compartilhar as seis cartas manuscritas por Paulo Freire e enviadas a ela. Um encanto de livro! Não só pelo teor das cartas, mas também pela leveza da escrita e pela fotografia impecável. Na primeira carta, enviada do Chile no outono de 1967, respondendo a menina Nathercinha, que na época não compreendia o porquê do afastamento de Paulo Freire e sua família do Brasil, Paulo Freire escreveu assim:

Querida prima Natercinha
Recebi sua cartinha. Fiquei muito contente. Elza também ficou. Achei ótimo que você se lembrasse de me escrever. [...] É uma coisa boa, Natercinha, que a gente nunca deixe de ser menino. Os homens atrapalham as coisas complicam tudo. Não

sei vai entender isso que vou lhe dizer. Mamãe e papai lhe explicam melhor. Cresça, mas nunca deixe morrer em você a Natércinha de hoje, que começa a descobrir o mundo cheio de curiosidade. Se os homens não deixassem morrer dentro deles o menino que eles foram se compreenderiam melhor. Mas eu não quero fazer carta complicada para você. Carta de gente grande. [...] Dessa maneira, tôda vez que queira conversar comigo, me escreva. Você é hoje a mais nova de minhas amigas que me escrevem sempre. Da casa azul onde estou lhe mandando nesta carta um beijo. E um abraço bem forte para seus pais, a quem quero muito.
Do seu primo Paulo (LACERDA, 2016, p. 50-51)

Seguindo análise, é a vez do livro *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar* (1993) composto por dez cartas. Diferente dos livros anteriores que inicialmente não tinham objetivo de serem cartas escritas e pensadas para compor um livro, dessa vez Freire tem como destinatário o coletivo de educadoras e educadores que ousam ensinar. Nessa medida, percebemos que “a forma carta deste livro não está na sua estrutura externa, nem na configuração de seus capítulos, mas na sua abertura ao diálogo, uma vez que ele é, escancaradamente, um convite à complementação [...]”(COELHO, 2011, p.97) ao diálogo com suas leitoras e leitores.

Ainda segundo o mesmo autor,

esta obra é mais que um livro; é mais que dez cartas; é, na verdade, um conjunto de análises e proposições fundamentais a prática pedagógica em qualquer lugar do mundo. Os conteúdos nela desenvolvidos contêm orientações pertinentes para a formação permanente dos educadores. Ele consegue, com muita sutileza, fazer a passagem necessária do ficcional para o real. (COELHO, 2011, p.96)

De forma contundente, podemos observar o que podemos chamar de o “x da questão” da diferenciação entre o gênero carta, reconhecido e amplamente utilizado ao longo da história da escrita da humanidade, e o gênero Carta Pedagógica, inaugurado por Freire. Trata-se aqui de uma reinvenção da forma, mas principalmente do conteúdo. Acrescenta-se a isso o caráter pedagógico, a intencionalidade do diálogo mediador dos processos epistemológicos. A Carta Pedagógica tem muitos objetivos além de puramente comunicar algo a alguém. Dentro dessa invenção/recriação de Freire, os destinatários podem ser reais ou imaginários, individuais ou coletivos.

As Cartas Pedagógicas são também um instrumento metodológico formativo fomentador de diálogos e reflexões sobre a práxis. Isso porque, ao escrever uma Carta Pedagógica, ou seja, uma carta com um conteúdo, uma intenção pedagógica, nos abrimos ao diálogo com o outro e esperamos uma resposta dessas/es destinatárias/os. Ana Lúcia Souza de Freitas (2018) escreveu na Carta-prefácio do livro *A atualidade do pensamento pedagógico de Paulo Freire* (PEREIRA, 2018):

Por meio da escrita de Cartas Pedagógicas, Paulo Freire nos convida a viver a unidade constitutiva entre leitura e a escrita, exercidas como forma de diálogo, em uma tríplice perspectiva: o diálogo com as autoras e os autores, o diálogo consigo mesmo e o diálogo com outras leitoras e leitores. Nesse sentido, contribuem para o desenvolvimento do ato crítico de estudar, sugerindo possibilidades para que possamos “ser mais” com o outro. (FREITAS, 2018, p. 13-14)

Foram abordados os principais elementos que acreditamos compor uma Carta Pedagógica de forma mais consistente no capítulo de análise das trocas de Cartas Pedagógicas entre educadoras populares de diferentes contextos escolares e não-escolares.

E, por fim, voltamos à *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* (2000) a qual tínhamos feito uma singela introdução devido a sua importância para o tema tratado nesta pesquisa. No livro em questão Freire traz toda sua justa-ira com uma série de acontecimentos, tais como: o assassinato do indígena Galdino, que foi queimado enquanto dormia numa parada de ônibus; a emoção com a marcha do Movimento dos Sem-Terra (MST) em Brasília. Um livro no qual Freire vai além de falar com educadoras e educadores, mães, pais, famílias sobre a questão da autoridade e do autoritarismo, pois as/os convoca para o diálogo, para reflexão e para a busca do Ser Mais.

No prefácio do livro encontramos uma belíssima carta-prefácio escrita por Balduino Andreola em que ele tece um diálogo com seu amigo Paulo. Por diversas vezes o professor Balduino, principal idealizador do Fórum Paulo Freire no RS, afirmou que essa é a escrita que ele tem mais apreço em ter feito. E quem já leu as palavras de Balduino a Paulo compreende a complexidade e ao mesmo tempo a simplicidade das intenções e emoções presentes nessa Carta Pedagógica. O professor Balduino Andreola inicia dizendo:

Paulo,
 Recebi tuas Cartas pedagógicas, que Nita amavelmente me enviou, pedindo-me que, depois de lê-las, pusesse no papel minhas reflexões sobre as mensagens nela contidas. Foi com muita emoção que as li, pois foram as últimas cartas que escrevestes à amigas e aos amigos do mundo inteiro. [...] Pessoalmente, Paulo, penso que cartas recebidas de amigos devem também ser respondidas por carta. Foi por isso que decidi escrever-te. [...] Na primeira de tuas Cartas, te propões escrever num clima de abertura ao diálogo, de tal modo que o leitor ou leitora pudesse ir percebendo que a possibilidade do diálogo com seu autor se acha nelas mesmas, na maneira curiosa com que o autor as escreve, aberto à dúvida e à crítica. Este propósito e esta atitude foram constantes em tua vida e em tua obra. (ANDREOLA, 2000, p. 15 e 16)

Nesse trecho da carta-prefácio do querido professor “Baldô” fica evidente a característica principal das Cartas Pedagógicas de Freire: a abertura ao diálogo. Balduino Andreola (2000) ao contextualizar sua escrita em forma de Carta-prefácio “corroborar a compreensão acerca de que as Cartas Pedagógicas, como uma modalidade de escrita convida

ao diálogo, constituem mais uma expressão do potencial pedagógico do pensamento freireano.” (FREITAS, 2018, p. 13)

Corroboro com o professor Balduino Andreola (2000, p.21) quando afirma que: “Paulo, a leitura de tuas Cartas nos oferece pistas extraordinariamente ricas e desafiadora de novas leituras da tua obra”. Sendo assim, ao ler o livro *Pedagogia da Indignação*, nos sentimos convidados e, mais do que isso, sentimos a necessidade de visitar a obra de Paulo Freire de modo a aprofundar nossa compreensão de cada categoria do pensamento freireano que Freire soube sintetizar de forma a promover a curiosidade de suas leitoras e seus leitores.

Em sua primeira Carta Pedagógica, Paulo Freire nos conta o “causo” do menino sem limites que apertava o pintinho em suas mãos com tamanha força retirando seu direito à vida como ser vivo que é. Edgar Pereira Coelho (2011) discorre que Paulo Freire:

se lembra desse acontecimento e o rememora, para nós, seus leitores, com o olhar filósofo, demonstrando-nos a dialética na concretude da vida cotidiana [...]. Ele experimentou, com a estória do menino malvado, a “ditadura da liberdade.” (COELHO, 2011, p. 99)

Nas palavras de Freire (2000), em sua primeira carta “*Do espírito deste livro*”, ele afirma que: “Estas Cartas Pedagógicas expressam mais um momento da luta em que me empenho como educador, portanto, como político também, com raiva, com amor, com esperança, em favor do sonho de um Brasil mais justo.” (FREIRE, 2000, p. 56)

Na segunda carta “*Do direito e do dever de mudar o mundo*” Paulo Freire, como um bom andarilho do mundo que foi, nos instiga a refletir sobre a relevância do sonho e da utopia e nos incentiva a esperar através do engajamento e participação nas diferentes marchas. E ele discorre brilhantemente no último parágrafo da segunda carta: “A esperançosa dos marcha que sabem que mudar é possível”. (FREIRE, 2000, p.70) Essa carta foi escrita, segundo Nita Freire, após forte emoção de Freire ao ver a marcha do MST em 17 de abril de 1997.

Quando Paulo viu aquela multidão entrando, altiva e disciplinadamente, na Esplanada dos Ministérios, ficou de pé caminhando de um lado para outro da sala, com os pelos do corpo eriçados, poros abertos e suor quente. Repetia com voz emocionada, falando para os Sem Terra e não para mim estas palavras carregadas da sua compreensão perante o mundo: “É isso minha gente, gente do povo, gente brasileira. Esse Brasil é de todos e todas nós. Vamos em frente, na luta sem violência, na resistência consciente, com determinação tomá-lo para construirmos, solidariamente, o país de todos e de todas os/as que aqui nasceram ou a ele se juntaram para engrandecê-lo. Esse país não pode continuar sendo o de poucos... Lutemos pela democratização desse país. Marchem, gente de nosso país...” Paulo terminou esta Segunda carta neste mesmo dia. Nela convocou outras marchas. Com a humildade habitual não disse, sequer mencionou que esta Marcha também tinha suas raízes na sua compreensão de educação libertadora. Que os movimentos sociais brasileiros ganharam, não só o MST, indiscutivelmente, consistência nas suas práxis através do que ele, Paulo, propôs no seu trabalho teórico antropológico-ético-ideológico-político educacional. Propôs com a sua vida. (FREIRE, Nita, 2000, p. 73)

Na terceira carta denominada “*Do assassinato de Galdino Jesus do Santos – índio Pataxó*”, Paulo Freire mostrou toda a coerência entre sua fala e prática quando se coloca a favor dos oprimidos. Nessa carta nos alerta para o “perigo que corremos se continuarmos a criar filhos sem o mínimo de limites” (COELHO, 2000, p. 100). Paulo Freire :

“Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgentificando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer”. (2000, p.76)

Freire demonstra toda sua intensidade e humanidade ao escrever sobre os processos de “desgentificação” que, aliás, estão intensificados no Brasil de hoje, que sofre com um governo que se volta contra o seu próprio povo, nos abandonando à própria sorte em meio a uma pandemia, sem emprego e comida no prato.

Nas palavras de Coelho (2011), as demais cartas que compõem o livro, “*Descobrimientos da América*”, “*Alfabetização da miséria*” e “*Desafios da educação de adultos ante a nova reestruturação tecnológica*”, “dão conta do diálogo permanente com a causa do oprimido e os desafios dos novos tempos”. (COELHO, 2011, p. 100)

As obras de Freire discutidas, até aqui, têm em comum o gênero carta e, através desse estudo, buscamos destacar a importância desses livros dentro da obra de Freire e de seu legado. De forma simples e direta, Paulo Freire almejou chegar ao maior número de pessoas procurando se conectar a elas para que assim o diálogo e a aprendizagem pudessem ser semeados num terreno fértil em que possam florescer.

A partir do que foi tratado nesse pressuposto, pode-se dizer que as Cartas Pedagógicas são um inédito-viável no qual Freire ousou ir além do alcance comunicativo das cartas e acrescentou a elas a intencionalidade e a amorosidade, anunciando assim uma profunda forma de dialogar e ensinar-aprender com todas e todos a qualquer tempo. Paulo Freire é conhecido como “menino conectivo” e esse menino sonhador criou muitos conceitos e palavras, entre elas criou a expressão Cartas Pedagógicas.

2.3.1 Da tradição da escrita de cartas às atualidades e reinvenções das cartas pedagógicas

Cartas constroem fio a fio a história de uma experiência de educação.
(CAMINI, 2012, p.82)

Falar sobre cartas é falar sobre comunicação por meio da escrita. É um modo de olhar para a história da humanidade através da lente de quem vivenciou determinado tempo histórico. Para contextualizar, mesmo que de forma breve, a relevância das cartas é embasada em Isabela Camini (2012).

Cartas, como registro por escrito da comunicação, de grandes descobertas, das arquiteturas de guerras, notícias da família, cheias de amor e paixões, o último refúgio de exilados e/ou presos, descrição de lugares e situações da natureza e da sociedade. Segundo a autora, “em todos os tempos, entre diferentes povos, culturas e classes sociais, escrever e receber cartas significou (e significa) um gesto amoroso e de gratidão entre as pessoas. Isto é, escrever cartas sempre foi uma forma de se comunicar” (CAMINI, 2012, p.23).

Escrever cartas já foi um verdadeiro acontecimento na casa de muitas famílias. Considerando que era preciso aguardar que uma pessoa alfabetizada pudesse fazer a ação de ler e responder as cartas, o que a arte representou através do filme *Central do Brasil*⁶. E, também havia uma preparação do papel, da caneta e depois a longa distância até a carta chegar ao seu destinatário. Aquela ansiedade por respostas e a alegria de receber uma carta! Mas, com o passar do tempo, com a democratização da educação esse jogo foi mudando. Hoje já passamos por uma nova revolução, desta vez, tecnológica que trouxe agilidade e conexão com o mundo através da internet e de suas ferramentas de comunicação, mas também vem transformando as pessoas, deixando as pessoas mais frias, sérias e distantes.

Ao escrever o livro *Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam* (2012), que se tornou grande referência para educadoras pesquisadoras e educadores pesquisadores sobre o legado das Cartas Pedagógicas de Paulo Freire, Isabela Camini convida a comunidade freireana a refletir sobre essa temática emergente, colocando em pauta os estudos sobre Cartas Pedagógicas.

⁶Filme brasileiro *Central do Brasil* (1998) de Walter Salles. Drama/comédia dramática em que Fernanda Montenegro escreve cartas para alguns analfabetos na estação do trem central do Brasil, no Rio de Janeiro. (CAMINI, 2012, p. 25)

Para alcançar o objetivo de sua escrita Camini traz alguns mestres da humanidade (CAMINI, 2012) que teceram suas memórias e seus testemunhos em forma de cartas, são eles: Paulo Apóstolo, Francisco de Assis, Antônio Gramsci, Francisco Julião, Rosa Luxemburgo, Che Guevara, Olga Benário, Dom Hélder Câmara, José Saramago, Frei Betto e Paulo Freire. Segunda a autora, a escolha se deu por serem pessoas extremamente conectadas ao seu tempo. Pessoas envolvidas nas “teias e dilemas do seu tempo, como intelectuais, políticos ou religiosos, empenhados em lutar contra as injustiças e construir um mundo diferente, ao mesmo tempo”. (CAMINI, 2012, p.31)

Adentrando nas Cartas Pedagógicas, Isabela Camini (2012) analisa três obras de Freire: *Cartas à Guiné-Bissau*, *Cartas a Cristina*, *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. E, num segundo momento, analisa o livro *Pedagogia da indignação* num esforço reflexivo de problematizar a relação do conteúdo das Cartas Pedagógicas com as cartas dos lutadores do povo (CAMINI, 2012) e assim tecer uma compreensão sobre Cartas Pedagógicas:

[...] entendemos que uma carta, que se proponha a ser pedagógica, deva ter cunho pedagógico, isto é, essencialmente seja portadora de conteúdo, de metodologia popular, de uma intencionalidade formativa e informativa; que seja de e para sujeitos sociais imbuídos de uma pedagogia que pretenda libertar o oprimido do opressor sem, com isso, passar a assumir o seu lugar. (CAMINI, 2012, p.81)

Isabela Camini com sua leitura de mundo sensível e profunda escreveu que: "Uma Carta Pedagógica, necessariamente, precisa estar grávida de pedagogia. Portar sangue, carne e osso pedagógicos". (CAMINI, 2012, p. 35). Assim como uma mulher pode gerar no seu ventre uma vida, se assim ela quiser, uma Carta Pedagógica necessita gestar a pedagogia. Toda Carta Pedagógica nasce ou deveria nascer encharcada de intencionalidade pedagógica.

A Recid, com a experiência da escrita de cartas coletivas e inspirada no legado de Paulo Freire, assumiu para si o compromisso de dar continuidade, recriando e reinventando novas formas de comunicar pedagogia em rede com cartas recebidas de educadores e educadoras dos 27 estados e respondendo todas as cartas. Segundo Camini (2012, p. 84), “Cartas que falam de uma realidade, uma prática, uma experiência, uma proposta, uma convicção. São Cartas que partem e que chegam, provocando a pensar”. A partir das experiências e de seus desdobramentos, dos conhecimentos e saberes coletivos construídos ao escrever uma Carta Pedagógica a autora sugere, como método, os seguintes passos:

Primeiro passo: escolher um fato, se possível ligado diretamente à realidade do grupo para o qual se escreve a carta;
 Segundo passo: descrever o fato e mostrá-lo como reflexo de uma realidade maior, com incidência nas famílias, na escola, na sociedade;
 Terceiro passo: construir a carta coletivamente, buscando refletir sobre a realidade escolhida, e intencionada a provocar mudanças;
 Quarto passo: reler a carta, cuidadosamente, aprimorando as ideias que não estão bem claras, especialmente aquelas que não dizem bem o que se quer dizer. (CAMINI, 2012, p. 96-97)

Uma importante sistematização para que outras e outros sintam-se convidados e convocados a escrever e (re)pensar esses e outros passos, uma forma de tornar cartas em Cartas Pedagógicas. Assim, (re)afirmando sua posição política e pedagógica, ou seja, sua consciência crítica. Ao final do livro de Isabela Camini temos uma carta (resposta) Francisco M. Teixeira que nos parece sintetizar muito bem a alma do livro em questão: “sua carta é também uma grande pergunta distribuída em várias pequenas perguntas. Quem pergunta quer respostas, [...] uma carta [...] respondida não necessariamente com respostas apenas, mas com perguntas.” (2012, p. 99) Quantas perguntas estão sendo feitas a cada pessoa que se dispõe a ler, refletir, escrever sobre Cartas Pedagógicas para quiçá reinventá-las nos mais diferentes contextos? São formas de luta por sonhos possíveis! Inédito-viáveis!

A partir da leitura realizada do livro *Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular* (PAULO; DICKMANN, 2020) foram destacadas algumas proposições julgadas relevantes para a fomentação teórica acerca das Cartas Pedagógicas. Proposições essas presentes, principalmente, em três Cartas Pedagógicas: a primeira de autoria de Fernanda Paulo; a segunda de Ivano Dickmann; e a terceira de Ana Lúcia Souza de Freitas.

Fernanda dos Santos Paulo, educadora popular, pesquisadora, professora universitária tem se dedicado a estudar os pioneiros e pioneiras da Educação Popular (ver tese no Estado do conhecimento), entres eles está o antropólogo e educador popular Carlos Rodrigues Brandão o qual tem um vasto repertório de escrita de cartas as quais algumas delas foram analisadas pela educadora. Fernanda Paulo e Ivo Dickmann (2020, p. 31) afirmam que “toda carta pedagógica ancorada nos princípios da Educação Popular tem, necessariamente, uma escrita engajada na luta pela superação da sociedade de classes”. Engajar-se é uma característica de quem escreve cartas pedagógicas.

Ivano Dickmann (2020), num exercício de sistematizar o que vem sendo construído, pelo coletivo de educadoras/es pesquisadoras/es estudiosas/os, sobre Cartas Pedagógicas,

indica na sua carta as dez características de uma Carta Pedagógica⁷, sendo essas: 1. Ponto de partida; 2. Objetivo da escrita; 3. Por que é pedagógica?; 4. O efeito da Carta Pedagógica; 5. O conteúdo da Carta Pedagógica; 6. Escrever exige compromisso; 7. As potências da Carta Pedagógica; 8. Para quem escrevemos?; 9. A resposta da Carta Pedagógica; 10. O método de escrita da Carta Pedagógica. Ao finalizar sua carta, Ivanio Dickmann (2020, p.49-50) escreve

Vamos desvendando juntos quais as possibilidades de formas e conteúdos para nossas cartas pedagógicas. Vamos criando e recriando suas estruturas. Vamos reinventando a forma de escrever no meio popular e acadêmico.

Já em 2004, Ana Lúcia Souza de Freitas, na sua tese de doutorado, nos convida a percorrer caminhos que nos fazem pensar sobre os benefícios do registro reflexivo para a nossa práxis e para a anunciação de inéditos-viáveis.

Nas palavras de Freitas (2020, p. 55),

tenho me dedicado a sistematizar a experiência de mais de 20 anos no ensino superior, revisitando minha tese de doutorado acerca da Pedagogia do Inédito-viável (FREITAS, 2004) e atualizando suas proposições metodológicas, entre elas, as Cartas Pedagógicas. Assim, de modo não planejado, mas também não por acaso, escrevi, entre agosto e dezembro de 2019, 16 Cartas Pedagógicas para diversas destinatárias e destinatários, com diferentes finalidades.

O que podemos nomear como um ciclo vivido, da sua tese ao seu último livro (FREITAS, 2020), no qual a sistematização de suas pesquisas resultou no entendimento do processo de (trans)formação permanente⁸ com base na matriz tetragramática. Freitas (2020), parafraseando o autor Edgar Morin (1990) diz que “a matriz tetragramática expressa a complexidade do movimento de ação-reflexão-ação, levando em conta dois outros elementos que envolvem o processo pedagógico: a emoção e o registro.” (p.74)

O Tetragrama da (Trans)formação Permanente propõe a matriz tetragramática como referência para desafiar a compreensão/realização de práticas pedagógicas enquanto processo emancipatório, considerando as relações constitutivas entre quatro elementos: ação, reflexão, emoção e registro. (FREITAS, 2020, p. 75)

Caracterizando assim, um modo de andarilhar, um “exercer o movimento de ação-reflexão-emoção-registro como um movimento contínuo de investigação a fim de aprender,

⁷Ver Ivanio Dickmann (2020 p. in PAULO; DICKMANN, 2020) Disponível em: <http://livrologia.com.br/anexos/1432/50003/livro-cartas-pedagogicas-pdf>

⁸ Com base em Moita (1995), a grafia (trans)formação é empregada para enfatizar a compreensão acerca da complexidade dos percursos formativos que não se reduzem às relações formais da articulação universidade escola, mas incluem diversas interações da vida pessoal e profissional que, sincrônica e diacronicamente, configuram singularidades. (FREITAS, 2020, p. 74)

ensinar e produzir conhecimento com a própria história”. (FREITAS, 2020, p. 76) Nos instigando a criar práticas autorais, inéditos-viáveis.

Freitas nos últimos anos vem se dedicando a inserção e visibilidade das Cartas Pedagógicas como modalidade de escrita para trabalhos acadêmicos. Um questionamento presente em quase todas as vezes que se propõe a escrita de Cartas Pedagógicas é o tal “como fazer?”. Buscando responder esses e outros questionamentos sobre o uso de instrumentos metodológicos e contribuir com o processo de registro de nossas experiências, escrevemos um artigo. Para ilustrar apresento aqui um pequeno trecho

Inicialmente, merece reiterar a compreensão de que o foco no “como fazer” não se dissocia da intencionalidade pedagógica que o constitui, com base no pensamento freireano, de transformar a “cultura bancária” das relações de ensinar e de aprender, na perspectiva da construção da autonomia de educadores/as e educandos. Sendo assim, os resultados do processo de (trans)formação das relações de ensinar e de aprender precisam ser considerados em função de sua complexidade, ou seja, concebendo que não são imediatos e, portanto, representam um permanente desafio à autoria de educadores e educandos. (FREITAS; MACHADO; SOUZA, 2017, p.18)

Segundo Freitas (2020), foi em 2018 que “o tema das Cartas Pedagógicas ganhou visibilidade nos encontros dedicados ao estudo do legado de Paulo Freire no RS, ampliando parcerias e perspectivas de atuação, bem como produções bibliográficas a esse respeito.” (p.57) Para isso, foi necessário pensar em como fazer um *template* sobre Cartas Pedagógicas, o que é desafiador. Instigar a escrita sem engessar e acabar por descaracterizar o caráter pedagógico da carta, ao mesmo tempo que precisa mostrar que assim como toda escrita acadêmica, essa também exige rigorosidade, sem perder a boniteza e a amorosidade.

Em 2019, no XIII Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), Campus Bento Gonçalves, em parceria com Fernanda Paulo, Cleiva Aguiar de Lima e Nina Ventimiglia Xavier assumiram a coordenação do eixo temático Carta Pedagógica e outros modos de expressão. De acordo com Freitas (2020, p. 56)

a proposição deste eixo temático fortaleceu o movimento de reinvenção das Cartas Pedagógicas enquanto modalidade de apresentação de trabalhos em eventos acadêmicos de um modo geral e, de modo particular, aproximou-nos mais uma vez em relação ao tema.

Na Carta Pedagógica intitulada *Por onde andam as Cartas Pedagógicas?*⁹ realizamos o estudo dos Anais do XII Seminário Nacional Diálogos com Paulo Freire (KARPINSKI;

⁹Carta Pedagógica de minha autoria com a coautoria de Ana Lúcia Souza de Freitas e Cleiva Aguiar de Lima, inscrita e apresentada no XXII Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire, realizado pela UFFS/Campus

FETTER,2019), que aconteceu na Faculdades Integradas de Taquara (FACCAT), no mês de novembro de 2018, a fim de analisar a presença da modalidade de escrita Cartas Pedagógicas em anais de eventos acadêmicos. Sobre a análise realizada, cabe destacar que “do ponto de vista quantitativo, identificamos um total de 81 trabalhos, dos quais 14 inscritos na modalidade de Cartas Pedagógicas” (SOUZA; FREITAS; LIMA, 2020, p. 110). Pode parecer um número pequeno, mas comparado ao XX Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire Paulo Freire (PAULO et. all., 2018) outro evento freireano, também do RS, ocorrido em maio do mesmo ano, podemos verificar um crescimento de trabalhos submetidos na modalidade Cartas Pedagógicas, observando o quadro abaixo construído pelas autoras.

Quanto aos aspectos qualitativos, as autoras da Carta Pedagógica em questão afirmam que as produções analisadas não apresentaram uma padronização e concluem que “a inscrição de Cartas Pedagógicas em eventos acadêmicos é uma proposição inovadora, em construção.” Por isso, se faz necessário pensar que a “caracterização dessa modalidade de escrita precisa considerar os elementos básicos de um texto do gênero carta e, ao mesmo tempo, apresentar conteúdo e finalidade pedagógicos” (SOUZA; FREITAS; LIMA, 2020, p. 112).

A partir das práticas realizadas com Cartas Pedagógicas e da proposição de inauguração como modalidade de escrita a receber produções, as autoras com a coordenação e orientação de Ana Lúcia Souza de Freitas sugerem, não de forma prescritiva, mas formativa, os seguintes elementos para compor um *template* de Carta Pedagógica, são eles: “título, nome e instituição dos autores, palavras-chave e resumo, destinatário, citações, saudação final, data, referenciais, podendo incluir também epígrafe e elementos visuais (estéticos)” (SOUZA; FREITAS; LIMA, 2020, p. 112). As autoras também sugerem incluir a expressão “Carta Pedagógica” no título, da forma que está grafada, a fim de gerar maior visibilidade ao legado freireano.

Vale destacar que as considerações das autoras têm objetivo formativo servindo de orientação inicial para remetentes que ainda não conhecem ou ainda não se aventuraram a escrever uma Carta Pedagógica. Isso por que, como educadoras, sabemos que o processo de escrever nossas ideias, posições, questionamentos no papel nem sempre é um processo fácil. Por vezes pode gerar ansiedade, medo, inseguranças. E, acreditamos que, com pistas de caminhos possíveis para começar a escrever, o processo de encorajar-se, do empoderamento

Erechim, que deveria ter ocorrido em maio de 2020, mas devido à pandemia ocorreu em maio de 2021. O trabalho está publicado no livro *Andarilhagens de uma educadora pesquisadora* (FREITAS, 2020), ver nas referências, e disponível no e-book do evento.

de dizer a sua palavra ganha força para acontecer. Afinal, quanto mais escrevemos, melhor escrevemos. O mesmo se dá com a leitura.

Como uma boa professora de didática que foi e é a professora Ana Freitas, não só por isso, mas por isso também, abraça o desafio de pensar formas de dialogar sobre o que é e como escrever Cartas Pedagógicas, sem dar receitas. Como fruto da dedicação dela, de Isabela Camini, Fernanda Paulo, Ivo Dickmann, Adriano Vieira e de todas/os que têm se dedicado com tamanha curiosidade epistemológica, já temos alguns eventos aceitando submissão de Cartas Pedagógicas e também revistas aceitando publicações nesse formato. Algumas revistas com Dossiês específicos, outras com fluxo contínuo de recebimento de Cartas Pedagógicas como a Revista Crítica Educativa¹⁰ (UFSCAR) onde a professora Bárbara Sicardi Nakayama tem feito um trabalho impecável.

Esse levante de pesquisas e estudos sobre Cartas Pedagógicas também foi observado no Estado do Conhecimento, apresentado no item anterior dessa pesquisa, no qual as produções de dissertações e teses se concentram, principalmente, a partir de 2011. Ainda que duas importantes dissertações tenham sido escritas, são elas: *Eixos Significantes: contribuições para um currículo da esperança através das cartas pedagógicas* de autoria de Adriano José Hertzog Vieira¹¹ (2002); e *Registro reflexivo do agir e do pensar de um grupo encantadamente comprometido com a proposta curricular libertadora* de autoria de Rosane Oliveira Duarte Rosane Zimmer (2004).

Existem livros interessantíssimos sobre troca de cartas, como exemplo a troca de cartas entre orientadoras/es e orientandas/os, educadoras/es e educandos, entre outros, de forma breve podemos citar: *Cartas pedagógicas sobre a docência* de Rosaura Soligo (2015), *Cartas Pedagógicas: reflexões de docentes da educação básica e superior* de Ana Cristina de Moraes e Darlan Lima Paiva (2018). Porém, devido ao recorte estabelecido nesta pesquisa não realizaremos a análise documental dessas Cartas Pedagógicas, mas esse vasto material está disponível para inspirar novas pesquisas e reinvenções do legado freireano por meio de Cartas Pedagógicas.

A escrita, a troca e a publicação de Cartas Pedagógicas também foi impulsionada e ganhou visibilidade, assim como todo legado freireano, por conta do centenário do nascimento de Paulo Freire, completado agora em 2021, quando as oportunidades de estudar,

¹⁰Ver site <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/about/submissions> Acesso em: maio de 2021.

¹¹Autor do verbete Cartas Pedagógicas no Dicionário Paulo Freire (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2018), citado anteriormente nesse projeto de dissertação.

refletir, dialogar, comemorar e produzir sobre as práticas e saberes freireanos foram amplificadas pelo envolvimento de diferentes instituições, Movimentos Sociais, nacionais e internacionais. Como exemplo, podemos citar a Campanha Latino-Americana e Caribenha em Defesa do Legado de Paulo Freire, organizada pelo Conselho de Educação Popular da América Latina e do Caribe (CEAAL);

Por conta da pandemia da Covid-19, que ainda persiste com força no Brasil, muitos desses momentos precisaram acontecer de forma remota. O que não deixou de alegrar e esperar todas e todos nós a continuarmos nossas marchas. E, por outro lado, nos permitiu participar de mais ações e eventos. Bastantes desses eventos ficaram salvos em plataformas e aplicativos, o que nos permite acessar esse acervo de vídeos, músicas, Cartas, eventos acadêmicos e tantas outras homenagens a Paulo Freire, a qualquer tempo e de qualquer lugar.

Diante das andarilhagens feitas por leituras, escritas, conversas sobre livros, teses, dissertações, artigos e Cartas Pedagógicas sobre Cartas Pedagógicas esperamos que a intenção de construir um quadro teórico-metodológico que sustente a relevância do recorte proposto nesta pesquisa possa contribuir, de alguma maneira, para as pesquisas de outras/os educadoras/es e para comunidade científica em geral.

2.4 EMPODERAMENTO FEMININO E A INVISIBILIDADE DAS PESQUISAS SOBRE MULHERES E OS FEMINISMOS

Muitos são os temas e os estudos que foram (e são) abordados no campo da Educação Popular, talvez um dos mais conhecidos e atuantes até hoje seja a Educação de Jovens e Adultos (EJA), mas há tantos outros, e dentre essa diversidade estão as temáticas emergentes, e os Estudos Feministas fazem parte delas.

A relevância dos Estudos Feministas, ou dos feminismos, se apresenta como instrumento de luta e resistência para que possamos perceber o quanto o direito ao conhecimento foi negado historicamente a nós, mulheres, e como o sistema patriarcal e machista vem se colocando a serviço para a reprodução de práticas culturais e sociais que oprimem, violentam, anulam e diminuem as mulheres como pessoas menos capazes e inferiores aos homens. Já antecipo que não se trata de excluir ou banir os homens, e sim de garantir a equidade entre os gêneros. Nos feminismos o que queremos para nós, queremos para todas as pessoas, indiferente de gênero, raça, classe.

Nas palavras de Marcia Tiburi (2019, p. 77) “o feminismo é o convite a um diálogo radical e profundo”. Por isso,

o Feminismo se inventa e se reinventa a cada vez que surge uma nova feminista, a cada vez que surge um novo coletivo, a cada vez que as feministas produzem o feminismo que desejam, por meio de teorias e práticas que sempre são, por definição, inadequadas ao patriarcado. (TIBURI, 2019, p. 42)

A filósofa e jornalista Marcia Tiburi com sua escrita de fácil compreensão contribui para que mais pessoas tenham acesso e possam conhecer o que realmente são os feminismos e, mais importante, a favor do que ou de quem eles estão e contra o que se apresentam. Em certa parte do livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* Tiburi (2019) traz como exemplo suas memórias e de sua família, permitindo que a partir de experiências ditas como “normais e aceitáveis”, dentro da cultura e da sociedade em que vivemos, outras mulheres também possam perceber e despertar para o entendimento de que somos ensinadas a calar nossas dores e a aceitar que ser mulher é ser menos, é ser frágil, é calar, consentir.

Enquanto a autora vai se aproximando das/os leitoras/es, ela apresenta outros elementos e conceitos como, por exemplo, de dispositivo e contra dispositivo de Foucault. Na intenção de não somente alcançar o maior número de pessoas, mas também de subsidiar uma discussão que possa se ampliar para aprofundamento de reflexões e estudos posteriores. Evitando assim, uma leitura e discussão superficial do que sejam os feminismos. Esse pode ser um bom livro para quem está começando a buscar e conhecer mais sobre o tema.

Nesse sentido, podemos dizer que o feminismo é um operador teórico-prático, mas no sentido de um contra dispositivo. Ele é acionado para desativar o dispositivo do poder da dominação masculina patriarcal. Estou chamando de "contradispositivo" o método necessariamente construído na base de uma teoria e de uma ação capazes de fazer desmontar o dispositivo que o patriarcado é. O que é um dispositivo? O filósofo francês Michel Foucault definiu o poder como um dispositivo, ou seja, um arranjo. O patriarcado é também uma forma de poder. Ele é como uma coisa, uma geringonça feita de ideias prontas inquestionáveis, de certezas naturalizadas, de dogmas e de leis que não podem ser questionadas, de muita violência simbólica e física, de muito sofrimento e culpa administrados por pessoas que têm o interesse básico de manter seus privilégios de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de idade, de plasticidade. O feminismo é o contradispositivo, uma espécie de agulha que fura essa bolha. (TIBURI, 2019, p. 40)

O feminismo não é e nem poderia ser um só. Por isso, usamos feminismos, no plural, procurando assim acolher os múltiplos movimentos que o compõem. A questão da interseccionalidade é um momento importante na história de luta das mulheres. É sobre respeitar e entender que ser uma mulher branca é diferente de ser uma mulher negra.

Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em *Mulheres negras na construção de uma nova utopia*, "primazia de uma opressão em relação a outras".

Pensar em feminismo negro é justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. (BERTH, 2019, p.13 e 14)

Também sobre isso, Amanda Motta Castro (2020, p.192) apresenta uma importante síntese:

Na sociedade patriarcal, classista e racista em que vivemos, vemos muito pouco a mulher como protagonista. Se tal sociedade dificulta a vida das mulheres, podemos imaginar que é bem pior para a mulher negra. Segundo Davis (2017), as mulheres negras das classes trabalhadoras vivem um tríplice preconceito: por ser mulher (em uma sociedade patriarcal), negra (em uma sociedade racista) e da classe trabalhadora (em uma sociedade classista).

Por determinado tempo houve preocupação por parte de algumas mulheres que a divisão ou subdivisões poderiam enfraquecer a luta feminista, mas, superado o medo, os movimentos feministas se reinventaram, mais uma vez, reconhecendo a necessidade de olhar para o próprio movimento. A reflexão a partir da práxis não é algo realizado esporadicamente, esse momento da história do feminismo foi citado como exemplo também pela força de sua repercussão, nos fazendo chegar onde ainda não havíamos chegado.

O movimento de desconstruir um determinado tipo de feminismo e construir outro não está ligada à tentativa de estabelecer hierarquias de qualidades entre um e outro, mas demarcar as diferenças entre um feminismo branco euro-norte americano e um feminismo nascido ao Sul, como defende Anzaldúa (2000). (LIMA, 2020, p. 95)

Ao sular (FREIRE, 2008), buscar mais ao sul, nos é permitido acessar nossa história, nossas lutas, os estudos feministas da América Latina ao invés de ler, estudar, aprender e valorizar apenas a história do feminismo europeu e norte americano, como sendo a história verdadeira e única. É olhar e ver o que estava/está acontecendo na América Latina, como um todo, e também no Brasil. E se fazer questionamentos como esse, talvez seja indispensável: Quem são as mulheres brasileiras e latino-americana que fizeram e/ou ainda fazem revolução no seu tempo?

Para iniciar esse assunto podemos dar nome e visibilidade ao trabalho de vida de algumas mulheres como: a grande Lélia Gonzalez, uma das pioneiras do campo interseccional feminista brasileiro; Sueli Carneiro doutora e fundadora do Geledés – Instituto da Mulher Negra – primeira organização negra e feminista independente de São Paulo; Ivone Gerbara, filósofa, teóloga, feminista brasileira, conhecida como uma das fundadoras da teologia feminista na América Latina. Apenas para destacar algumas dessas mulheres inspiradoras a qual devemos nos dedicar a olhar para os escritos e para o seu caminhar. E, também, a

própria Gloria Anzaldúa¹², mulher chicana¹³, que nas palavras de Adriane Lima (2020, p.107):

[...] se reconhece como uma mulher do Terceiro Mundo e é enfática ao afirmar o desejo, a necessidade e o direito de escrever, pois é na escrita que se produz autonomia, vida, superação, reconhecimento e resistência. Anzaldúa é uma mulher chicana resistente e que denuncia as negações a que são submetidas às mulheres colonizadas.

A cada conquista dos feminismos e do empoderamento feminino é uma fissura que se agrava até que num momento histórico favorável o sistema patriarcal esteja tão fragilizado que possamos derrubá-lo. Porque o ideal do feminismo não é um mundo só para as mulheres. Os diferentes movimentos feministas lutam por um mundo mais humano, digno e acessível para todas e todos.

Nesse sentido, e com essa perspectiva de Educação Popular freireana, o intuito é de construir uma conexão com a epistemologia feminista e com os Estudos Feministas. Deixando ingenuidades e romantismos de lado, seguindo ao sul com olhar atento, observador e questionador necessário a toda(o) pesquisadora e pesquisador.

Este é apenas um panorama inicial, um pressuposto teórico que nos orienta sobre a temática e alimentar novas inquietações, questionamentos. É mais sobre nutrir a curiosidade epistemológica do que encontrar respostas, característica essencial do exercício de se fazer pesquisa científica.

Portanto, não pretendo esgotar o tema e nem poderia ter essa pretensão. Nessas páginas fica registrado um estudo inicial que vem sendo discutido por muitas(os) outras(os) pesquisadoras/es e que ao ser comunicado e partilhado com a comunidade poderá ser aprofundado. É também um convite para que outras(os) sintam-se chamadas (os), mais do que isso, convocadas(os) a dizer a sua palavra sobre Educação Popular e os feminismos¹⁴.

¹² Escreveu, em 1980, uma carta intitulada *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*; um exemplar testemunho sobre o poder transformador da escrita.

¹³ Segundo Adriane Lima (2020), mulher chicana é “uma mulher à margem do cânone do ideário feminista de mulheres feministas dos Estados Unidos, vivendo na fronteira, no entre-lugar, entre o México e os Estados Unidos.” (p.107)

¹⁴ Ver *EDUCAÇÃO POPULAR E FEMINISMOS: tensões, rupturas e afirmações* (SOUZA; RIBEIRO; PEREIRA, 2021). Neste artigo realizamos um estado conhecimento dos Anais das edições de 2018 e 2019 do Fórum de estudos: Leituras de Paulo Freire sobre trabalhos que apresentaram temáticas relacionadas às mulheres, feminismo e gênero.

2.4.1 Do ensinando a transgredir ao empoderamento feminino

Mulher, negra, feminista, educadora, a escritora bell hooks¹⁵ em seu livro *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017) tece um importante diálogo de como vem se tornando uma educadora feminista com o pensamento da teoria crítica de Paulo Freire.

A autora estabelece um jogo interessante na organização da escrita: “Este é um diálogo lúdico em que eu, Gloria Watkins, converso com bell hooks, minha voz escritora. Quis falar sobre Paulo e sua obra deste jeito porque ele me proporciona uma intimidade [...]” (hooks, 2017, p. 65) o que dificilmente ocorre em forma de ensaio. Dessa maneira, hooks também mostra na escolha em relação à forma da sua escrita o quanto ela corrobora com a teoria e a prática freirena.

Já no início do diálogo, a autora fala sobre a influência de Paulo Freire no seu desenvolvimento como pensadora crítica. Em suas palavras: “Tinha vivido a luta pela dessegregação racial e estava na resistência sem ter uma linguagem política para formular esse processo. Paulo foi um dos pensadores cuja obra me deu uma linguagem” (hooks, 2017, p. 66). E assim, num diálogo encharcado de intencionalidade a autora vai costurando várias categorias do pensamento de Paulo Freire ao seu processo de tornar-se professora universitária e, mais do que isso, uma educadora que exerce a pedagogia engajada independente do espaço em que esteja e do lugar que ocupe. Como neste trecho que a autora diz:

Encontrei Freire quando estava sedenta, morrendo de sede [...] e encontrei na obra dele uma maneira de matar essa sede. Encontrar uma obra que promove a nossa libertação é uma dádiva tão poderosa que, se a dádiva tem uma falha, isso não importa muito. (2017, p.71)

Muitos são os aspectos que podem ser abordados a partir desse livro de bell hooks, mas, buscando manter o foco do recorte proposto neste projeto de pesquisa, volto a atenção na crítica à questão da linguagem sexista utilizada por Freire, a qual foi alvo de críticas de mulheres norte-americanas. Por algumas vezes ainda ouvimos questionamentos sobre essa

¹⁵ Grafado em letra minúscula como proposto pela própria autora, bell hooks é a sua “voz escritora”. (hooks, 2017, p. 65)

questão. Questionar, problematizar são passos do pensar, do pesquisar, do aprender, portanto, essenciais para o desenvolvimento de qualquer um. O que não penso ser válido é a tentativa de desacreditizar toda a contribuição de Paulo Freire. Críticas de quem sequer leu Paulo Freire. Vindas de quem desconhece suas obras, essas críticas me parecem vazias, sem uma maior reflexão, sem embasamento teórico. Com um pouco de leitura e conhecimento sobre os livros de Freire pode-se verificar sua mudança na forma da linguagem utilizada. Hooks diz

“O sexismo de Freire é indicado pela linguagem de suas primeiras obras, apesar de tantas coisas continuarem libertadoras. Não é preciso pedir desculpas pelo sexismo. O próprio modelo de pedagogia crítica de Freire acolhe o questionamento crítico dessa falha na obra.” (2017, p. 70)

Hooks conta como conheceu pessoalmente Paulo Freire na Universidade de Santa Cruz, a tensão do encontro e o receio de seus colegas com os seus possíveis questionamentos feministas. Nesse trecho, a autora afirma a postura amorosa com que Freire encarou a situação: “Nesse momento eu realmente tive amor por ele, porque ele exemplificou com atos os princípios de sua obra. Se ele tivesse tentado me silenciar ou desvalorizar uma crítica feminista, muitas coisas teriam mudado em mim” (hooks, 2017, p. 78). E ainda: “Para mim, nosso encontro foi incrível; fez de mim uma estudiosa dedicada e uma camarada de Paulo para sempre” (hooks, 2017, p. 77).

Paulo Freire ao ser questionado por bell hooks que queria saber: Por que ele não tinha alterado esse aspecto em suas obras? Responde que: se esforçaria mais para falar e escrever publicamente sobre essas questões. O que realmente ele fez em seus livros posteriores. Ainda sobre isso, hooks (2017, p. 79-80) afirma que:

A lição que aprendi vendo Paulo incorporar na prática aquilo que descreve na teoria foi profunda. A presença de Freire me inspirou. Não que eu não visse um comportamento sexista da parte dele; mas essas contradições são abraçadas como parte do processo de aprendizado, parte daquilo que a pessoa luta para mudar – e essa luta, muitas vezes, leva tempo.

Aliás, Paulo Freire fala sobre essa questão da linguagem, de forma clara e direta, no livro *Pedagogia da esperança: reencontro com a pedagogia do oprimido*, contando sobre as cartas que recebeu em meados 1970-1971 de mulheres questionando a linguagem machista em seu livro *Pedagogia do Oprimido*.

Escrevi então, a todas, uma a uma, acusando suas cartas e agradecendo a excelente ajuda que me haviam dado. Daquela data até hoje me refiro sempre a mulher e homem ou seres humanos, prefiro, às vezes, enfeiar a frase explicitando, contudo, minha recusa à linguagem machista. Agora, ao escrever esta *Pedagogia da esperança*, em que repenso a alma e o corpo da *Pedagogia do oprimido*, solicitarei das casas editoras que superem a sua linguagem machista. E não se diga que este é um problema menor porque na verdade, é um problema maior. [...] A recusa à ideologia

machista, que implica necessariamente a recriação da linguagem, faz parte do sonho possível em favor da mudança do mundo. (FREIRE, 1992, p.35)

Concordo com hooks (2017, p.74) quando ela diz que: “Ao contrário das pensadoras feministas que fazem uma separação nítida entre o trabalho da pedagogia feminista e obra e o pensamento de Paulo Freire, para mim essas duas experiências convergem.” Foi lendo Paulo Freire e vivenciando com a comunidade freireana nos Fóruns Paulo Freire que aprendi¹⁶, e continuo aprendendo, a importância de dizer minha palavra, da justa-ira, do esperar, da participação, do militar, marchar, resistir e lutar, do processo de tornar-se educadora, da consciência do nosso inacabamento e da busca pelo ser mais, da importância do diálogo e da escuta no processo de conscientização e de tantos outros fundantes de seu pensamento que poderia continuar a citar.

Portanto, foi a partir da minha práxis freireana que me empoderei, me conscientizei e passei a me reconhecer como feminista e a engajar-me também na luta com outras mulheres contra o machismo e o patriarcado. Sou apenas uma iniciante, uma aprendiz, mas não estou sozinha. Somos muitas irmãs na construção de um mundo menos desigual, violento e opressor. Afinal, é no coletivo que nos conscientizamos. Na teoria libertadora de Paulo Freire, a conscientização e o empoderamento não se dão no âmbito individual, mas é essencialmente empírica, da construção com o outro, social e comunitária.

Para conceituar empoderamento, embaso-me em uma autora e um autor: Joice Berth (2019) e Thiago Ingrassia Pereira (2015). Tanto Berth (2019), no seu livro *Empoderamento*, como Pereira (2015) no texto *Perspectivas teóricas acerca do empoderamento de classe social* presente no livro *Aprender a ensinar com Paulo Freire: por uma escola emancipatória*, também de sua autoria, indicam a origem do termo empoderamento na mesma direção.

Pereira citando Rute Baquero (2005) diz que “não há hoje na bibliografia de língua portuguesa um termo que traduza de forma fidedigna o sentido da expressão empowerment utilizada por Paulo Freire” (BAQUERO apud PEREIRA, 2015, p.34). Sendo assim, o termo que mais se aproxima seria empoderamento por dar uma ideia de movimento, de um processo dinâmico que ocorre na prática de forma coletiva. Baquero (2005) ao analisar a literatura sobre a origem do termo empowerment chega à Reforma Protestante de Lutero no século XVI. Segundo Pereira (2015, p. 36),

¹⁶Este trecho encontra-se na 1ª pessoa do singular, pois sendo tão pessoal o tocante da questão não poderia deixar de expressar as marcas deixadas por Freire em mim.

Nesse momento, a ideia de empowerment nasce atrelada a uma noção de protagonismo, de pró-atividade de pessoas, diante de um dado contexto social – no caso a livre interpretação da bíblia para o alemão, permitindo que todos os cidadãos tivessem acesso aos escritos religiosos em sua língua materna. Porém, vai ser somente na segunda metade do século XX que o conceito de empowerment passará a expressar a luta por direitos civis [...] esses movimentos que aconteceram principalmente nos Estados Unidos (EUA) tinham como objetivo a luta pelo reconhecimento dos direitos civis de negros, das mulheres e dos homossexuais.

Ao falar sobre empoderamento, precisamos estar cientes que este é um conceito complexo, com diferentes vertentes, por isso exige um olhar aguçado, um debruçar-se. Antes de darmos continuidade ao conceito de empoderamento, Joice Berth (2019) nos atenta sobre a importância de elucidar de que poder estamos falando. Há diferentes formas de se interpretar o conceito de poder, mas a autora sugere a definição de Hannah Arendt com a qual tenho acordo: “O poder corresponde à habilidade humana não apenas para agir, mas para agir em conjunto. O poder nunca é propriedade de um indivíduo; pertence a um grupo e permanece em existência apenas na medida em que o grupo conserva-se unido.” (ARENDRT apud BERTH, 2019, p. 19)

Partindo dessa ideia de poder é possível entender o conceito de empoderamento como um processo de conscientização coletivo no qual não é possível conscientizar o outro ou conscientizar-se voltado apenas para si de modo individual, os oprimidos devem empoderar-se a si próprios, como nos ensinou Freire. Sendo assim, a “educação crítica e voltada aos oprimidos de toda ordem que se encontram majoritariamente nas classes populares, pode um cumprir um papel contra-hegemônico e, portanto, transformador”(PEREIRA, 2015, p. 40). Diferente da ideia do sociólogo estadunidense Julian Rappaport (1977) que acreditava que para alcançar a autonomia era preciso instrumentalizar os oprimidos.

Ao romper com a ordem individual e psicológica, "o argumento de Freire se desenvolve com base na ideia de empoderamento de classe social" (PEREIRA, 2015, p. 39). Nas palavras de Freire (1986),

A questão do empowerment da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder público. Isso faz do empowerment muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta. (FREIRE; SHOR, 1986, p. 138)

Em várias referências encontramos o trabalho de Barbara Bryant Solomom como precursora do trabalho aplicado da Teoria de Empoderamento na área do Serviço Social e de fato seus estudos e trabalhos foram importantíssimos. Porém,

diversas literaturas apontam [...] Paulo Freire como um dos percussores da análise aplicada à realidade de grupos oprimidos, quando pensou na década de 1960 sobre a Teoria da Conscientização, a qual inspirou a Teoria do Empoderamento. (BERTH, 2019, p. 37)

Corroboro com essa afirmação e temos Paulo Freire como o precursor da Teoria do Empoderamento. Joice Berth traz na sua pesquisa a contribuição da indiana Srilatha Batliwala que afirma:

O conceito de empoderamento feminino surgiu de críticas e debates gerados pelo movimento de mulheres durante a década de 1980, quando as feministas, [...] se viram cada vez mais descontentes com os modelos em grande medida apolíticos e econômicos na maioria de intervenções de desenvolvimento. (BATLIWALA apud BERTH, 2019, p. 44)

Dessa maneira, no texto intitulado *Empoderamento de mulheres: uma proposta de análise para as organizações* as autoras e o autor afirma que

O empoderamento feminino está, então, relacionado ao fortalecimento dos atores sociais, considerando-se que a questão das desigualdades de gênero não se resume a carência ou precariedade de recursos, mas na falta de oportunidades sociais, políticas e econômicas, e exige uma expansão das capacidades humanas e das liberdades reais. Ou seja, o empoderamento das mulheres representa um desafio às relações patriarcais garantindo a elas autonomia para controlar o próprio corpo, a sua sexualidade, o seu direito de ir e vir, bem como um repúdio à violência, ao abandono e às decisões unilaterais masculinas que afetam a toda a família. (MAGESTE; MELO; CKAGNAZAROFF, 2008, p. 02)

Segundo a professora norte-americana Nelly Stromquist, o empoderamento apresenta quatro dimensões, são elas:

dimensão cognitiva (visão crítica da realidade), psicológica (sentimento de autoestima), política (consciência das desigualdades de poder e a capacidade de se organizar e se mobilizar) e a econômica (capacidade de gerar renda independente). (STROMQUIST apud BERTH, 2019, p. 46)

Essas dimensões contribuem para que as mulheres atuem a favor de si e a favor de todos, em espaços públicos e privados, e que tenham ações e decisões assertivas para contribuir com novos paradigmas para a sociedade.

À luz dos pressupostos teóricos estudados e ciente da relevância dessas categorias e conceitos, na próxima seção apresento a proposta de caminhos metodológicos a serem andados durante a realização deste projeto de dissertação.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo explico os caminhos metodológicos que compõem a pesquisa. Este estudo trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo caracterizada como pesquisa participante, a análise de dados se dá através da sistematização da experiência proposta por Oscar Jara (2006).

A pesquisa busca compreender a fecundidade do diálogo crítico-reflexivo através de Cartas Pedagógicas para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares. O ímpeto e o desejo são de experienciar um movimento no qual um grupo de mulheres educadoras possa se retroalimentar aprendendo-ensinando sobre o poder do feminino, da força e da esperança que o empoderamento feminino e os processos de conscientização têm para nos ensinar frente à sociedade machista e patriarcal.

A partir de uma Carta Convite, enviada conforme combinado, com grandes chances de acontecer por correio eletrônico (e-mail), devido a otimização de tempo e das características dos tempos em que vivemos. Tempos nos quais a conectividade nos une e, por vezes, nos atropela. Após o aceite serão realizadas a escrita e a leitura de Cartas Pedagógicas, ou seja, realizaremos trocas de cartas pensadas intencionalmente para que sejam pedagógicas e guardem nossos diálogos através do registro escrito.

Através da análise das Cartas Pedagógicas pela técnica de sistematização de experiências proposta por Oscar Jara (2006) buscarei estabelecer uma rede de conexões sobre conceitos e reflexões apresentados nas Cartas Pedagógicas e também sobre os impactos e possibilidades criados a partir do uso desse instrumento na formação permanente das educadoras participantes da pesquisa.

3.1 ABORDAGENS, CONCEPÇÕES METODOLÓGICAS E CONTEXTO DA PESQUISA

A escolha pela abordagem qualitativa deu-se pela aproximação com o contexto de pesquisa, assim permitindo o movimento de ser ao mesmo tempo pesquisadora e participante. Segundo Ludke e André (1986, p. 11), “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”.

A partir da década de oitenta, surgiram novas formas de se pensar e se fazer pesquisa, especialmente na área das Ciências Sociais, uma dessas propostas, desse novo paradigma, é a pesquisa participante (LUDKE; ANDRÉ, 1986). Procurando produzir e comunicar conhecimentos, essa metodologia apresenta os seguintes objetivos:

- 1) promover a produção coletiva de conhecimentos, rompendo com o monopólio do saber e da informação e permitindo que ambos se transformem em patrimônio dos grupos subalternos;
- 2) promover a análise coletiva do ordenamento da informação e da utilização que dela se pode fazer;
- 3) promover a análise crítica, utilizando a informação ordenada e classificada a fim de determinar as raízes e as causas dos problemas e as possibilidades de solução;
- 4) estabelecer relações entre os problemas individuais e coletivos, funcionais e estruturais, como parte da busca de soluções coletivas aos problemas enfrentados. (BRANDÃO, 1999, p.40).

Esta pesquisa de caráter participante é sobre as potencialidades do uso da modalidade de escrita Cartas Pedagógicas como um instrumento formativo metodológico promotor de diálogos acerca dos desafios de estar constituindo-se como educadora popular numa perspectiva de educação libertadora. Não bastasse isso, o que não é pouco, pelo contrário, exige um movimento de ação-reflexão-ação (SCHÖN, 2000), ainda é colocado como desafio pensar as questões educacionais fazendo aproximações com o conceito e com práticas de empoderamento feminino.

Nas Ciências Sociais, o trabalho de campo oportuniza não somente uma aproximação com um objeto de pesquisa, mas também a criação de conhecimento a partir das análises de uma realidade (NETO, 1994). É importante estar atento às duas principais etapas da pesquisa de campo: aproximação com as pessoas sujeitos/participantes da pesquisa; apresentação da proposta de estudo ao grupo envolvido aberto à troca e ao diálogo. (NETO, 1994).

O trabalho de campo dessa pesquisa foi realizado através da troca de Cartas Pedagógicas e também durante a realização de seminários para sistematização, avaliação e a reorientação de caminhos a seguir. Esses momentos foram realizados em dois encontros síncronos de forma remota através de plataformas de videoconferência. Um encontro durante a coleta de dados e outro na conclusão da pesquisa. Devido à pandemia da Covid-19 não foi possível a realização de encontros presenciais de acordo com os protocolos de segurança que não aconselham aglomeração de pessoas.

A todas as participantes da pesquisa foram entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que se encontra no apêndice, ao final do texto, demonstrando assim os cuidados éticos que toda pesquisa que envolve seres humanos deve ter como primazia. Cabe ressaltar a importância das participantes da pesquisa guardarem em seu

arquivo uma cópia do documento eletrônico. Os dados e materiais da pesquisa ficarão armazenados, no mínimo, durante 5 anos num HD externo, podendo, passado esse tempo, ser excluído ou continuar guardado pela pesquisadora, conforme consta no TCLE.

O contexto de pesquisa é um grupo de quatro mulheres educadoras criado para dialogar por meio de Cartas Pedagógicas. As participantes da pesquisa são educadoras de diferentes frentes e lutas, de espaços educativos escolares ou não-escolares.

A partir de uma Carta Convite foram convidadas educadoras que queiram dialogar através de Cartas Pedagógicas sobre aspectos relacionados à Educação e ao empoderamento feminino. A ideia é que as Cartas Pedagógicas cumpram uma de suas missões: fazer com que os questionamentos e reflexões de uma carta levem à motivação da escrita de uma nova carta, exercendo assim o direito de dizer a sua palavra (FREIRE,1987) e caracterizando, podemos dizer assim, um diálogo freireano.

Foram realizadas trocas de Cartas Pedagógicas com quatro educadoras populares atuando em diferentes contextos da educação pública (instituições públicas de ensino das redes municipais de Viamão, Porto Alegre, Canoas e Caxias do Sul) dos Movimentos Sociais (economia solidária entre mulheres, grupos de leitura e literatura, entre outros), Grupos de Estudos (mediação literária). As quatro educadoras populares apresentam alguma proximidade/experiência com o tema do empoderamento feminino a partir de suas vivências profissionais e pessoais. A expectativa é que a diversidade dos contextos de atuação de cada uma possa potencializar os diálogos e as aprendizagens na coletividade do grupo durante a troca de Cartas Pedagógicas sobre empoderamento feminino e Educação Popular.

As participantes puderam escolher se assinariam as Cartas Pedagógicas, escritas por elas, com o seu nome. Em caso de manifestação de vontade/interesse, a divulgação do seu nome aparece na versão final da pesquisa e em sua publicação essa autorização deve estar devidamente expressa no TCLE.

Após a Roda de Diálogos inicial (encontro virtual síncrono) sobre o tema da pesquisa foi solicitado que cada participante escreva uma Carta Pedagógica e envie por e-mail. Após a leitura das cartas recebidas e das reflexões realizadas foi solicitado às participantes que escrevessem a Carta Pedagógica de número 2 e assim sucessivamente. A expectativa era de que durante o período de maio a agosto de 2022 escrevêssemos uma Carta Pedagógica mensal, totalizando a escrita de 4 cartas por participante.

Nos diálogos e questionamentos, provocações presentes nas Cartas Pedagógicas, instigados pelas participantes e colaboradoras da pesquisa e/ou por mim, espera-se que

estejam presentes reflexões, principalmente, sobre educação, Educação Popular, empoderamento feminino e, do próprio instrumento, Cartas Pedagógicas. Outras temáticas podem estar presentes e são bem-vindas, mas destaco aqui as temáticas que fazem parte do recorte e dos limites desta pesquisa.

A opção por um número pequeno de participantes se deu pelas características da própria proposta da pesquisa. Por envolver participação ativa e para que possamos garantir que todas tenham tempo/espço para escrever, ler, trocar Cartas Pedagógicas, dialogar também nos encontros por videochamada com maior qualidade, intensidade e envolvimento.

3.2 ANÁLISE DE DADOS: A SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A análise de dados acontece durante toda a pesquisa, mas se intensifica ao concluir-se a etapa de coleta de dados. Dessa maneira,

Analisar os dados qualitativos significa “trabalhar” todo o material criado durante pesquisa, ou seja, os relatos de observação, transcrições de entrevistas, análises de documentos e as demais informações disponíveis. A tarefa de análise implica num primeiro momento, a organização de todo material dividindo-o em partes, relacionando as partes e procurando identificar nele tendências padrões relevantes. Num segundo momento essas tendências e padrões são reavaliados, buscando-se relações e inferências num nível de abstração mais elevado. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 45, grifos das autoras).

A técnica de análise de dados que será utilizada é a sistematização de experiência

[...] o conceito de “sistematização” se refere a uma tentativa de ir além do ordenamento ou classificação de dados, assim como um esforço por superar a mera narrativa ou descrição de acontecimentos, para –ademais– realizar uma interpretação analítica e crítica de um processo vivido pelas próprias pessoas que o sistematizam. Por isso, não falamos de “sistematização”, sem complementos, mas de “sistematização de experiências”: que consiste em interpretação crítica e resgate de aprendizagens de processos históricos, vitais, complexos, nos quais intervêm diferentes atores, que se realizam em um contexto econômico, social, institucional e cultural determinado. (JARA, 2020, p. 59, grifos do autor).

Durante a troca de correspondências começa o processo de análise, procurando interpretar os dados, frutos da interação com o Grupo. Busco permanecer atenta às pistas que o próprio *corpus* e as participantes dão para reorganizar os rumos da pesquisa sempre que necessário. Nesse sentido,

(...) uma pesquisa não se restringe a utilização de instrumentos apurados de coleta de informações para dar conta de seus objetivos. Para além dos dados acumulados, o processo de campo nos leva à reformulação dos caminhos da pesquisa, através das descobertas de novas pistas. Nessa dinâmica investigativa, podemos nos tornar

agentes de mediação entre a análise e a produção de informações, entendidas como elos fundamentais. Essa mediação pode reduzir um possível desencontro entre as bases teóricas e a apresentação do material de pesquisa. (NETO, 1994, p. 59-60).

Ao final da etapa de troca de Cartas Pedagógicas me debrucei ainda com maior intensidade à análise e sistematização da experiência, à construção e reconstrução de categorias que ajudem na apropriação e interpretação do que construímos nesse grupo de educadoras abertas a dialogar e a aprender umas com as outras. “Assim, será possível descobrir continuidades e descontinuidades, coerências e incoerências, similitudes e diferenças com outros processos, reiteraões e fatos inéditos [...]”. (JARA, 2020, p. 61).

Considerando os cinco tempos que todo processo de sistematização deveria ter conforme Oscar Jara (2006, p.73)

- A) **O ponto de partida:** a1. Ter participado da experiência.
a2. Ter o registro das experiências.
- B) **As perguntas iniciais:** b1. Para que queremos? (Definir o objetivo)
b2. Que experiência(s) queremos sistematizar? (Delimitar o objeto a ser sistematizado)
b3. Que aspectos centrais dessa experiência nos interessa sistematizar? (Definir um eixo de sistematização).
- C) **Recuperação do processo vivido:** c1. Reconstruir a história.
c2. Ordenar e classificar a informação.
- D) **A reflexão de fundo:** Por que aconteceu o que aconteceu?
d1. Analisar, sintetizar e interpretar criticamente o processo.
- E) **Os pontos de chegada:** e1. Formular conclusões.
e2. Comunicar a aprendizagem.

O primeiro e o segundo tempos, o ponto de partida e as perguntas iniciais, estiveram presentes e em constante discussão durante toda a primeira etapa da construção do projeto de pesquisa. E estiveram presentes também na apresentação à banca de qualificação e posteriormente ao convite e apresentação da proposta às participantes da pesquisa. Oscar Jara destaca a importância da definição do eixo de sistematização dentro do segundo tempo, perguntas iniciais. Nesse sentido, entendemos o diálogo através das Cartas Pedagógicas como sendo o eixo de sistematização de nossa pesquisa. Nas palavras do autor,

Um eixo de sistematização é como um fio condutor que atravessa a experiência e se refere aos aspectos centrais dessa(s) experiência(s) que nos interessa sistematizar nesse momento. Um eixo de sistematização é como uma coluna vertebral que nos comunica com toda a experiência. (JARA, 2006, p. 81).

Na parte de análise do *corpus* das Cartas Pedagógicas uso principalmente o terceiro e quarto tempo, proposto por Oscar Jara (2006), ou seja, a recuperação do vivido através do

ordenamento e da classificação da informação; e da reflexão de fundo, analisando, sintetizando e interpretando criticamente o processo. Procurando

fazer um exercício analítico; localizar as tensões ou contradições que marcaram o processo; e, com esses elementos, (...) realizar uma síntese que permita elaborar uma conceitualização a partir da prática sistematizada. (JARA, 2006, p.88).

No item cronograma, apresento um quadro com o plano de ação do projeto de pesquisa onde estão descritas as atividades e o tempo previsto para cada etapa da pesquisa.

3.3 OS PONTOS DE CHEGADA: PRODUTO DE INTERVENÇÃO

Um dos pontos de chegada (JARA, 2006) que busco alcançar é a comunicação da aprendizagem que no PPGPE assume a forma de produto de intervenção. Um produto na “perspectiva da intervenção é uma forma de presença concreta que reflete uma ação participativa de primeira ordem. Temos a caracterização de pesquisa-intervenção como uma prática de pesquisa que se contrapõe à pesquisa tradicional de corte positivista.” (SARTORI; PEREIRA, 2019, p.30)

Pensando em contribuir para que outras mulheres educadoras possam dar continuidade aos estudos feministas e de empoderamento feminino tenho como proposta a produção de um vídeo como produto final de intervenção. Este produto de intervenção em forma de vídeo reúne elementos constitutivos das Cartas Pedagógicas, contando e compartilhando as experiências e aprendizagens que o grupo de mulheres educadoras construiu ao longo da pesquisa participante, indicando referências de pesquisadoras/es que se dedicam a estudar e divulgar o potencial das Cartas Pedagógicas em diferentes contextos e com diferentes objetivos.

A construção do vídeo se deu após a troca de correspondências e análise dos dados encontrados. As colaboradoras da pesquisa foram convidadas a participar da elaboração do vídeo, considerando a disponibilidade e possibilidades de cada uma delas. O vídeo intitulado: *Cartas Pedagógicas: um inédito-viável freireano* pode ser acessado em: <https://youtu.be/W48YSsyjhk8>.

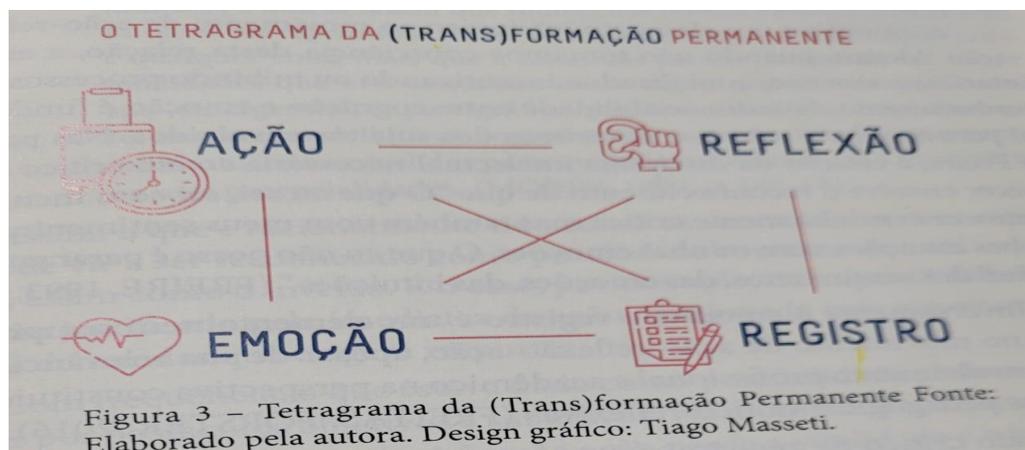
4 QUATRO ESTAÇÕES, QUATRO FASES DA LUA, QUATRO MULHERES EDUCADORAS E PESQUISADORAS QUE TECERAM E TROCARAM QUATRO CARTAS PEDAGÓGICAS

Ao pensar nos elementos que emergiram do problema de pesquisa e da escolha dos caminhos metodológicos desta dissertação: Educação Popular, Cartas Pedagógicas, empoderamento feminino e sistematização da experiência; e também que somos e estamos intimamente ligados às forças da natureza que compõem o mundo onde vivemos. Surge o número 4: quatro mulheres escrevendo e trocando quatro Cartas Pedagógicas no período de quatro meses. Isso me fez lembrar das quatro estações do ano e das quatro fases da lua. Forças ligadas ao feminino, que permitem a condição de vida na terra e permitem o desenvolvimento da agricultura, a regulação das marés, entre outras conhecidas e ainda não conhecidas contribuições.

Esse número quatro não chega por acaso, ele vem com intencionalidade, como instrumento potencial para investigar elementos que se interligam e se conectam. Como na ideia de tetragrama de Edgar Morin (1990) e que a professora Ana Lúcia Souza de Freitas vem se dedicando a pensar, nos últimos anos, sobre o Tetragrama dos processos de (Trans)formação Permanente (2020).

Uma das formas pensadas para olhar e mergulhar na experiência vivida foi analisar as Cartas Pedagógicas considerando os quatro elementos do Tetragrama da (Trans)formação Permanente: ação, reflexão, emoção e registro.

Figura 1 - Tetragrama da (Trans)formação Permanente



Ao olhar para as Cartas Pedagógicas busquei e considerei esses quatro elementos tão importantes e que nos auxiliam a refletir sobre a nossa prática. Pensar a partir das emoções geradas, das ações compartilhadas, das reflexões provocadas e dos processos de registro. Assim, o Tetragrama da Transformação se faz presente em dois momentos nessa pesquisa: a) como orientação para pensar/promover o processo dialógico com as Cartas Pedagógicas; b) como referência na análise dos resultados.

Nesse sentido, primeiro foi necessária a abertura de conhecer umas às outras e deixar-se conhecer, para então adentrar no campo da Educação Popular, procurando entender o lugar e como essas mulheres se enxergam situadas como educadoras populares. Para então, através do diálogo crítico-reflexivo impulsionado pela troca de Cartas Pedagógicas, pudéssemos pensar sobre e sentir o empoderamento feminino pulsando em nós a cada bordado feito em nossas cartas. Um despertar para o crescer do processo de empoderamento.

E assim, chegamos ao terceiro ponto da sistematização de experiência é dividido em: a reconstrução da história; ordenar e classificar a informação. A seguir, nos próximos subitens deste capítulo refaço o caminho percorrido ao lado das participantes desta pesquisa.

4.1 OUTONO, LUA CHEIA: PRIMEIRO ENCONTRO SÍNCRONO

São as águas de março fechando o verão
É a promessa de vida no teu coração
Elis Regina

Como nos disse a eterna Elis Regina na canção com Tom Jobim, é no fim do verão que as águas de março abrem os caminhos para que possamos ter a promessa e a intenção de (re)começar no outono com a esperança de novas águas, novos ventos, novos encontros e projetos que, através dos feixes de luz das fibras óticas (internet), nos levaram e conectaram ao nosso primeiro encontro síncrono da pesquisa.

Sabemos que a intensidade se encontra sempre no momento vivido, na experiência em si, mas recorro à técnica de sistematização de experiências (JARA, 2020) de modo a dar forma, cor, voz e vida a história que construímos juntas, num movimento pela busca de nos empoderarmos mutuamente. Após a realização desse momento, se deu o desafio de iniciar a costura de um texto narrativo-reflexivo, que passou por muitos pontos feitos, desfeitos, refeitos para chegar até aqui, o qual apresento a seguir.

No dia 31 de março do presente ano, aconteceu o primeiro encontro síncrono com as quatro participantes da pesquisa. Iniciamos com uma breve apresentação de todas para todas. Após, cada participante falou um pouco de si, da sua formação e atuação político-socio-cultural. Nesse momento, percebemos como nossas histórias se conectam e, por isso, a intencionalidade do convite pontual a essas educadoras. Próximo ao final do nosso encontro síncrono, fizemos as combinações iniciais quanto à troca de Cartas Pedagógicas: periodicidade, forma de envio e características básicas de uma carta e de uma Carta Pedagógica.

Escrevi e enviei uma Carta Pedagógica¹⁷ após o primeiro encontro síncrono, abaixo um trecho ilustrativo:

Na continuidade da nossa roda de diálogo chegamos a algumas definições e combinações, são elas: a identificação do/a remetente com a assinatura de nossos nomes, autorizando a divulgação dos nomes das participantes também na publicação final da pesquisa; Envio da primeira Carta Pedagógica até 31/03/2022 sobre as reflexões geradas a partir do primeiro encontro e dos seguintes questionamentos: O que você entende por empoderamento feminino? Qual a sua proximidade/experiência com a escrita de cartas e/ou Cartas Pedagógicas? (MICHELI, CP1, 2022)

A partir do envio dessa Carta Pedagógica “abre-alas” ao processo crítico-dialógico, nasce o período de espera, a espera por respostas, pela chegada do olhar, do sentir e das palavras delas, das participantes. Na expectativa de que as Cartas Pedagógicas nos inundassem e impactassem como o brilho da lua cheia.

4.2 O JOGO DE LER E DEIXAR-SE LER ATRAVÉS DA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS

Paulo Freire (1992) já dizia: “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, é preciso ler tudo e todos/as que estão à nossa volta. E na proposta de compor um coletivo para escrever, ler e trocar Cartas Pedagógicas abre-se a possibilidade para entrar no jogo, na dança de ler e deixar-se ler, conhecer-se através das cartas. É preciso estar aberto ao diálogo, querer compartilhar reflexões, inquietações, histórias da vida pessoal, profissional, das lutas e militâncias, daquilo que nos move, e estar aberto para escutar e aprender uma com as outras no encontro vivido.

¹⁷ Ver em apêndice C.

Aqui outro elemento entra em jogo: o registro. O ato de organizar as experiências vividas e registrá-las no papel. Corroboro com Freitas (2020, p.66), “o registro realizado de modo sistemático e/ou sistematizado proporciona a documentação da experiência e adensa a reflexão pessoal, suscitando considerações críticas antes, durante e depois da ação”.

O registro feito em forma de carta, reafirma o seu imensurável valor. As cultivamos, porque aprendemos com os mestres da humanidade, entre eles, Paulo Freire, em diferentes momentos da história. Cartas não são jogadas ao lixo tão facilmente, mesmo que desinstalam e desconfortam nosso corpo. Os baús secretos, guardadores de cartas há décadas, que nos digam. Guardam memórias de épocas, vividas distantes, sem liberdade do encontro.(CAMINI, 2021, p.03)¹⁸

Sejam os registros feitos no papel ou no computador, e outros, sejam em forma de carta, Carta Pedagógicas ou nas diferentes formas de se fazer pesquisa autobiográfica a importância e a relevância do ato de registrar, escrever se torna elemento “chave” no processo de conhecimento e conscientização de si e do mundo. Em busca de ação-reflexão-ação, de vivências e memórias iniciamos as trocas de Cartas Pedagógicas descritas na sequência desse capítulo.

4.2.1 Primeira troca de Cartas Pedagógicas: Abril/2022

Aquele misto de ansiedade pela expectativa de como a primeira troca se daria, sobre o envolvimento e o envio das cartas, empolgação pela chegada da parte da pesquisa de campo tão aguardada. Após a adaptação das datas, por conta do aguardo da aprovação na Plataforma Brasil, o primeiro encontro síncrono aconteceu no último dia do mês de março, a primeira troca no início do mês de abril e a segunda troca até o final de abril. A alegria tomou conta quando o processo aconteceu de forma melhor que o esperado. Essa é uma das forças da construção participativa na coletividade.

A chegada de cada Carta Pedagógica rompia o momento da espera e inaugurava um novo momento de alegria e curiosidade para abrir e realizar a leitura da carta. Ainda que sem a tradição da pena, papel, selo, envelope, a emoção de receber uma carta se mantém na expectativa da continuidade de seguir dialogando sobre temas que nos provocam e nos movem. Num clique, abrir o smartphone e fazer uma rápida leitura para controlar a ansiedade dentro da rotina que nos engole, instiga a abrir uma janela no tempo e se permitir parar, se conectar e realizar uma leitura do outro, neste caso outra, na prática a ação de apurar nossa

¹⁸ 7 Cartas da Pandemia. Coleção de sete cartas escritas por Isabela Camini em 2021. Disponibilizadas e autorizada pela autora em formato de arquivo PDF.

leitura de mundo. E foi assim com a chegada de cada Carta Pedagógica das participantes da pesquisa.

Depois do alívio, da curiosidade epistemológica¹⁹ e da alegria da chegada das Cartas Pedagógicas, passamos para o próximo passo do caminho metodológico: sistematizar a experiência. Após uma terceira leitura atenta das quatro primeiras cartas recebidas, nasce um esboço inicial de categorias. Pontos de observação, análise e levantamento de temas utilizando uma legenda de cores. A escolha da legenda foi por cores, pois facilita a visualização das Cartas Pedagógicas de modo impresso com o uso de marcadores de texto.

Quadro 2- Legenda de cores da análise inicial das CP's

	Destinatário
	Carta Pedagógica
	Empoderamento feminino
	Reflexão
	Saudação final e remente
	Como a pessoa se descreve, se apresenta
	Questionamento e abertura ao diálogo

Fonte: Elaborado pela a autora.

Para ilustrar o processo construído, destacamos o seguinte trecho de uma das cartas:

Pedaços de tempos - vividos concretamente, com afetos e aprendizados - que se alongam, se entrelaçam e ecoam, sendo reelaborados e ressignificados, nas tramas de nossas experiências engajadas. Certamente, se buscarmos no fundo de nossas memórias, contatamos indícios de lembranças e afetos que nos constituíram como pessoas interessadas no coletivo e na justiça social. Esse é um exercício identitário, que nos ajuda a nos conhecer melhor, compreender melhor as nossas motivações, o que nos mobiliza, e, nesse processo de aprofundamento e aperfeiçoamento, nos tornamos pessoas também mais genuinamente comprometidas e sensíveis às histórias de outras pessoas.

Como fruto dessa pluralidade de acúmulos, venho buscando construir a minha própria forma de ser/estar educadora, que decerto é minha, mas também é de todas e todos que fizeram parte desse caminho. Vocês já pensaram sobre isso? Sobre quais processos fomentaram esse processo de constituição? Por que o interesse na Educação? Na luta das mulheres? No fortalecimento do coletivo? No combate às injustiças? Como percebem os “tempos-fundantes” da mulher que vocês estão sendo?

Encerro por aqui... contente pela oportunidade de participar.

Seguimos e Abraços!

Joanne (JOANNE, CP 01, 2022)

¹⁹ Ver Dicionário Paulo Freire (2018) em verbete curiosidade epistemológica. (FREITAS, 2018, p. 127-128)

“Começo esse diálogo com vocês, consciente das opressões que nos afligem e aberta para encerrar e reconhecer os erros sem medo, ciente da importância do erro no processo de aprendizagem e empoderamento. Ansiosa para lê-las.” (MARIA FERNANDA, CP1, 2022)

Importante questionamento feito por Tamires na sua CP1:

Afinal de contas, os direitos pelos quais lutam as feministas deveriam abraçar qualquer mulher, independente de cor e classe social. Como bellhooks defendia, o feminismo é sobre a vida de TODAS as mulheres, em diferentes proporções; e por isso devemos abordar os feminismos acerca da interseccionalidade, tornando-o uma discussão popular e acessível, não ficando apenas no campo acadêmico. Vocês já pensaram os feminismos com olhar interseccional? Encerro esta carta com este questionamento, pautado no discurso de bellhooks, a vocês, queridas amigas. Abraços afetuosos.

Franciele diz na sua primeira Carta Pedagógica que “Fazer parte deste grupo é um ato de resistência e amor” e acrescenta:

É uma alegria fazer parte desse movimento que busca dialogar sobre Empoderamento Feminino e Educação. Agradeço a pesquisadora Micheli pelo convite e pela ousadia pedagógica em construir uma pesquisa tão relevante e condizente com sua trajetória profissional. (FRANCIELE, CP1, 2022)

Franciele também contribuiu com importantes questionamentos sobre o nosso compromisso enquanto educadoras ao refletir sobre o projeto Fome de Ler, que acontece há 9 anos na escola onde atua, e que já recebeu 8 escritores e apenas 1 escritora. Por isso ela lança uma série de perguntas de grande poder reflexivo:

Que referências estamos passando para as crianças? Que “lugar de mulher é onde ela quiser?” Menos sendo escritora, não é mesmo? Que menina sonhará em ser escritora sem uma referência para inspirar? Quando ouvem a palavra “escritores”, que pessoas vem a sua mente? Possivelmente só conseguirão lembrar de homens, pois só tivemos acesso a escritores homens. [...] A todo tempo precisamos parar e analisar nossa prática refletindo [...]. Acredito que seja essencial olharmos os acontecimentos do cotidiano escolar através das lentes da “equidade de gênero”. (FRANCIELE, CP1, 2022)

Ainda que a escrita da Carta Pedagógica número 1 destine uma parte significativa para que possam saber e conhecer minimamente umas às outras para que, além da comunicação, seja estabelecido um diálogo. Afinal, só escrevemos cartas a quem nos afeta. Foi possível observar que as participantes já foram inserindo suas histórias de vida, de militância e já vão dando indícios e antecipando o que elas estão sendo e vêm procurando ser com as outras e outros nesse mundo. Enunciando algumas das referências que andam com elas. Anunciando o que esperar a partir das reflexões geradas para a troca da segunda Carta Pedagógica. Fazendo a pesquisa deixar o papel e se transformar em fio que tece e borda a pesquisa na prática. Enchendo de vida e de gente a pesquisa sobre gentes e seus processos de empoderamento, conscientização e humanização.

4.2.2 Segunda troca de Cartas Pedagógicas: Abril/2022

Mais segura com o processo da construção e da troca de Cartas Pedagógicas, introduzi a ideia do “carteiro chegou” inspirado num livro infantil escrito por Janet e Allan Ahberg.

“É com alegria que anuncio que o carteiro chegou trazendo as Cartas Pedagógicas de cada uma de vocês para concretizarmos a segunda troca de cartas. Preparem-se para receber de braços abertos essas cartas, que chegam em forma de abraços, pois trazem com elas muito de vocês.” (MICHELI, CP 2,p.01, 2022)

A segunda carta chega demonstrando um certo desconforto que o exercício de uma escrita sistemática gera através de Cartas Pedagógicas, diários de registros, diários e tantas outras formas de se registrar. Desconforto esse que pode gerar medo, insegurança, ansiedade, procrastinação, a dúvida a respeito de si mesma. Como nesse trecho onde Franciele retoma um assunto tratado na primeira carta de Maria Fernanda: “Inicio essa carta dizendo que compreendo perfeitamente a procrastinação de Maria Fernanda. Estou fazendo o mesmo nessa segunda carta. Ultimamente tenho me sentido exausta.” (CP 2, p. 01, 2022)

E na sororidade de Joanne ao escrever:

Maria Fernanda, eu achei bem interessante o que você disse sobre a percepção dos estudantes. Quando um estudante e a Mi [Micheli Souza] se referem a você como educadora “desses assuntos” é porque localizaram essa referência em você, e olha só como isso é potente. Lidar com nossas inseguranças faz parte do processo, não precisamos estar “prontas” o tempo todo. Falo isso para mim mesmo, que em alguns momentos me cobro muito, e fico tentando entender de onde vem isso. Inclusive, há um tempo fiz, eu fiz algumas leituras sobre o tema da vulnerabilidade feminina, no sentido também de ser importante, olharmos as nossas fragilidades(na minha experiência, isso foi libertador, inclusive). Porque olhar e não negaras nossas fragilidades, ao mesmo nos fortalece, ao passo que nos conhecemos mais e nos aprofundamos em quem somos. (CP2, p. 03, 2022)

Mesmo com meu interesse e estudo com/em Cartas Pedagógicas, com os grupos pelos quais passei, o momento de parar o tempo, organizar os pensamentos e reflexões e escrever com intencionalidade uma carta de característica pedagógica não é algo tão simples. Gera emoção, dá aquele famoso “frio na barriga”, exige dedicar-se e encontrar espaço para além do tempo contado no relógio, um outro tempo/espço de leitura/escuta atenta, reflexão, questionamentos, registro da escrita, revisão.

Como Freire (1993) nos ensina na segunda carta do livro *Professora sim, tia não*: “Não deixe que o medo do difícil paralise você”. Escrever é difícil, traz inquietações, mobiliza, nos desafia a ser mais a cada nova produção.

Compreendo as dificuldades que insistem em aparecer para iniciar a escrita, pois as correntes que prendem vocês, também me prendem. Por isso, as abraço, acolho e adapto o passo de modo que possamos caminhar lado a lado. Nos “acostumaram” a ser caladas,

silenciadas, não ouvidas, descredibilizadas, o não permitir-se acreditar na sua própria potência, competência e conhecimento. Por vezes esse é que se torna o grande desafio: fugir das armadilhas que o patriarcado e o machismo foram reforçando e intensificando ao longo da humanidade em nós, mulheres. Como as camadas ainda mais profundas de perversidade quando a mulher é negra, indígena, da classe trabalhadora e popular, da periferia, do campo, e tantas outras formas de reduzir e discriminar pessoas.

Se a segunda carta traz o anúncio do medo, do cansaço, das triplas ou mais jornadas, trouxe também a denúncia do que tem nos sufocado em nossas rotinas de educar e educar-se num sistema capitalista, patriarcal, machista, racista, preconceituoso e homofóbico. Onde o como se vive a vida se tornou mais importante do que a própria vida de todo e qualquer ser humano.

Destacamos os seguintes trechos para elucidar o que estamos apontando como denúncia das diferentes formas de opressões que impactaram e impactam a vida e as produções de nós, mulheres:

Me questiono sobre como podemos fazer mais por essas meninas. Sei que não depende só de nós há todo um sistema patriarcal juntamente com a ausência de políticas públicas. Mas me questiono: o que mais enquanto educadora eu posso fazer para inspirar essas meninas a sonhar? Desejo que tenhamos força e esperança para continuarmos estudando, refletindo e nos indignando com as injustiças. Vocês me motivam a continuar lutando! (FRANCIELE, CP 2, p.03, 2022)

Gurias, ofereço, inicialmente, um pouco de mim a partir da história de meus pais. No início da vida adulta, eu ainda era uma jovem relativamente rebelde que culpabilizava mãe e pai por muitas questões que me constituem. Especialmente a mãe, claro, já que é assim que o patriarcado nos “ensinou”: a culpa é sempre da mãe. No entanto, na sequência do amadurecimento, eu pude ir aos poucos percebendo cada vez mais os efeitos da colonização, exploração, do patriarcado na história dos meus pais e, conseqüentemente, na minha própria história. Minha mãe e meu pai são, como multidões, fruto do êxodo rural que formou as periferias urbanas da capital gaúcha, Porto Alegre. (MARIA FERNANDA, CP 2, p. 01, 2022)

Tamires contribui escrevendo sobre a força das mulheres da periferia como a Natália Bica, mulher preta, nascida e criada na periferia, técnica em enfermagem, mãe de três filhos que pensa e atua a favor do coletivo da sua comunidade ajudando com o que sabe e pode.

Talvez essas mulheres não percebam a magnitude do trabalho que desenvolvem e tampouco o papel que desempenham na sociedade, mas penso que todas as suas movimentações têm efeito político e coletivo, são a possibilidade de educar uma nova geração para as lutas contra uma estrutura social que oprime os menos favorecidos e há séculos privilegia o grupo que ocupa o topo da pirâmide. (TAMIRES, CP2, p. 03)

Em sua carta, Joanne colabora com a discussão escrevendo:

O enfrentamento à solidão da mulher da classe trabalhadora, da mulher militante, que muitas vezes acaba imersa em tantas tarefas e acaba sem tempos/espços para aprofundamentos reflexivos acerca dos reais sentidos de tudo o que faz, pode dar na celebração do encontro de um coletivo mobilizado por uma pedagogia engajada, que considera a questão do autocuidado e do bem-estar que são humanizadoras (e por que não empoderadoras?). (CP 2, p. 02, 2022)

Outro importante aspecto observado na segunda troca de Cartas Pedagógicas foi o diálogo sobre interseccionalidade que surgiu com o seguinte questionamento da Tamires na sua primeira carta:

Afinal de contas, os direitos pelos quais lutam as feministas deveriam abraçar qualquer mulher, independente de cor e classe social. Como bell hooks defendia, o feminismo é sobre a vida de TODAS as mulheres, em diferentes proporções; e por isso devemos abordar os feminismos acerca da interseccionalidade, tornando-o uma discussão popular e acessível, não ficando apenas no campo acadêmico. Vocês já pensaram os feminismos com olhar interseccional? (CP1, p.02, 2022)

Sobre isso Franciele escreveu:

Tamires, que lindo o teu relato sobre o projeto “Calçada do Saber”. Nunca estudei sobre feminismo interseccional, mas sei que Djamilia Ribeiro é um referência nessa área e tem publicado livros maravilhosos com a editora da coleção Feminismos Plurais. Estive presente na abertura da 12ª edição da FestiPoa Literária em 2019, no Salão de atos da UFGRS, vendo e ouvindo o potente encontro entre ela e Sueli Carneiro. (CP2, p. 01, 2022)

Joanne acrescenta:

Quanto ao feminismo interseccional eu já me aproximei, em alguns momentos e também acho bem importante buscar se aprofundar nas suas referências, de uma forma que a mensagem seja acessível ao maior número de pessoas possível. Dentro do meu caminho de estudos, acabei me voltando ao feminismo popularclassista ou marxista, mas isso, de maneira nenhuma exclui os outros feminismos existentes. Acredito muito no diálogo entre os feminismos para a construção da grande ação internacionalista de mulheres. (CP2, p. 01, 2022)

Maria Fernanda, por sua vez, contribui dizendo:

[...] tenho consciência de que não existe luta por justiça social sem combate ao racismo estrutural, como muito bem trata Sílvio Almeida e tantas outras e tantos outros intelectuais negras e negros. Dessa forma, nos últimos anos, ao fazer parte de um grupo chamado Coletivo de Educação Antirracista, tenho feito leituras e buscado recursos para me constituir como uma educadora aliada da luta antirracista e que contribua para o empoderamento de crianças e adolescentes negras/os que estiverem sob minha responsabilidade, bem como para cobrar a responsabilização das pessoas brancas que me cercam. (CP2, p. 03-04, p.2022)

Ao reunir as Cartas Pedagógicas quase torna-se possível ver os fios que constituem essa rede de diálogos. Ainda tivemos mais um questionamento da primeira carta que deu continuidade na segunda. A Franciele perguntou para as demais participantes se elas lembravam de terem lido enquanto crianças livros de autoria de mulheres. Assunto retomado por Fernanda com uma amorosidade e boniteza nos trazendo diferentes elementos através de memórias, fotos, imagens, trecho de escrita do seu diário, recuperando suas vivências com

leitura e literatura infantil na infância. Tamires trouxe a escassez do acesso aos livros e a importância da biblioteca escolar como principal e, talvez, único meio de acesso à literatura.

Outros temas e assuntos também foram colocados em roda, em discussão pelas participantes, mas não vou passar por cada um deles. A intenção aqui é apontar através de alguns excertos retirados das trocas de Cartas Pedagógicas de modo a ilustrar a potencialidade do uso desse instrumento para processos coletivos de empoderamento feminino, assim como de conscientização e humanização.

Seguindo nosso caminho rumo à terceira e penúltima troca de Cartas Pedagógicas.

4.2.3 Terceira troca de Cartas Pedagógicas: Maio/2022

De maneira a compreender as possibilidades, impossibilidades, potencialidades e limites de cada participante, flexibilizamos e adaptamos prazos de envio e avançamos para a terceira troca de Cartas Pedagógicas.

O carteiro chegou novamente, ou melhor a carteira! Escrevo para dizer que chegamos a terceira e penúltima troca de Cartas Pedagógicas do grupo que criamos com tanta amorosidade e sem deixar de ter rigorosidade metódica. Aprendemos com Freire que uma atitude não impede a outra. Não vou me alongar muito, por que nas cartas escritas por vocês encontramos trechos muito bem escritos que recuperam a experiência vivida e o diálogo construído até aqui. (MICHELI, CP3, 2022)

Na breve carta enviada ao grupo fiz um pedido especial, retomei combinações e convite para a participação do nosso encontro de avaliação após a próxima troca de Cartas Pedagógicas, reforcei o convite para a participação da construção do vídeo, produto do mestrado, compartilhando o link do Padlet, ferramenta digital escolhida. Como podemos observar no trecho a seguir:

Após o recebimento e a leitura de cada uma de vocês chegaremos ao processo de escrita da última carta. Gostaria de fazer um pedido especial: que essa Carta Pedagógica seja **bordada**, como nos diz Isabela Camini, encharcada de intencionalidade política e pedagógica. Como estamos nos desafiando a fazer desde o ponto de partida. (MICHELI, CP3, 2022)

Na terceira Carta Pedagógica, Maria Fernanda, tocada pelo convite para trazer outros elementos para a carta, trouxe diversos links de blogs e páginas de redes sociais na intenção de contribuir com as discussões anteriores do grupo. Além de trazer situações vivenciadas no cotidiano escolar que nos atravessam enquanto educadoras engajadas.

Joanne retoma assuntos tratados nas cartas anteriores e escreve sobre o conceito de “madresposa” de Marcela Lagarde (2001) presente no segundo capítulo do livro *O amor tudo crê, tudo suporta? Conversas (in)docentes*.²⁰

A madresposa (vou resumir de uma forma bem simples!), que não necessariamente precisa ser mãe ou esposa, pode ser compreendida como todas nós, mulheres, marcadas pela estrutura patriarcal, que carregam em sua formação marcas semelhantes como por exemplo: a sensação de que “pertencem a alguém” ou ainda de que “são/existem para servir ao outro”. (CP3, p. 02, 2022)

E nos provoca a pensar sobre os desafios de equilibrar as dimensões individuais e coletivas:

Levei essas questões para o diálogo com minhas companheiras. Seguimos pensando nisso. O quanto “ser para o outro” pode nos anular? E como nos fortalecemos para lidar com isso. Para contribuir e construir e ao mesmo tempo preservarmos as nossas pausas de ser para nós mesmas. Cuidar de si também é cuidar do coletivo, desde que assumida essa dimensão dialética. E vocês mulheres? Sentem coisas parecidas? [...] (JOANNE, CP3, p. 03, 2022)

A Franciele também fala sobre a necessidade de desacelerar, pausar o tempo:

Peço desculpas pelo atraso na entrega dessa carta. Estou acolhendo minhas fragilidades, como muito bem apontou Joanne em sua carta. Estou aqui isolada, porque [...] infelizmente o corona vírus me alcançou.[...] Mas essa pausa me fez olhar com mais carinho e afeto para mim, me fez lembrar de um livro chamado “Alma Perdida” escrito e ilustrado por Olga Tokarczuk e Joanna Concejo [...]. No livro fala-se de uma forma extremamente poética sobre o nosso ritmo desenfreado, impulsionado pelas demandas do capitalismo. Nossa alma tem um outro ritmo e na correria do dia a dia podemos nos apartar dela. Estamos dispostas a diminuir o ritmo para esperá-la? Vocês conseguem descansar sem sentir culpa por não estar fazendo algo útil? Estou trabalhando isso dentro de mim e tentando me autorizar a esperar pela minha alma. (CP3, p. 01, 2022)

Acolhemos a nossa participante Franciele e prontamente adequamos nosso calendário de trocas de cartas para que ela pudesse participar quando estivesse melhor. Assim como outras participantes também precisaram pelas demandas de família, trabalho, final de semestres e, o pior, aquelas demandas inesperadas, ainda mais quando envolvem questões de saúde. Dito isso, não poderíamos deixar de trazer esses ponderamentos já que tanto falamos e discutimos sobre a importância de encontrar espaços ou pausar, desacelerar, dar um passo atrás para assim poder tomar distância, olhar para o que estamos fazendo e registrar seja em forma de carta, seja de outro gênero da escrita. Joanne e Franciele realizaram com excelência a abertura desse tema caro para todas nós e tão necessário.

²⁰ Ver em EGGERT, Edla; ALVES, Márcia; CAMPAGNARO, Sara. **O amor tudo crê, tudo suporta?: conversas (in)docentes**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11624/3254> Acesso em 06 out. 2022.

Tamires nos presenteou no mês de maio com um lindo poema de sua autoria escrito para sua mãe que diz muito sobre “ser mãe” e a maternagem. Vale conferir na íntegra na Carta Pedagógica número 3 da Tamires (em anexo).

Lendo as últimas cartas, pensei em inúmeras questões da minha própria vida. Foi muito emocionante ler os relatos e análises! Confesso a vocês: que vontade de chorar! É importante perceber o nosso lugar na sociedade, mas dói entender o infinito de obstáculos que atravessamos por nascermos mulheres. Fiquei pensando no relato de Maria Fernanda, ao falar sobre a culpabilização da figura “mãe” na sociedade, e resolvi me ater a escrever nesta carta somente sobre esse assunto. (CP3, p. 01, 2022)

Nesse trecho Tamires explicita que a escrita de uma Carta Pedagógica exige de nós um foco, um assunto, um tema, ou seja, é preciso saber o que se falar, compartilhar, dialogar, ensinar e de que forma irei organizar essa rica e intensa produção de forma escrita. E, no final, nos brinda com um lindo poema dentro de uma Carta Pedagógica. O que nos faz retomar os diferentes elementos verbais e não-verbais e as inúmeras formas de escrever, trocar, publicar Cartas Pedagógicas.

4.2.4 Quarta troca de Cartas Pedagógicas: Junho/2022

Momento especial de olhar para o todo e ver o quanto produzimos em tão pouco tempo e mais do que a intensidade dos nossos diálogos, a dedicação de cada uma das educadoras em valorizar as falas, as ideias e questionamentos. A partir disso foram tecendo um bordado da nossa história (construída até aqui) com as bonitezas, amores, dores, reflexões, aprendizagens e lutas. Podemos observar nas seguintes escritas: “Essa última carta foi a mais difícil pois ainda há tanto para dialogar.” (Franciele, CP4) “ Confesso que a escrita dessa última carta está sendo mais difícil por uma série de questões que me cercam.” (Tamires, CP4) “Comecei a sentir saudades dessa troca assim que li que seria a última.” (Maria Fernanda, CP4)

Meninas me despeço por aqui. Contento por conhecer mais sobre cada uma de vocês, em suas cartas que carregam tanta potência.(...) Micheli querida, obrigada pela oportunidade de ser sujeita dessa pesquisa e dessa experiência de tecer diálogos entre mulheres. Desejo que sua pesquisa reverbere em muitas vidas. (JOANNE, CP4, p.04, 2022)

Chegamos ao fim desse projeto riquíssimo, criado pela Micheli, e posso dizer que foi maravilhoso conhecer as histórias de vocês! Vocês são extremamente necessárias para a sociedade! Gratidão por todas as trocas e ideias! (TAMIRES, CP4, p.03 ,2022)

4.3 INVERNO, LUA NOVA: ENCONTRO SÍNCRONO DE AVALIAÇÃO EM JULHO/2022

Esse segundo encontro síncrono com o grupo de educadoras, realizado no dia 04 de julho, trouxe uma expectativa enorme, talvez tão ou mais intensa do que a do primeiro encontro. Pois fomos invadidas por uma vontade de ver, de falar, uma saudade de estar com as outras, ainda que através das telas. De ver e sentir a alegria nos olhos e sorrisos umas das outras. Um sentimento tão forte e profundo como os dias de frio do inverno no sul do Brasil.

Lancei uma pergunta-convite inicial para abrir nosso diálogo e deixei o encontro bem aberto para que fluísse a conexão do nosso grupo. Salientei apenas o que eu esperava nesse último encontro para encaminhamento da pesquisa: avaliação do processo, participação no vídeo e a continuidade ou não do próprio grupo.

Essa foi a melhor decisão que tomei, pois assim garantimos um tempo de fala a cada uma e, para além disso, a efetivação do diálogo, da troca tão importante para um momento de sistematização e avaliação da experiência vivida. Reflexões, diálogos, depoimentos, potenciais, limitações, leitura dos poemas da Maria Fernanda.

Aliás, que pela surpresa tivemos com os poemas que Maria Fernanda criou para cada uma de nós: um verdadeiro presente! Que deixará marcar e memórias de uma pesquisadora participante e de quatro participantes-pesquisantes que foram um coletivo e trocaram Cartas Pedagógicas sobre seus mundos, se conectando e empoderando-se no processo mutuamente umas as outras. E foi estudando sobre empoderamento feminino e feminismos que eu vi mais aprendente do que nunca, mas aprendi do que ensinei. Isso é ser uma educadora pesquisa! Compartilho os “poemas-presentes” na boniteza dos versos da Maria Fernanda Viegas:

Tamãe

De criança sem livros

à adulta poeta

que cria ânsia

de coletividade.

Expropria-se

a poesia e a

humanidade

daqueles que

se acham donos

da verdade.
Como mães,
não prescindem da dita
autoridade
muito menos da tal
paternidade
nutrem os seus
em ninhos de
maternagem-ilha
compart-ilha-da
com sonho-cidadania
e casas de alvenaria
veem-se Carolinas
pensadoras do seu tempo
que não vão com o vento
porque vem do tento
da ancestralidade-feminina
que tanto ensina
contra qualquer sina
não nascem, mas tornam-se
MULHERES
no ponto.

(Maria Fernanda Viegas, CP4, 2022)

FrancieLê

o começo na dedicatória
era na verdade convocatória
à potência de uma feminista recente
na teoria, porque na prática pertencente
fazendo jus a educadora de trajetória
que lê, media, conta e faz história
Formada de Raquel à Gládis

Formadora de sonhadores
de uma mundo melhor(ando)
Por monstros bondosos
e princesas ousadas
esse mundo é povoado
do povo, está do lado
a cada passinho acertado
um erro fica no passado
e o cansaço acuado.

Ainda assim,
é triste ver uma mulher exausta
enquanto homens vivem na flauta
responsabilizá-los é necessário
bolsonaro presidente é o cenário
distópico e desesperançoso
a revolução será feminista
ou não será.

(Maria Fernanda Viegas, CP4, 2022)

Moveane

Movimento Social
Movimento Popular
Movimento Feminista
Do leste ao sul
Do centro à periferia
Do urbano ao campo
Do indivíduo ao coletivo
Do livro à ação
Da academia à sensação
Do território ao internacional
Do passado ao presente
Da doutora às mestras
De nós pra nós

Do nós por nós

(Maria Fernanda Viegas, CP4, 2022)

Micheli com I

MichELA

MichELO

Mi foi elo

não tem como bater o martelo

terá continuidade

nem que seja

na mentalidade

materializou liberdade

incentivou potencialidade

em um momento frustrante

nos deixou confiante

Um obrigada singelo

por esse forte elo.

(Maria Fernanda Viegas, CP4, 2022)

E, assim, tivemos uma noite incrível e de lua nova! Nova de possibilidades para pesquisa e para todas nós, mulheres educadoras, de caminhos para continuar caminhando, lutando e aprendendo com as mudanças das fases da lua e da vida.

Realizado esse último encontro, construímos a tessitura da sistematização do processo que também estava em construção por estar sendo vivido. Cabe aqui ressoar as palavras de Jara (2020, p. 59)

O conceito de “sistematizar” se refere a uma tentativa de ir mais além do ordenamento ou classificação de dados, assim como a um esforço por superar a mera narração ou descrição ou descrição de acontecimentos, para – ademais – realizar uma interpretação analítica e crítica de um processo vivido pelas próprias pessoas que o sistematizam.

Entraremos a partir daqui num esforço de construção de um discurso interpretativo do caminho percorrido que vem da própria experiência das dores e delícias de ser pesquisadora-pesquisante. “A sistematização [...] se converte em inédito e privilegiado lugar do caminho, desde o qual já não é possível voltar em conscientemente atrás, porque vimos de tal maneira o trajeto andado que nunca mais poderemos caminhar da mesma forma” (JARA, 2020, p. 61).

4.4 PRIMAVERA CHEGOU: BORDANDO NOSSAS ESCRIVIVÊNCIAS (SOMOS TODAS TECELÃS!)

Escrevivências, termo criado pela Conceição Evaristo, mulher, preta, escritora e poeta. Que tão bem substantivou a ideia de escrever sobre as suas vivências, sobre o que se aprende através da prática, da vida e do cotidiano.

Ao longo das nossas trocas de Cartas Pedagógicas, fomos bordando a rede que nos aproxima, conecta, cria possibilidade de refletir criticamente, empoderando-se no encontro e na partilha umas com as outras, fortalecendo assim os próprios processos de conscientização e libertação. Como neste excerto:

Penso que nas similaridades e nas diferenças , vamos nos constituindo como uma nova ação coletiva disposta a, mediadas pela pesquisa da Michele, pensarmos sobre como Cartas Pedagógicas, como ecos de nossas vivências, podem contribuir para o nosso diálogo crítico-reflexivo e, conseqüentemente para o nosso processo de empoderamento. Esse diálogo fértil e mobilizador, nos coloca em movimento, no exercício de revisitarmos as nossas histórias pessoais, profissionais e militantes e nos fazermos e refazermos, mediante os encontros estabelecidos. (JOANNE, CP1 p. 01)

Nesse processo de registrar a experiência, fomos bordando a história do nosso encontro através da troca de Cartas Pedagógicas. “A experiência é rara, é um encontro com algo novo. Informação não é experiência. Poderíamos escrever artigos sobre empoderamento feminino, mas eles não nos proporcionariam lágrimas, risos, empatia, reflexões.” (FRANCIELE, CP4, p.05).

A força e a potencialidade geradas a partir de um grupo de mulheres educadoras com base na confiança, respeito e diálogo pode ser percebida nesse trecho da última CP da Maria Fernanda:

Comecei essa trajetória com vocês me apresentando vulnerável e insegura, fecho me apresentando empoderada. Ia escrever “ espero ter contribuído”, mas, por ter sentido que a construção foi verdadeiramente coletiva e acolhedora escrevo: na certeza de ter contribuído. Na certeza de ter contribuído, me despeço e ofereço a vocês alguns poeminhas, um para cada uma. (MARIA FERNANDA, CP4 , p. 01)

Franciele nos fala de um livro “ a moça tecelã” de Marina Colassanti:

É um conto de uma personagem tão marcante que sintetiza de forma poética a experiência de refletir e dialogar sobre empoderamento feminino por meio de Cartas Pedagógicas. Uma moça que assim como nós tece sua vida a cada dia. Tece tanto que acaba tecendo inclusive o que não lhe faz bem e precisa de uma pausa para reflexão. Para que possamos tecer novos rumos precisamos de pausas para refletir e agradeço esse espaço com mulheres tão potentes que nos permitiu viver essa pausa,

ou melhor, “forçar” que essa pausa se encaixasse na rotina insana. (FRANCIELE, CP 4 , p. 01)

Nas trocas de cartas observei os seguintes pontos em comum: falas de si, da vida pessoal, familiar, profissional, da militância, retomada de assuntos abordados anteriormente por todas as participantes, respeito e valorização do saber e do momento de cada uma, referências, sugestões de livros, blogs, sites, redes sociais e outras indicações.

Também observamos a presença das características de uma Carta Pedagógica, tais como: destinatário, remetente, local e data, saudação inicial e/ou final, abertura ao diálogo, questionamentos, reflexões, conteúdo, assunto, intencionalidade política e pedagógica. E outros elementos como: citações diretas e indiretas, referências, imagens, links, poemas. Em consonância com as atuais e principais publicações sobre Cartas Pedagógicas.

Foram citadas várias autoras entre elas: Angela Davis, Aruzza; Bhattacharya; Fraser, bell hooks, Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Chimamanda, Djamila Ribeiro, Granemann, Isabela Camini, Mendoza Lagarde, Luciana Piccoli, Malala, Olga Tokarczuk e Joanna Concejo, Rosana Rios, Rosa Parks, Tiburi, Sueli Carneiro. Demonstrando o engajamento e a ação de ler e referenciar, assim gerando visibilidade para, mulheres autoras, escritoras, teóricas, pesquisadoras, cientistas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ponto de chegada dessa pesquisa também pode vir a ser o ponto de partida para novos (re)encontros, estudos e pesquisas. Isso porque nas ciências e principalmente nas ciências humanas, não há certezas absolutas, tudo está em constante transformação.

Aliás, acredito na Educação Popular como uma das formas de trabalhar e lutar pela transformação de si e do mundo. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa não se deteve a buscar todas as respostas sobre Cartas Pedagógicas, mas sim procurou criar e vivenciar um grupo de troca de Cartas Pedagógicas entre mulheres educadoras populares. Mais do que isso, firmar a realização de pesquisas dentro da epistemologia e pedagogia feminista, atuando e nos colocando a serviço dos processos coletivos de empoderamento feminino. Um desafio a ser enfrentado dentro e fora das universidades, ainda nos dias atuais.

Num esforço de se continuar a fazer pesquisa, apesar da ausência de políticas públicas do atual governo brasileiro de 2018 a 2022, me propus a investigar sobre o tema e obtive o seguinte problema: Como as Cartas Pedagógicas podem contribuir para o diálogo crítico-reflexivo e para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares? Para isso, o objetivo foi compreender a fecundidade do diálogo crítico-reflexivo através de Cartas Pedagógicas para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares.

Com a curiosidade epistemológica, gerada a partir do problema de pesquisa, busquei, através dos encontros, estudos, pesquisas e da troca de Cartas Pedagógicas, ou seja do quadro teórico-metodológico, construir e trilhar caminhos. O guia foi a pesquisa participante e com ela a realização de troca de quatro Cartas Pedagógicas em quatro meses e utilização da sistematização de experiências para realizar a organização, análise e comunicação dos achados da pesquisa que compõem o produto da pesquisa: um vídeo²¹ sobre Cartas Pedagógicas com indicações de bibliografia, experiências e outras informações para reverberar e dar visibilidade ao movimento de utilizar as Cartas Pedagógicas como instrumento formativo-metodológico entre tantos outros potenciais.

Por meio da troca de Cartas Pedagógicas, termo cunhado por Paulo Freire, e da análise realizada através da Sistematização da experiência (JARA, 2020), ferramenta própria da perspectiva de uma Educação Popular, foi possível, no limite da permanência no Mestrado Profissional, elencar alguns pontos de chegada ou partida, dependendo do olhar e da intencionalidade de quem chega, até as últimas páginas dessa dissertação, dessa mestranda e

²¹ www.

de seu orientador, que sonharam, acreditaram e mantiveram-se vigilantes para construir os alicerces dessa pesquisa numa base epistemológica freireana e feminista.

Assim, como nem o exílio e nem a morte de Freire foram capazes de silenciar suas palavras e propostas, não cabe a uma dissertação findar a discussão de um tema, esgotar as reflexões do que se propõe. Importa cumprir com o exercício legítimo e autêntico de provocar novos questionamentos, outras perguntas, inquietações e curiosidade a respeito do tema. Na intenção de colaborar e lançar luzes sobre caminhos, ainda inéditos-viáveis, para a construção das mudanças necessárias para uma outra sociedade possível.

Assim, podemos apontar e (re)afirmar algumas potencialidades e limites das Cartas Pedagógicas observadas durante e após a sistematização da troca de Cartas Pedagógicas com as participantes da pesquisa, são eles:

- a) Potencialidades das Cartas Pedagógicas: Gênero de escrita acessível e convidativo ao diálogo; maior liberdade de expressão, escrita e comunicação quanto a forma; adaptação em diferentes contextos; ambiente confiável; liberdade para escolher com quem irá se corresponder (destinatário real, imaginário, individual, coletivo); instrumento potencializador do diálogo crítico-reflexivo e dos processos do empoderamento feminino.
- b) Limites: A questão do tempo necessário para dedicar-se a leitura e a escrita de cartas com intencionalidade pedagógica, tempo do relógio x tempo de reflexão, criação; o permitir-se estar aberto ao diálogo, a criar vínculos, a afetar e deixar-se afetar, no sentido do afeto, da amorosidade pode ser uma dificuldade inicial para alguns pessoas.

Ao longo dos quatro meses e das quatro trocas de Cartas Pedagógicas, as participantes foram construindo relações, conexões, compartilhando, pensando, refletindo, questionando, argumentando sobre temas que nos afetam, que perpassam nossa atuação como educadoras populares e, antes disso, como mulheres que já iniciaram seu processo de empoderar-se no coletivo, e as Cartas Pedagógicas foram o meio escolhido que se mostrou, ao menos nesse grupo, eficaz e potencializador dos elementos necessários para alcançar níveis cada mais profundos de conscientização e atuação como os/as agentes da mudança.

Dessa maneira, concluímos pelas redes, conexões, diálogos bordados construídos por meio desta dissertação que a Carta Pedagógica pode ser, e já vem sendo, utilizada como instrumento formativo e metodológico promotor de diálogos e potencializador de processos de empoderamento feminino numa concepção de engajamento coletivo e de conscientização.

Na esperança de potencializar ações de luta e resistência desde os diferentes campos de atuação da Educação Popular, dos diversos movimentos sociais e feministas fica o convite para nos aproximarmos cada vez mais do legado freireano e dos estudos feministas comprometidos a reinventar nossas práticas, utilizando-se também das Cartas Pedagógicas. Deixo aqui uma última pergunta: Você conhece e já escreveu uma Carta Pedagógica? É tempo de (re)começar. É sempre tempo de sonhar com a boniteza da próxima primavera.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de; TREVISOL, Márcio. A incorporação da racionalidade neoliberal na educação e a organização escolar a partir da cultura empresarial. In: **Revista Educação e Emancipação**, São Luís, v. 12, n. 3, set./dez. 2019.

ARENDDT, Hannah. Sobre a violência. 3. ed. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2001. In: BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo/formativo**. Brasília: Liber Livro, 2010.

BATISTA, Ingrid Yasmin Oliveira da Silva. “**cartas sobre o meu eu**”: trajetórias escolares de professores/as negros/as. Maringá: 136 f. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Estadual de Maringá, 2019.

BARTLIWALA, Srilatha. Putting power back into empowerment. In: BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)

BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Andarilhagem (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. – 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.44-45.

_____, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____, Carlos Rodrigues (orgs.). **Repensando a pesquisa participante**. – São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. Lei nº 12.612, de 13 de abril de 2012. Declara o educador Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Diário Oficial da União, 16/04/2012, p. 1 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112612.htm .Acesso em: 07 de out. 2021.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Portal do Governo brasileiro. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/desemprego.php>. Acesso em: 06 de out. 2022.

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Porto Alegre: Outras Expressões, 2012.

CASTRO, Amanda M; MACHADO, Rita de Cassia. (ORGS.) **Estudos feministas: MULHERES E EDUCAÇÃO POPULAR**. EDITORA LIBERARS, 2020. (VOL. 3).

CASTRO, Amanda Motta. Artesanato militante de mulheres negras. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga (orgs.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. 3º Volume. São Paulo: Editora LiberArs, 2020.

COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da Correspondência**: Paulo Freire e a Educação por cartas e livros. Brasília: Liber Livro, 2011.

COSTA, Lucinete Gadelha. A pedagogia freiriana na formação dos educadores populares. In: A MACHADO, Rita de Cassia Fraga; CASTRO, Amanda Motta. Orgs. **Educação Popular em Debate**. Jundiaí/SP: Paco, 2017. p. 157-169

FREIRE, Ana Maria Araújo. **Paulo Freire: uma história de vida**. Indaiatuba, São Paulo: Villa das Letras, 2006.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____; SHOR, Iran. **Medo e ousadia**: o cotidiano de professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Editora Olho d'Água, 1993.

_____. **Cartas a Cristina**: reflexões sobre minha vida e minha práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. 1. ed.- São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis&Poiética Casa Publicadora, 2020.

_____. Carta sobre Cartas Pedagógicas: experiência e reinvenção do legado de Paulo Freire. In: DICKMANN, Ivanio (Org.). **Diálogo Freiriano**. 1.ed. Veranópolis: Editora Diálogo Freiriano, 2019, p. 55-63.

_____. Carta sobre Cartas Pedagógicas: compartilhando experiências sobre a formação de professores/as e de gestores/as. In: **Anais do II Congresso Internacional Paulo Freire: o Legado Global**, 2018, Belo Horizonte. [recurso eletrônico]. Campinas, GALOÁ, 2018. Disponível em: <https://proceedings.science/freire-globalconference2018/papers/carta-sobre-cartas-pedagogicas%3A-compartilhando-experienciassobre-a-formacao-de-professores/as-e-de-gestores/as> Acesso em: 21 maio 2020.

_____. Curiosidade epistemológica (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

_____. **Leituras de Paulo Freire: uma trilogia de referência**. Passo Fundo: Editora Méritos, 2014.

_____; MACHADO, Maria Elisabete; SOUZA, Micheli Silveira de. O Diário de Registros como instrumento de (trans)formação docente. **Revista Ambiente & Educação**. Dossiê temático: Saberes, Práticas e Formação de Educadores(as) Ambientais. PPGEA, FURG, Rio Grande, v. 22 n. 2, 2017. p. 6-27. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/viewFile/7886/5099> Acesso: 20 maio 2020.

_____. **Pedagogia do inédito-viável: contribuições da participação pesquisante em favor de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras**. Porto Alegre: PPGE/PUCRS, 2004. 989f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2004.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JARA, Oscar Holiday. **A educação popular latino-americana: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos**. São Paulo: Ação Educativa; CEAAL; ENFOC, 2020.

_____. Para sistematizar experiências. Trad. Maria Viviana V. Resende. 2.ed., **Revista Brasília: MMA**, 2006. Disponível em: <https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-sistematizar-experiencias/para-sistematizar-experiencias-livro-oscar-jara.pdf/view> Acesso em 11 de fev. 2020. 128p. (Série Monitoramento e avaliação)

LACERDA, Nathercia. **A casa e o mundo lá fora: cartas de Paulo Freire para Nathercinha**. Ilustração de Bruna Assis Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

LIMA, Adriane. Por uma educação engajada e uma escrita feminista libertadora. In: CASTRO, Amanda Motta; MACHADO, Rita de Cássia Fraga (orgs.). **Estudos feministas, mulheres e educação popular**. 3º Volume. São Paulo: Editora LiberArs, 2020.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M, E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Maria Elisabete. **Trajetórias universitárias e profissionais de egressos de um Curso de Pedagogia com ênfase em Educação Popular**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2019. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8742> Acesso em: 20 de maio 2020.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MAGESTE, Gizelle de Souza; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes; Ckagnazaroff, Ivan Beck. Empoderamento de mulheres: uma proposta de análise para as organizações. **V Encontro de Estudos Organizacionais(ENEO 2008)** da ANPAD. Belo Horizonte: 18 a 20 de junho de 2008.p. 1-15. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnEO548.pdf>. Acesso em: set. 2021.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. Trad. Isa Tavares. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MORAES, Ana Cristina de; PAIVA, Darlan Lima.**Cartas Pedagógicas: reflexões de docentes da educação básica e superior**. Fortaleza: EdUECE, 2018.

MOROSINI, Marília; SANTOS-KohlsPricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do Conhecimento: teoria e prática**. Curitiba:CRV, 2021.

_____; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez. 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/porescrito/article/view/18875/12399> . Acesso em: 10 jan. 2021.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes,1994.

PALUDO, Conceição. Educação Popular (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 171-172.

_____.Educação popular como resistência e emancipação humana. Cad. CEDES [online].Campinas, v.35, n.96, p.219-238, maio – ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015723770> Acesso em: 31 de maio de 2021.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs.). **Cartas pedagógicas: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular**. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). Disponível em: <http://livrologia.com.br/anexos/1432/50003/livro-cartas-pedagogicas-pdf>Acesso em: 20 de maio de 2021.

_____. **Pioneiros e pioneiras da educação popular freiriana e a universidade**. 2018. Tese (Doutorado em educação).–Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, 2018. Disponível em: Acesso em: 04 fev. 2020.

PEREIRA, Thiago Ingrassia. O centenário de Paulo Freire e a recontextualização da Educação Popular: possibilidades de uma pedagogia situada. **Cadernos de Educação**, Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, n. 65, p. 1-13, 2021.

_____.**A atualidade do pensamento pedagógico de Paulo Freire**. Porto Alegre: Cirkula, 2018.

_____. Universidade Popular no Sistema Paulo Freire. In: A MACHADO, Rita de Cassia Fraga; CASTRO, Amanda Motta. Orgs. **Educação Popular em Debate**. Jundiaí/SP: Paco, 2017. p. 265-275

_____. **Aprender e ensinar com Paulo Freire: por uma escola emancipatória**. Porto Alegre: CirKula, 2015.

_____. **Classes populares na universidade pública brasileira e suas contradições: a experiência do Alto Uruguai Gaúcho**. Thiago Ingrassia Pereira. 2014. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação, Porto Alegre, 2014. p.p. 282

SARTORI, Jerônimo; PEREIRA, Thiago Ingrassia (orgs.). A construção da pesquisa no mestrado profissional em educação. In:_____. **A construção do conhecimento no mestrado profissional em educação**. Porto Alegre: Cirkula, 2019, p. 17-34.

SCHÖN, Donald. Educando o Profissional Reflexivo: um novo desing para o ensino e a aprendizagem. Trad. Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Márcia Alves da. Pensamento decolonial feminista do Sul: uma experiência de educação popular a partir de narrativas de mulheres camponesas. **Eccos Revista Científica**, n. 54, p.1-17, jul./set. 2020.

SOLIGO, Rosaura. **Cartas pedagógicas sobre a docência**. São Paulo: GFK, 2015.

SOUZA, Micheli Silveira de; RIBEIRO, Silvana; PEREIRA, Thiago Ingrassia. Educação Popular e feminismos: tensões, rupturas e afirmações. **Revista Pedagógica**. Dossiê: saberes, movimentos e educação: diálogos (in)comuns. Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ). v. 23, 2021. p. 1-28Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/6507> Acesso em: 12 out. 2021.

_____. **O diário de pesquisa na formação do educador pesquisador: a experiência do Pibid/Pedagogia**. 2014. 59f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2014.

STRECK, Danilo Romeu. Territórios de resistência e criatividade: Reflexões sobre lugares da Educação Popular. In: STRECK, Danilo Romeu; ESTEBAN, Maria Teresa (orgs.). **Educação Popular: lugar de construção social coletiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Entre emancipação e regulação: (des)encontros entre educação popular e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 44, p. 300-310, maio/ago 2010.

STROMQUIST, Nelly P. Education as a means for empoweringwomen. In: PARPART, J.L.; SHIRIN, Rai M.; STAUDT, Katheleen (Eds.) **RethinkingEmpowerment:**

GenderAndEnvelopment in a Global/Local Word. Londres: Routhedge, 2002. In: BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro)

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**: Para Todas, Todes e Todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

VIEIRA, Adriano José Hertzog. Cartas Pedagógicas (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

_____. **Eixos Significantes**: contribuições para um currículo da esperança através das cartas pedagógicas. São Leopoldo: 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 2002.

ZIMMER, Rosane Oliveira Duarte. **Registro reflexivo do agir e do pensar de um grupo encantadamente comprometido com a proposta curricular libertadora**. Porto Alegre: PPGE/PUCRS, 2004. 169f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2004.

ZITKOSKI, Jaime José. Diálogo/dialogicidade (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p.139-141.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

EMPODERAMENTO FEMININO E CARTAS PEDAGÓGICAS: PROCESSOS E APRENDIZAGENS DE MULHERES EDUCADORAS POPULARES

Prezada participante,

Você está sendo convidada a participar da pesquisa EMPODERAMENTO FEMININO E CARTAS PEDAGÓGICAS: PROCESSOS E APRENDIZAGENS DE MULHERES, EDUCADORAS POPULARES. Desenvolvida por Micheli Silveira de Souza, discente de Mestrado em Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Erechim, sob orientação do Professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira.

Objetivo central (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 item IV.3. a)

O objetivo central do estudo é: compreender a fecundidade do diálogo crítico-reflexivo através de Cartas Pedagógicas para o processo de autoria e empoderamento feminino de educadoras populares.

Por que o PARTICIPANTE está sendo convidado (critério de inclusão) (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 itens IV.3.a, d)

O convite a sua participação se deve à sua dedicação e envolvimento profissional/ pessoal a temas relacionados à Educação Popular e empoderamento feminino, práticas de engajamento e conscientização social em diferentes contextos: educação pública, Movimentos Sociais, grupos de estudos. Sua participação é essencial nessa pesquisa, pois acreditamos no poder dos saberes de experiências feitas, temos muito a aprender com a práxis realizada por vocês, e também do poder da potencialização das aprendizagens quando dialogamos, trocamos, problematizamos e compartilhamos coletivamente.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhuma forma de penalização. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Mecanismos para garantir o sigilo e privacidade (Conforme Resolução CNS N° 466 de 2012 item IV.3. c e)

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados neste Termo.

Identificação do participante ao longo do trabalho

Caso haja risco direto ou indireto de identificação do participante, isto deverá estar explícito

no Termo.

Existem casos em que o participante de pesquisa deseja que seu nome ou de sua instituição conste do trabalho final. Esta é uma situação comum, que deve ser respeitada, no entanto, é necessário que esteja explícito no Termo.

Procedimentos detalhados que serão utilizados na pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3.a)

“A sua participação consistirá em escrever, ler e trocar Cartas Pedagógicas, por e-mail, com um grupo constituído por mulheres educadoras. Participar de videoconferência através de plataforma digital (à combinar).

Tempo de duração da entrevista/procedimento/experimento

O tempo de duração da troca de Cartas Pedagógicas tem uma previsão inicial de acontecer entre dois a três meses (o grupo fará parte do processo de decisão do limite de tempo para conclusão do envio de cartas).

Gravação da videoconferência

A videoconferência será gravada somente para a transcrição das informações e somente com a sua autorização.

Assinale a seguir conforme sua autorização:

Autorizo gravação Não autorizo gravação

Guarda dos dados e material coletados na pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item XI.2.f)

Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, físico ou digital, por um período de cinco anos.

Explicitar benefícios diretos (individuais ou coletivos) aos participantes da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3 b)

O benefício relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de ofertar um referencial para ratificar a posição das educadoras populares e para que outras educadoras também se reconheçam como tal. Viver a experiência de utilizar a Carta Pedagógica como instrumento formativo.

Previsão de riscos ou desconfortos (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3 b)

A participação na pesquisa poderá causar riscos de constrangimento durante a vídeochamada ou durante a troca de Cartas pedagógicas; quebra de sigilo de informações; risco de dano emocional. Toda pesquisa possui riscos potenciais buscando prevenir ou minimizar esses riscos a pesquisadora não divulgará o nome das participantes da pesquisa, substituindo por um codinome, e durante todas as etapas de troca de Cartas pedagógicas e vídeochamadas teremos como premissa o diálogo respeitoso e responsável entre todas as envolvidas nessa pesquisa.

Sobre divulgação dos resultados da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item XI.2 .h)

Os resultados serão divulgados em eventos e/ou publicações científicas mantendo sigilo dos dados pessoais.

Sobre a Via do TCLE entregue ao participante da pesquisa (Conforme Resolução CNS Nº 466 de 2012 item IV.3.f)

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via. Desde já agradecemos

sua participação!

(local e data)

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contato profissional com o(a) pesquisador(a) responsável:

Tel: 51 981383205

e-mail: micheli.souza@acad.pucrs.br

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 - Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS:

Tel e Fax - (0XX) 49- 2049-3745

E-Mail: cep.uffs@uffs.edu.br

http://www.uffs.edu.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2710&Itemid=1101&site=proppg

Endereço para correspondência: Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS - Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS, Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul, CEP 89815-899 Chapecó - Santa Catarina – Brasil)

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Nome completo do (a) participante: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B– QUADRO DA BIBLIOGRAFIA SISTEMATIZADA

Nº	ANO	AUTOR	TÍTULO	NÍVEL	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS
1	2019	BATISTA, Ingrit Yasmin Oliveira da Silva	“CARTAS SOBRE O MEU EU”: TRAJETÓRIAS ESCOLARES DE PROFESSORES/AS NEGROS/AS.	MESTRADO	O objetivo desta pesquisa consistiu em verificar, por meio das narrativas escritas em cartas pedagógicas, quais seriam as concepções de professores/as sobre a cultura afro-brasileira e africana em suas vidas e práticas educativas.	Esta foi uma pesquisa qualitativa e os procedimentos metodológicos e instrumentos utilizados se constituíram nas produções de cartas pedagógicas por seis docentes negros/as do 1º ao 5º Ano do Ensino Fundamental de três diferentes escolas públicas municipais da cidade de Campo Mourão – PR.	As análises dos dados obtidos evidenciam que os/as docentes reconhecem que a lei contribui para diminuir as desigualdades e o racismo. Além disso, revelam que nas escolas em que atuam, a abordagem em relação à negritude é ausente no cotidiano, somente é lembrada em datas comemorativas, sem que haja reflexão e compromisso por uma educação antirracista. As contribuições das cartas desses/as professores/as para a educação revelam a necessidade de compartilhar histórias a fim de mostrar os preconceitos e opressão vividos e as formas de superação por meio de resistência pela existência da negritude em espaços de poder.

2	2018	PAULO, FERNANDA DOS SANTOS.	PIONEIROS E PIONEIRAS DA EDUCAÇÃO POPULAR FREIRIANA E A UNIVERSIDADE	DOUTORADO	O objetivo do estudo é realizar uma pesquisa crítica e analítica a partir das experiências dos pioneiros e das pioneiras da Educação Popular, com vistas a obter um conjunto de síntese que possa servir como base para repensar, hoje, a Universidade numa perspectiva da Educação Popular freiriana.	O caminho investigativo parte de alguns dos princípios da pesquisa participante, utilizando a sistematização de experiências, análise documental e entrevistas semiestruturadas, além de trocas de cartas pedagógicas e e-mails dialógicos. O procedimento de análise dos materiais deu-se através da codificação e decodificação apresentada no livro Pedagogia do Oprimido.	A análise das experiências (teórico-prática) de pioneiros (as) da Educação Popular e sua visão de universidade na ótica da Educação Popular contribuíram para sustentarmos a perspectiva da Pedagogia crítica e revisitarmos as compreensões de Educação Popular para, então, definirmos a concepção de Educação Popular freiriana como inspiração de um projeto de universidade popular. São as experiências dos pioneiros e das pioneiras da Educação Popular que apontam possibilidades de projetos na direção de uma universidade popular que necessariamente discuta e vislumbre um projeto emancipatório de sociedade.
---	------	-----------------------------	--	-----------	--	---	--

Fonte: (MOROSINI; SANTOS; BITTENCOURT, 2021)

APÊNDICE C – CARTA-CONVITE À BANCA DE QUALIFICAÇÃO DO MESTRADO



Os sonhos são projetos pelos quais se luta. Sua realização não se verifica facilmente, sem obstáculos. Implica, pelo contrário, avanços, recuos, marchas às vezes demoradas. Implica luta. (FREIRE, 2000)

CARTA-CONVITE: UMA CARTA PEDAGÓGICA À FUTURA BANCA DE QUALIFICAÇÃO DO MESTRADO

Queridas Ana Freitas, Isabel Gritti e Isabela Camini

Escrevo esta Carta Pedagógica (FREIRE, 2000)²² na intenção de que chegue até vocês o convite para compor a banca de qualificação do meu projeto de dissertação intitulado *Empoderamento feminino e Cartas Pedagógicas: processos e aprendizagens de mulheres educadoras populares orientado* pelo professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim.

A banca tem previsão de acontecer no dia 29/10/2021 às 14h de forma remota, devido à pandemia da Covid-19 que ainda estamos enfrentando e que já tirou a vida de quase 600 mil brasileiros, grande parte, devido ao descaso do próprio Governo que insiste em condenar a população a sua própria sorte. No caso do aceite de vocês, o que me deixaria imensamente honrada e feliz, também um pouco nervosa confesso, enviarei novamente a data e o horário assim que tiver a confirmação oficial por parte da UFFS.

Após meu primeiro ano de mestrado é chegada a hora de me encontrar com outras estudiosas da área, vocês, para que juntas possamos dialogar a fim de aprimorar, ampliar ou

²² Expressão cunhada por Paulo Freire para denominar uma modalidade de escrita tão querida por ele para dialogar com todas e todos de forma simples com amorosidade e encharcada de intencionalidade pedagógica.

delimitar caminhos para seguir andarilhando e iniciar o trabalho de campo. Que neste caso se trata da troca de Cartas Pedagógicas com mulheres educadoras populares sobre empoderamento feminino. Essas Cartas Pedagógicas serão trocadas, enviadas através de e-mail ou outro aplicativo de mensagens de modo a facilitar a participação do grupo de mulheres devido às múltiplas demandas que temos nos tempos atuais. Bom, esses e outros detalhes vocês poderão ler no meu trabalho, assim que eu enviar a vocês, claro caso seja possível estabelecermos mais essa parceria na construção do meu percurso no Mestrado. Eu ainda preciso repetir muitas vezes, para mim mesma, que: finalmente estou cursando o Mestrado em educação!

Mas deixe-me contar mais sobre o que representa chegar ao dia da escrita desta Carta-convite para banca de qualificação de Mestrado. Falar sobre esse momento é falar sobre a concretização de um sonho. Um sonho que foi sonhado aos poucos: primeiro a menina da classe popular, filha de mãe analfabeta e trabalhadora do lar e de pai com Ensino Fundamental incompleto, trabalhador do Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE) do município de Porto Alegre, sonhou em ser professora e essa sempre foi sua resposta toda vez que lhe perguntaram: O que você quer ser quando crescer?

O primeiro passo foi cursar o Curso Normal, uma das decisões mais importantes que tomei na minha adolescência lá no Instituto Estadual de Educação Isabel de Espanha, em Viamão, onde tive excelentes professoras que contribuíram para minha formação inicial docente. Essas mulheres inspiradoras hoje são mais do que professoras e algumas delas tenho a alegria em ter como amigas. E por isso, tenho gratidão! A incerteza sempre foi se conseguiria cursar faculdade. Sempre tive receio de nadar, nadar e morrer na praia. Sonhar alto e conseguir ensaiar apenas pequenos voos. Ah, se eu já conhecesse a frase de Paulo Freire (1993) que diz: “Não deixe que o medo do difícil paralise você.” Para ter a confiança de que somos seres históricos, inacabados, mas que somos sujeitos da nossa história e por isso mesmo somos seres de possibilidades num mundo que não é, está sendo.

Quando se nasce numa família da classe trabalhadora a continuidade dos estudos não é algo que está dado. Nunca me faltou nada! Meus pais sempre se dedicaram ao máximo para o sustento da nossa família, mas quando a remuneração é pequena após a compra do rancho mensal e o pagamento de contas pouco ou nada resta para se investir em cultura, educação, livros e lazer. Me lembro que a primeira vez que fui assistir um filme no cinema já era

adolescente e até já namorava. O que não é nada frente a miséria e a fome que muitos enfrentam, mas que nem por isso deixa de ser um direito de todo ser humano.

Ainda que as oportunidades e acessos fossem restritos, minha mãe, apesar de não ter a leitura da palavra, mas com uma boa leitura de mundo sempre ensinou a mim e a minha irmã que a educação era o caminho a ser percorrido. Que a nossa grande obrigação enquanto crianças era estudar e ser respeitosa com todas e todos e com a natureza à nossa volta. Lembro o quanto ela se esforçava tentando me ajudar a fazer os temas de casa, quando eu ainda estava sendo alfabetizada, mesmo sem saber nomear todas as letras. Lembro também da minha alegria, mais tarde, ao poder ajudar minha irmã quando chegou a vez dela ser alfabetizada. Na minha família fui uma das primeiras a cursar o Ensino Superior, isso que já estávamos no ano de 2010. Vejam vocês!

Após trabalhar um tempo no comércio entendi que não podia mais adiar e que precisava retomar meus estudos. Era uma necessidade, algo que gritava dentro de mim! Eu queria fazer o que sempre quis fazer: ser uma educadora alfabetizadora. Antes disso, tinha tentado o Enem em 2008, melhor oportunidade para jovens como eu acessar a Universidade, vejam só a importância das políticas públicas e dos governos de esquerda para as classes populares. Realizei a prova, mas não consegui sequer finalizar minha inscrição no site. Infelizmente por inexperiência minha e por conta de uma internet discada precária que tínhamos na época. Isso foi muito frustrante e por um tempo duvidei se realizaria meu sonho de ser pedagoga.

Então, minha tia Mara Cristina me falou sobre a possibilidade de entrar num sorteio de bolsas de estudos remanescentes para filhas e filhos de funcionários do DMAE. Ela me estimulou muito e ajudou meu pai a fazer todo o trâmite de documentação no setor responsável. E foi assim que eu consegui entrar no Curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), no ano de 2010, com bolsa de 80% e trabalhando durante todo o curso para completar o restante do valor. Algo bem comum entre os estudantes das licenciaturas.

Alguém pode perguntar: E daí? Por que falar sobre tudo isso? Gostaria de explicitar que não estou relatando aqui essa parte de minha vida, sobre como tive acesso à universidade, para me “gabar” ou para dizer que foi a força de vontade que me fez chegar lá. E nem estou aqui para alimentar a farsa da meritocracia que é mola promotora de tanta exploração e opressão. Minha história é também a história de milhares de pessoas das classes populares que

sabem o quanto é difícil até imaginar que podemos ocupar lugares como esse. Afinal, não se tem interesse que o pobre faça uma leitura crítica da situação opressora em que vivemos de modo que comece a pensar maneiras de romper com as amarras que nos imobilizam de nos conscientizarmos coletivamente e, assim, reivindicarmos um mundo mais justo.

Tudo isso para dizer que o mais alto que pude sonhar foi fazer faculdade. Mas aí quando cheguei lá e fui aprendendo sobre tudo o que envolve a educação e a sociedade fui me constituindo enquanto educadora e aprendendo com outras educadoras e educadores o poder que o conhecimento nos dá para lutar para que as coisas mudem para melhor. E quanto mais me aproximava do final do curso, mais crescia o sonho de chegar ao Mestrado. Foi fomentado pela dupla Paulo Freire e Ana Freitas mesmo quando eu o deixava de lado por causa dos desafios da vida e da rotina pesada de ser professora 40 horas semanais. Sabe Ana, passa um filme na minha cabeça sobre todas as nossas conversas junto com o Grupo de Pesquisa (UNISINOS), de todas as experiências e momentos que fomos construindo e reconstruindo sobre diálogo, registro, emoção conforme tu bem escreveste no teu livro *Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire (2020)*. Se hoje estou pesquisando sobre Cartas Pedagógicas foi por que lá traz fui generosamente convidada por ti a integrar nesse movimento de investigação e reinvenção das Cartas Pedagógicas de Paulo Freire.

Dessa maneira, meu encontro com Paulo Freire foi um verdadeiro achado e chamado em minha vida. Tive uma das melhores professoras freireanas Ana Lúcia Souza de Freitas que não só tem o discurso freireano, mas também traz consigo o legado de Paulo Freire a partir de sua prática enquanto docente. Aliás, foi ela que me estimulou a escrever minha primeira escrita para um evento acadêmico, quando ela foi minha coordenadora no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), divisor de águas na minha formação inicial docente o qual me arrisco a dizer, sem medo, que foi o melhor programa de formação inicial docente brasileiro.

A partir da submissão desse primeiro trabalho conheci o Fórum de Estudos Paulo Freire, em 2012, em Erechim, onde encontrei uma comunidade de diferentes educadoras e educadores de diferentes instituições e movimentos sociais abertos a dialogar e reinventar o legado freireano. Foi nesse ano que conheci o professor Thiago, agora meu orientador, quem diria que o professor que eu aprendi a admirar ano após ano desde 2012 seria meu orientador. Nem nos meus melhores sonhos pensaria que seria assim, que iria fazer Mestrado numa

universidade pública e popular, como uma forte história de luta e engajamento social, com um “cara” que admiro muito como profissional e pessoa, referência nos estudos sociais e freireanos. Vocês o conhecem bem e sabem que maior do que ele, pensa num homem alto, só é o seu coração e sua dedicação pela Educação Popular e pela UFFS. E a alegria, energia, senso de humor, engajamento, poder de sistematização e síntese desse professor não dá para acompanhar não. Aproveito para dizer mais uma vez o quanto tenho aprendido com a tua forma de orientar. O teu exemplo é para além do discurso, vem da sua práxis. Aliás, o ponto onde todos vocês se encontram é a coerência entre discurso e prática que vejo em vocês. Preciso dizer que ter uma banca tão qualificada assim foi um sonho nunca antes sonhado! Uma banca tão freireana! E ainda no centenário de Paulo Freire!

Foi, em 2012, também na UFFS, em Erechim, que ganhei o livro *Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam* (2012) e esse foi meu primeiro contato com a Isabela Camini. E agora, em 2021, tive alegria de conhecê-la melhor, ainda que remotamente, a partir da live sobre Cartas Pedagógicas que realizamos juntas no pré-fórum do XXII Fórum de estudos: leituras de Paulo Freire, organizado pelo professor Thiago e comissão, sediado pela UFFS/ Campus Erechim. E também a partir da leitura de suas *Sete cartas da pandemia* (CAMINI, 2020). Escrita de uma força, sensibilidade e clareza de leitura de mundo sem igual! A cada encontro, seja por meio da leitura de seus textos, Cartas, vídeos ou conversas pelo *Whatsapp*, aprendo mais e mais com essa mulher, pesquisadora, militante e também aprendo sobre a história dos Movimentos Sociais, principalmente do Movimento dos Sem Terra (MST).

Um dos presentes que encontrei no Mestrado foi a professora Isabel Gritti que nos recebeu com amorosidade e abraçou as pesquisas de todas as mestrandas da linha 2, tínhamos um grupo só de mulheres o que foi incrível, foram momentos onde aprofundamos as leituras e discussões sobre Educação Popular sem deixar de apurar nosso olhar para o momento histórico que estamos vivendo de pandemia e pandemônio. E dos nossos encontros, virtuais, do componente curricular nasceu a vontade de continuar dialogando contigo Isabel também na banca de qualificação.

O tamanho da minha alegria em fazer parte desse grupo, tão qualificado, é do tamanho do desafio de conseguir dar o meu melhor. Por mais que o momento seja conturbado: pandemia, ensino remoto, volta ao ensino presencial, tratamento de câncer do meu parceiro de vida, tenho esperançado que eu estou onde tenho que estar me desafiando a aprender a

pesquisar. Com o apoio e incentivo do meu orientador sigo firme no compromisso com a construção de conhecimento para seguir compartilhando e aprendendo a Ser Mais. É na dor e na alegria que vou vivendo um sonho possível, o meu inédito-viável. Que não é mais só meu, é nosso! É de quem vem comigo, é das que vieram antes de nós e espero que, de alguma forma, seja para as que virão depois de nós!

E assim, chegando ao fim desta Carta-convite gostaria de reafirmar o convite a vocês para estarmos juntas num círculo dialógico, ainda que remoto, comprometidas com a Educação Popular e com os estudos feministas. **Vocês topam participar do processo de construção dessa dissertação?**

As Cartas Pedagógicas têm como premissa o convite ao diálogo e portanto pedem resposta. Confesso que aguardarei ansiosa a resposta de vocês, mas estejam bem à vontade para escrever por Carta Pedagógica ou por outra forma e-mail, whatsapp, pois sei o quanto a rotina de compromissos exige o tempo vocês. O mais importante, nesse momento, é que possamos nos manter em contato e gostaria muito de ter notícias de vocês, saber como estão e é claro saber da possibilidade e disponibilidade de cada uma de vocês em poder fazer parte da banca de qualificação.

Vocês são inspiradoras, semeadoras de sonhos!

Um abraço freireano,

Micheli Silveira de Souza²³

Canoas, 27 de setembro de 2021.

Numa noite de início de primavera

²³Mestranda do PPGPE/UFS, Campus Erechim. Graduada em Pedagogia (PUCRS, 2015) e especialista em Gestão em educação (UNINTER, 2019). Professora alfabetizadora na rede municipal de Canoas/RS. E-mail: micheli.souza@acad.pucrs.br Whatsapp: (51) 98138-3205

REFERÊNCIAS

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: Outras Expressões, 2012.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Editora Olho d'Água, 1993.

_____. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. 1. ed.- São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis&Poiética Casa Publicadora, 2020.

APÊNDICE D- CARTA-CONVITE ÀS PARTICIPANTES DA PESQUISA

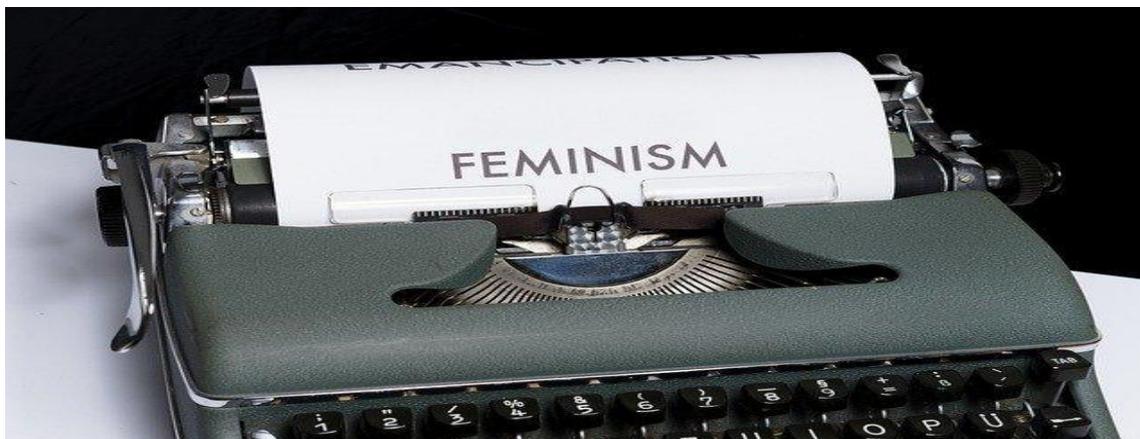


Imagem de [MarkusWinkler](#) por [Pixabay](#)

O Feminismo se inventa e se reinventa a cada vez que surge uma nova feminista, a cada vez que surge um novo coletivo, a cada vez que as feministas produzem o feminismo que desejam, por meio de teorias e práticas que sempre são, por definição, inadequadas ao patriarcado. (TIBURI, 2019)

CARTA-CONVITE ÀS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Queridas educadoras

Escrevo esta Carta Pedagógica (FREIRE, 2000)²⁴ na intenção de que chegue até vocês o convite para participar da pesquisa do projeto de dissertação intitulado *Empoderamento feminino e Cartas Pedagógicas: processos e aprendizagens de mulheres educadoras populares* de minha autoria com a orientação do professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE) da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Erechim.

O título já dá algumas pistas sobre o que se trata essa pesquisa, não é mesmo? Escolhi, após muito refletir, unir temas que para mim são muito caros: Cartas Pedagógicas e estudos feministas e empoderamento feminino. Cartas Pedagógicas pelos desdobramentos ao longo das andarilhagens pelo e com o legado de Paulo Freire. E mais recentemente senti a

²⁴ Expressão cunhada por Paulo Freire para denominar uma modalidade de escrita tão querida por ele para dialogar com todas e todos de forma simples com amorosidade e encharcada de intencionalidade pedagógica.

necessidade de estudar, pesquisar e dialogar para conhecer mais sobre feminismo, e assim melhor compreender as histórias de luta das mulheres que vieram antes de nós. Na esperança de também contribuir com as mulheres das próximas gerações buscamos trabalhar coletivamente para o aprimoramento e fortalecimento de ferramentas que possam cada vez mais encontrar fissuras e estremecer e romper as bases do patriarcado e do machismo.

Foi na rotina da vida social e profissional através de diálogos com outras mulheres que me senti convocada a pesquisar e produzir conhecimento sobre esse tema no campo da Educação Popular. Por se tratar de um tema considerado emergente e decolonial há um campo fértil a ser desbravado, o que reafirma a relevância dessa pesquisa. Desde a escrita inicial do projeto de pesquisa para a submissão no edital de ingresso ao Mestrado eu já sabia que queria formar um grupo de mulheres educadoras de diferentes contextos para dialogar, principalmente sobre feminismos, empoderamento feminino e educação por meio de Cartas Pedagógicas.

E assim, em colaboração com meu orientador, fomos procurando uma metodologia que sustentasse cientificamente nossas escolhas. Como caminhos metodológicos, utilizaremos a Pesquisa Participante (BRANDÃO, 2002) e a Sistematização de Experiências (JARA, 2006) para buscar compreender como as Cartas Pedagógicas podem contribuir para o diálogo crítico-reflexivo e para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares.

Para isso, temos como objetivo compreender a fecundidade do diálogo crítico-reflexivo através de Cartas Pedagógicas para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares. E os seguintes objetivos específicos: Realizar estudos sobre os conceitos de Educação Popular; Cartas Pedagógicas; empoderamento feminino; Caracterizar as Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico formativo; Ler e analisar Cartas Pedagógicas escritas por mulheres, educadoras populares, classificando em categorias os benefícios/potencialidades e limites/desafios da leitura e escrita de Cartas Pedagógicas.

Os pressupostos teóricos da pesquisa, as/os principais autoras/es que fundamentam a base teórica são:

- d) Educação Popular: Conceição Paludo (2015), Carlos Rodrigues Brandão (2002), Elisabete Machado (2019) e Oscar Jara (2006, 2020).
- e) Cartas Pedagógicas: Paulo Freire (1979, 1980, 1993, 1994, 2000), Ana Lúcia Souza de Freitas (2004, 2019, 2020), Isabela Camini (2012), Fernanda Paulo e Ivo Dickmann (2020), Edgar Pereira Coelho (2011).

- f) Empoderamento feminino: Marcia Tiburi (2018), Joice Berth (2019), bell hook (2013), Amanda Motta Castro e Rita de Cássia Machado (2020).

A ideia consiste em formar um grupo de mulheres educadoras e se realize um encontro síncrono em março de 2022, sugiro a plataforma MEET, para nos conhecermos e conhecer mais detalhes sobre a pesquisa. Após nossa roda de conversa inicial sobre o tema da pesquisa será solicitado que cada participante escreva uma Carta Pedagógica que deverá ser enviada por e-mail. Eu ficarei responsável por fazer com que a carta de cada uma de vocês chegue a todas. Após a leitura das cartas recebidas e das reflexões realizadas pedirei que escrevam a Carta Pedagógica de número 2 e assim sucessivamente. A expectativa é que durante o período de março a junho possamos escrever uma Carta Pedagógica mensal totalizando a escrita de 4 cartas por participante.

A dinâmica da troca de Cartas Pedagógicas poderá ser reavaliada e repensada pelo grupo caso esse sinta necessidade, por isso combinaremos uma data para a segunda Roda de Diálogo durante o andamento da pesquisa. E um terceiro encontro virtual ao final da troca de Cartas Pedagógicas, com revisão para ocorrer no mês de julho, para que possamos avaliar a experiência, falar sobre a construção colaborativa do produto final da dissertação em forma de vídeo e para pensarmos as possibilidades de continuidade ou não do grupo para além do vínculo com o Mestrado Profissional em Educação.

No PPGPE da UFFS está previsto a realização de um produto final, uma forma de retornar a comunidade parte dos conhecimentos construídos durante a pesquisa. Desse modo, temos a intenção de ao final da pesquisa elaborar um vídeo sobre Cartas Pedagógicas como forma de contribuir para maior visibilidade dessa modalidade de escrita e suas potencialidades metodológicas e formativas.

Em síntese, busca-se que as participantes estejam abertas a pensar sobre os feminismos, empoderamento feminino, conscientização e seus desdobramentos na educação e na sociedade como um todo utilizando como instrumento as Cartas Pedagógicas, ou seja, lendo e escrevendo, trocando correspondências, numa perspectiva freireana que além do caráter comunicativo entende a carta como geradora de pedagogia. Portanto, formativa, questionadora, aberta ao diálogo, a construção e troca dos diferentes saberes. A ideia é que os questionamentos e as reflexões presentes numa carta levem à motivação da escrita de uma nova carta.

Se vocês estão recebendo essa carta-convite é por que vocês são mulheres representativas de tantas outras mulheres que tem se colocado como autoras da sua própria história, apesar das amarras dos preconceitos raciais, de gênero e de classe, atuantes como educadoras populares conscientes da importância de cada uma de nós no engajamento político, social, cultural para a construção das mudanças que queremos ver. São cientes da sua incompletude, e por isso não se colocam como detentoras do saber, mas sim acreditam que todas e todos têm direito a ter acesso a todos os direitos e por isso convidam e inspiraram outras mulheres a colocarem a mão na massa juntas para que assim possamos ir aprendendo umas com as outras. Nos fortalecendo, de modo pessoal e coletivo, e garantindo a visibilidade em espaços que ainda são negados a nós mulheres.

Por essas características, e outras que ainda não conhecemos, pelo posicionamento e atuação política, social, cultural, educacional de cada uma de vocês é que as convido a construir, a partir daqui, essa pesquisa comigo que possamos ampliar nossos saberes, nosso sentir e nossos fazeres através do diálogo mediado pelo instrumento Carta Pedagógica.

Por favor, não me entendam mal! Aqui não estamos falando sobre guerreiras, super heroínas ou princesas de conto de fadas. Não queremos reforçar estereótipos de que mulheres são fortes e por isso precisam aguentar jornadas triplas de trabalho, as mais diversas e perversas formas de violência ou aceitar a discrepância salarial apenas por ser mulher. Somos fortes, sim! E essa força nos move a lutar contra as opressões e nos impulsiona a construir um mundo com mais equidade para todas e todos. Por que um mundo melhor para as mulheres é um mundo melhor para todos.

Penso que o coração e o cérebro dessa pesquisa seja a constituição desse grupo de troca de cartas entre mulheres, educadoras populares. Será uma honra contar com a experiência, a participação e a confiança de vocês²⁵. Sintam-se à vontade para responder esse convite por carta ou outros meios como e-mail, whatsapp.

Faço votos que, apesar do momento de pandemia e pandemônio que vivemos em nosso país, desfrutem de momentos agradáveis nesse final de ano e que possamos estar juntas no próximo ano nos desafiando a pensar e fazer pesquisa sobre estudos feministas. Em caso de aceite em participar da referida pesquisa enviarei o Termo de Consentimento Livre

²⁵ Os nomes de vocês serão preservados. Para isso, vocês poderão se identificar utilizando nomes de mulheres que contribuíram para a luta contra o patriarcado. Podemos definir a escolha desses nomes no nosso primeiro encontro virtual previsto para março de 2022. Dessa forma, posteriormente para a publicação desta carta-convite seus nomes também serão suprimidos.

Esclarecido (TCLE) para que seja assinado e enviado a mim. Desde já agradeço pela atenção, colaboração e disponibilidade de vocês. Juntas podemos mais!

Um grande abraço,

Micheli Silveira de Souza²⁶

Canoas, numa tarde de dezembro de 2021.

²⁶ Mestranda do PPGPE/UFS, Campus Erechim. Graduada em Pedagogia (PUCRS, 2015) e especialista em Gestão em educação (UNINTER, 2019). Professora alfabetizadora na rede municipal de Canoas/RS. E-mail: micheli.souza@acad.pucrs.br Whatsapp: (51) 98138-3205

REFERÊNCIAS

- BERTH, Joice. **O que é empoderamento**. – São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro).
- _____, Carlos Rodrigues. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. Porto Alegre: Outras Expressões, 2012.
- CASTRO, Amanda M; MACHADO, Rita de Cassia. (Orgs.) **Estudos feministas: mulheres e educação popular**. Editora liberars, 2020. (Vol. 3).
- COELHO, Edgar Pereira. **Pedagogia da Correspondência: Paulo Freire e a Educação por cartas e livros**. Brasília: Liber Livro, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 20ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo, Editora Olho d'Água, 1993.
- _____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000.
- _____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____; SHOR, Iran. **Medo e ousadia: o cotidiano de professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire**. 1. ed.- São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poisisis&Poiética Casa Publicadora, 2020.
- _____. **Pedagogia do inédito-viável: contribuições da participação pesquisante em favor de uma política pública e inclusiva de formação com educadores e educadoras**. Porto Alegre: PPGE/PUCRS, 2004. 989f. Tese (Doutorado em Educação). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2004.
- _____. Carta sobre Cartas Pedagógicas: experiência e reinvenção do legado de Paulo Freire. In: DICKMANN, Ivania (Org.). **Diálogo Freiriano**. 1.ed. Veranópolis: Editora Diálogo Freiriano, 2019, p. 55-63.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JARA, Oscar Holiday. **A educação popular latino-americana**: história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. São Paulo: Ação Educativa; CEAAL; ENFOC, 2020.

_____. Para sistematizar experiências. Trad. Maria Viviana V. Resende. 2.ed., **Revista Brasília**: MMA, 2006. Disponível em: <https://www.ufpb.br/redepopsaude/contents/biblioteca-1/para-sistematizar-experiencias/para-sistematizar-experiencias-livro-oscar-jara.pdf/view> Acesso em 11 de fev. 2020. 128p. (Série Monitoramento e avaliação)

MACHADO, Maria Elisabete. **Trajetórias universitárias e profissionais de egressos de um Curso de Pedagogia com ênfase em Educação Popular**. 2019. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2019. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/8742> Acesso em: 20 de maio 2020.

PALUDO, Conceição. Educação popular como resistência e emancipação humana. Cad. CEDES [online]. Campinas, v.35, n.96, p.219-238, maio – ago. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622015723770> Acesso em: 31 de maio de 2021.

PAULO, Fernanda dos Santos; DICKMANN, Ivo. (orgs.). **Cartas pedagógicas**: tópicos epistêmico-metodológicos na educação popular. 1. ed. – Chapecó: Livrologia, 2020. (Coleção Paulo Freire; v. 2). Disponível em: <http://livrologia.com.br/anexos/1432/50003/livro-cartas-pedagogicas-pdf> Acesso em: 20 de maio de 2021.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em Comum**: Para Todas, Todes e Todos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

APÊNDICE E – CARTAS DA PESQUISADORA ÀS PARTICIPANTES

CARTA 1- VAMOS DIALOGAR POR MEIO DE CARTAS PEDAGÓGICAS?

Ao Grupo de mulheres educadoras populares,

Escrevo essa Carta Pedagógica com alegria após o nosso primeiro encontro síncrono, uma roda de diálogo, realizada através de videoconferência MEET no dia 21 de março de 2022 das 19h às 20h30, onde pudemos nos conhecer melhor a partir da apresentação de cada participante da pesquisa intitulada *Empoderamento feminino e Cartas Pedagógicas: processos e aprendizagens de mulheres educadoras* de minha autoria com a orientação do professor Dr. Thiago Ingrassia Pereira no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Erechim.

A partir da fala de cada uma de vocês foi possível perceber a conexão entre as andarilhagens pessoais, profissionais, político-sócio-culturais que foram constituindo cada uma de vocês, de nós, como mulheres, educadoras populares e pesquisadoras que somos. Isso diz muito sobre a relevância da participação e das contribuições de cada uma para essa pesquisa.

Durante o nosso encontro síncrono apresentei de forma breve a pesquisa a vocês, devido ao limite de duração do encontro, por isso gostaria de retomar, acrescentar aqui algumas informações:

- A pesquisa busca dialogar sobre empoderamento feminino com mulheres educadoras populares através da troca de Cartas Pedagógicas. Tem sua base na Educação Popular, numa perspectiva freireana, ou seja, entende os processos educacionais também como processos de conscientização e emancipação.
- A pesquisa tem acordo com a definição de Educação Popular no verbete do Dicionário Paulo Freire (2018) escrita por Conceição Paludo (2018, p.172) onde ela afirma que

[...] a expressão educação popular designa a educação feita com o povo, com os oprimidos ou com as classes populares, a partir de uma determinada concepção de educação: a educação Libertadora, que é, ao mesmo tempo, gnoseológica, política, ética e estética (FREIRE, 1997). Esta educação, orientada para a transformação da sociedade, exige que se parta do contexto concreto/vivido para se chegar ao contexto teórico, o que requer a curiosidade epistemológica, a problematização, a rigorosidade, a criatividade, o diálogo, a vivência da práxis e o protagonismo dos sujeitos (FREIRE, 1995).

- As Cartas Pedagógicas entram como o elemento de ligação do quadro teórico com o quadro metodológico. Sendo assim, o coração da pesquisa! Corroborando com o conceito de Cartas Pedagógicas encontrado no verbete do Dicionário Paulo Freire (2018),

A carta, como um instrumento que exige pensar sobre o que alguém diz e pede resposta, constitui o exercício do diálogo por meio escrito. Por isso, referir-se às cartas pedagógicas implica referir-se ao diálogo, um diálogo que assume o caráter de rigor, na medida em que registra de modo ordenado a reflexão e o pensamento; um diálogo que exercita a amorosidade, pois só escrevemos cartas para quem, de alguma forma nos afeta, nos toca emotivamente, cria vínculos de compromisso. (VIEIRA, 2018, p.75)

E também com Isabela Camini (2012, p.81), grande referência em Cartas Pedagógicas, quando diz:

[...] entendemos que uma carta, que se proponha a ser pedagógica, deva ter cunho pedagógico, isto é, essencialmente seja portadora de conteúdo, de metodologia popular, de uma intencionalidade formativa e informativa; que seja de e para sujeitos sociais imbuídos de uma pedagogia que pretenda libertar o oprimido do opressor sem, com isso, passar a assumir o seu lugar.

Uma Carta Pedagógica busca apresentar os mesmos elementos do gênero textual carta e soma/acrescenta características de cunho pedagógico, formativo, abertura ao diálogo, gerando questionamentos e reflexões.

- Nessa pesquisa há a escolha de grafar a expressão Cartas Pedagógicas com letra inicial maiúscula conforme a orientação de Nita Freire e da professora Dra. Ana Lúcia Souza de Freitas(2020, 2021) que defendem que essa seria uma importante forma de gerar ainda mais visibilidade ao legado de Paulo Freire e de destacar essa modalidade de escrita inaugurada por Freire. Por essa mesma razão, optamos por “freireano/freireana” ao invés de “freriano/freiriana”.

- A pesquisa tem como problema de pesquisa: Como as Cartas Pedagógicas podem contribuir para o diálogo crítico-reflexivo e para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares?

- Objetivo: Compreender a fecundidade do diálogo crítico-reflexivo através de Cartas Pedagógicas para o processo de empoderamento feminino de educadoras populares.

Os objetivos específicos, os pressupostos teóricos e os caminhos metodológicos da pesquisa podem ser consultados na carta-convite que enviei anteriormente para vocês. Por isso, não vou repetir aqui para não ficar cansativo e repetitivo.

Na continuidade da nossa roda de diálogo, chegamos a algumas definições e combinações são elas: a identificação do/a remetente com a assinatura de nossos nomes, autorizando a divulgação dos nomes das participantes também na publicação final da

pesquisa; Envio da primeira Carta Pedagógica até 31/03/2022 sobre as reflexões geradas a partir do primeiro encontro e dos seguintes questionamentos: **O que você entende por empoderamento feminino? Qual a sua proximidade/experiência com a escrita de cartas e/ou Cartas Pedagógicas?**

As Cartas Pedagógicas deverão ser enviadas para o e-mail micheli.souza@acad.pucrs.br. Após o recebimento eu encaminharei a vocês, também por e-mail, todas as Cartas Pedagógicas. Conforme calendário de pesquisa, aprovado pelo nosso grupo, as próximas Cartas Pedagógicas deverão ser enviadas até o dia 15 de cada mês.

Nosso segundo encontro síncrono está previsto para acontecer até a primeira quinzena de julho, mas caso seja necessário podemos antecipar e/ou acrescentar encontros durante o “caminhar” da pesquisa. Nossa comunicação enquanto grupo e coletivo está sempre aberta por carta, e-mail e whatsapp.

Em anexo, envio alguns materiais que possam auxiliar quanto à compreensão da pesquisa e dos temas relacionados a ela. Caso vocês tenham contribuições e queiram compartilhar, sintam-se à vontade para enviar também.

Gostaria mais uma vez de reafirmar a importância de cada uma de vocês para o coletivo que estamos construindo de mulheres educadoras que dialogam através de Cartas Pedagógicas. E agradecer pelo aceite e pela participação de vocês, sei que não é fácil encontrar tempo-espaco dentro das nossas jornadas triplas de trabalho.

Fica o convite para iniciarmos a escrita e troca de Cartas Pedagógicas dialogando e refletindo coletivamente sobre empoderamento feminino, estudos feministas, Educação Popular e o próprio instrumento de pesquisa, as Cartas Pedagógicas. Confesso que já estou ansiosa para ler a palavra de vocês através das Cartas Pedagógicas. Vamos dialogar?

Um grande abraço a todas!

Micheli Silveira de Souza

Canoas, 25 de março de 2022.

REFERÊNCIAS

CAMINI, Isabela. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: Outras Expressões, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. **Andarilhagens de uma educadora pesquisadora**: Cartas Pedagógicas e outros registros de participação no Fórum de Estudos Leituras de Paulo Freire. 1. ed.- São Paulo: BT Acadêmica; Porto Alegre: Poiesis&Poiética Casa Publicadora, 2020.

_____. **Carta sobre Cartas Pedagógicas**: homenagem a Paulo Freire no ano do centenário de seu nascimento. Cadernos de Educação. Faculdade de Educação UFPel, Pelotas, n. 65, 2021. p. 1-14.

PALUDO, Conceição. Educação Popular (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 171-172.

VIEIRA, Adriano José Hertzog. Cartas Pedagógicas (verbete). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime. (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. 4. ed. rev. amp. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018, p. 75-76.

CARTA 2



Imagem: Freepik

<https://br.freepik.com/fotos-vetores-gratis/caixa-correio>>Caixa correio vetor criado por macrovector - br.freepik.com

Às mulheres educadoras populares participantes da pesquisa,

É com alegria que anuncio que *o carteiro chegou*²⁷ trazendo as Cartas Pedagógicas de cada uma de vocês para concretizarmos a segunda troca de cartas. Preparem-se para receber de abraços abertos essas cartas que chegam em forma de abraços por trazem com elas muito de vocês.

A cada leitura tenho o privilégio de conhecer um pouco mais das alegrias, amores, dores, lutas que as constituem. Estimo que a cada troca de Cartas Pedagógicas o vínculo do nosso grupo de mulheres educadoras populares se fortaleça, nutrindo cada uma e o nosso coletivo. Tenho vivido intensamente as potencialidades e desafios de estar sendo pesquisadora-participante, já iniciei alguns esboços de categorizações e estou buscando diferentes formas de registrar e sistematizar a experiência. Andarilhando pelos caminhos metodológicos dessa pesquisa e também gerando conteúdo para produção do vídeo que será o produto dessa dissertação. Vocês estão convidadíssimas para construção coletiva desse vídeo, por favor, não esqueçam.

A intenção é compartilhar um link do *Padlet* em forma de linha do tempo que permita ao nosso grupo ter o registro, a memória da experiência que estamos vivendo e também acrescentar ideias, esboços, propostas que irão compor a construção do vídeo. Assim que possível, conversaremos mais sobre isso. O que vocês acham? Conhecem essa ferramenta? Já utilizaram?

²⁷Título de livro infantil escrito por Janet & Allan Ahlberg.

O *Padlet* tem a ideia de um mural. Eu conheci essa ferramenta durante a pandemia no ensino remoto, um dos períodos mais desafiadores para nós educadoras/es. Os dilemas, conflitos e questionamentos foram muitos na busca em encontrar meios de como chegar aos estudantes que não tinham acesso a internet. Ainda assim, os impactos e consequências da pandemia da Covid-19 estão sendo sentidos na educação e sobre isso poderíamos escrever um livro com centenas de cartas.

Como a Franciele disse em sua carta, são tempos difíceis, desafiadores para a escola e para a escola pública. Estamos cansadas, sobrecarregadas, mas conscientes da importância do nosso fazer e por isso continuamos. Ao confirmar o recebimento da carta de Franciele chamei o momento em que nos encontramos de “desesperança-esperançosa”, e precisamos daquelas pausas tão necessárias para respirar, e continuar na esperança ativa que Freire nos ensinou que vem do verbo esperar e não do esperar.

A Carta Pedagógica da Maria Fernanda nos enche os olhos com vários elementos estéticos que contribuem para o diálogo efetivo e afetivo por meio de cartas. Falando sobre a história de sua mãe e seu pai ela também falou sobre boa parte de famílias da classe trabalhadora, assim como a minha. A escolha das fotos, trechos do seu diário e de frases de mulheres inspiradoras na sua vida nos aproximam das tessituras de suas vivências e fazer lembrar e olhar para a nossa. Essa é uma das características e benefícios das cartas e das Cartas Pedagógicas a possibilidade de incluir e conectar diferentes formas de se comunicar, de se expressar usando os mais variados elementos. Faço um convite para que na próxima Carta Pedagógica cada uma inclua um novo elemento, que ainda não foi utilizado nas escritas anteriores para o grupo.

Tamires nos instigou a pensar e seguir dialogando sobre feminismos interseccional e a Joanne deu continuidade ao diálogo falando sobre os diversos feminismos e falando sobre a construção de um feminismo popular. Reflexões que vem nos atravessando desde o primeiro encontro síncrono e que não se encerram aqui.

Gurias, não se desculpem por se alongar na escrita, até porque as escritas não estão extensas, aliás, sintam-se à vontade para escrever mais, se assim desejarem. Já que a cada troca nosso diálogo vai avançando, se ampliando e aprofundando. A cada carta aprendo muito com vocês e vou articulando a teoria estudada com caminhos metodológicos trilhados com vocês. Que sorte a minha ter vocês como companheiras nessa caminhada!

Nessas últimas semanas participei de dois movimentos importantes para a visibilidade das Cartas Pedagógicas e vou compartilhar com vocês: o primeiro foi um Pré-Fórum coordenado pela professora Ana Lúcia Souza de Freitas organizado pelo Coletivo de Leitoras de Paulo Freire na França que reuniu e convidou educadoras/es e pesquisadoras/es que vem contribuindo com as Cartas Pedagógicas, entre elas a referência Isabela Camini, o evento foi realizado de forma remota no dia 07 de abril.

O outro movimento foi realizado no último dia 25, uma aula aberta intitulada “*Cartas Pedagógicas como prática de ensino e pesquisa*” organizada pelas referências nessa temática Fernanda Paulo e Isabela Camini. Nesse mesmo encontro aconteceu o lançamento do curso de 60h ministrado por elas. São passos que vem sendo construídos no mínimo há uma década e de forma mais intensa no centenário do nascimento de Freire e que muito contribuem para as visibilidades das Cartas Pedagógicas e para a reinvenção do legado de Paulo Freire. Caso tenham interesse em participar ou ajudar a divulgar o curso posso compartilhar o link com vocês.

Antes de finalizar essa carta, gostaria de registrar aqui também nossas combinações realizadas por e-mail e whats quanto à flexibilização da data do envio das Cartas Pedagógicas do mês de abril devido aos feriados de Páscoa e Tiradentes. Seguindo o cronograma o envio da terceira carta se dará até 16 de maio (segunda-feira).

E assim, vou dando fim a essa carta. Agradeço a participação e engajamento de cada uma de vocês que fazem o nosso coletivo ganhar corpo e vida!

Um abraço, em forma de carta, e até a próxima!

Micheli Souza

Canoas, 27 de abril de 2022.

CARTA 3 - Queridas companheiras de pesquisa,

O carteiro chegou novamente, ou melhor a carteira! Escrevo para dizer que chegamos a terceira e penúltima troca de Cartas Pedagógicas do grupo que criamos com tanta amorosidade e sem deixar de ter rigorosidade metódica. Aprendemos com Freire que uma atitude não impede a outra. Não vou me alongar muito, porque nas cartas escritas por vocês encontramos trechos muito bem escritos que recuperam a experiência vivida e o diálogo construído até aqui.

Após o recebimento e a leitura de cada uma de vocês, chegaremos ao processo de escrita da última carta. Gostaria de fazer um pedido especial: que essa Carta Pedagógica seja **bordada**, como nos diz Isabela Camini, encharcada de intencionalidade política e pedagógica. Como estamos nos desafiando a fazer desde o ponto de partida.

Faço um convite à vocês para que após a última troca de Cartas Pedagógicas, prevista para 15 de junho, possamos nos reunir, de forma síncrona através do Meet, para avaliarmos o caminho trilhado coletivamente até aqui. O que vocês pensam ser melhor dia 27/06 ou 04/07? Mantemos na segunda à noite das 19h às 21h? Nesse dia falaremos entre outros assuntos sobre a experiência de utilizar as Cartas Pedagógicas como instrumento para dialogar sobre empoderamento feminino e seus desdobramentos em nossas vidas; sobre em quais outros contextos já utilizamos ou pensamos em utilizar as Cartas Pedagógicas; pensar a construção do vídeo e também propostas para o destino desse grupo após a conclusão da pesquisa.

Compartilhei por e-mail o link do Padlet para que possamos ir acrescentando lá materiais e elementos que possam fazer parte da produção do vídeo (produto do mestrado) sobre Cartas Pedagógicas que tem como objetivo divulgar/apresentar para mais pessoas as potencialidades desse gênero de escrita criado por Paulo Freire compartilhando sobre as reinvenções de seu legado que vem sendo feitas, principalmente na última década. Deixo o link aqui também:

Vou me despedindo... espero que vocês também possam se conectar e sentir a alegria que eu senti ao receber as cartas e a emoção após cada leitura. Que possam bordar uma rede de reflexões a partir dos pensamentos, das palavras, do sentimentos e emoções geradas. Que tenham tempo para pausar o tempo e registrar no papel o que estamos vivendo nesse caminhar com mulheres educadoras populares.

Um grande abraço cheio de saudade e vontade de encontra-las novamente!

Micheli Souza

Canoas, 24 de maio de 2022.

CARTA 4- AGRADECIMENTO ÀS PARTICIPANTES

A carta de agradecimento às participantes será escrita após a Banca com objetivo de trazer as informações sobre o processo todo durante o Mestrado Profissional inclusive sobre a avaliação da pesquisa e as indicações de alterações para a publicação final. A escrita dessa carta, ou encontro, já estava prevista e as participantes foram comunicadas e estão cientes dessa organização.

APÊNDICE F- PRIMEIRA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS

Estimadas companheiras,

Olá, mulheres! Aqui estou eu, elaborando essa carta, no meio da madrugada de um dia cheio (aspecto que sei ser comum e transversal não só nas nossas vivências, como nas de tantas mulheres que seguem na batalha diária por aí). Aproveito esse exercício de escrita para resgatar também os primeiros diálogos que tivemos, na semana anterior, quando, a partir dessa aproximação inicial, pudemos ouvir um pouco de nossas vivências, experiências, inserções, etc. Multifuncionais talvez... envolvidas em tramas de muitos “fazeres” e muitas reflexões, tecidas no cotidiano de nossas práxis: essa é a sensação que tenho... ao ouvi-las e observá-las, mesmo que da tela do computador (como acabamos nos acostumando a fazer, nos últimos dois anos).

Essa carta também significa um convite ao diálogo e ao aprofundamento reflexivo, nesse círculo de relações recém-criado e dotado de sentidos, visto que, em meio as nossas histórias de vidas diferentes, há encontros e similaridades potentes que nos unem, como mulheres engajadas e envolvidas no cotidiano da educação, na luta por um outro mundo possível.

Dessa forma, penso que nas similaridades e nas diferenças, vamos nos constituindo como uma nova ação coletiva disposta a, mediadas pela pesquisa da Michele, pensarmos sobre como Cartas Pedagógicas, como ecos de nossas vivências, podem contribuir para o nossodiálogo crítico-reflexivo e, conseqüentemente para o nosso processo de empoderamento. Esse diálogo, fértil e mobilizador, nos coloca em movimento, no exercício de revisitarmos as nossas histórias pessoais, profissionais e militantes e nos fazermos e refazermos, mediante os encontros estabelecidos.

Fiquei pensando no que poderia trazer como disparador reflexivo, nessa primeira carta, e pensei no meu momento de conclusão de doutorado, muito envolvida com a escrita, a partir de uma intensa empiria e, me lembrei do capítulo inicial da minha tese, quando busco demarcar, ainda que brevemente, inspirada em Freire, os “tempos fundantes”²⁸ que me constituíram como pesquisadora militante.

No item da minha escrita que discorro sobre as minhas motivações pessoais para a tese, que chamo de “andarilhagens reflexivas”, trago algumas de minhas experiências que

²⁸Freire aborda a concepção de “tempos fundantes” nas obras *Pedagogia da esperança* (FREIRE, 2015a), e, na carta 11, da obra *Cartas a Cristina* (FREIRE, 2015b), quando fala de sua experiência no SESI.

mencionei no nosso primeiro encontro, e algumas outras, que compreendo como fundantes para o meu processo de constituição como sujeito, como mulher, como educadora popular, inspirada por uma práxis feminista e que tem como chão da militância o território periférico, da cidade onde vivo.

Como pontos de diálogo, reproduzo aqui, aspectos que considero formativos na minha trajetória, sobre os quais eu falo na tese:

Escolho um trecho da obra *À sombra desta mangueira*, tecido por palavras que ecoam e mobilizam profundamente aquelas e aqueles compromissados(as) com a educação na perspectiva da transformação social. Escolho essas palavras para traduzirem algumas de minhas inquietações relacionadas à minha escolha pela área da educação, posicionada, política, situada e construída coletivamente com aquelas e aqueles para os quais os acessos aos direitos fundamentais foi negligenciado, tendo em vista nosso processo histórico demarcado pela opressão/exploração das classes populares.

Minha terra é a coexistência dramática de tempos díspares, confundindo-se no mesmo espaço geográfico – atraso, miséria, pobreza, fome, tradicionalismo, consciência mágica, autoritarismo, democracia, modernidade e pós-modernidade. O professor que discute na universidade a educação e a pós-modernidade é o mesmo que convive, em seu país, com a dura realidade de trinta e três milhões de homens e mulheres que morrem de fome (FREIRE, 2013, p. 42-43)²⁹.

É nessa mesma terra das coexistências, que hoje, ao acessarmos o relatório da OXFAM Brasil³⁰ (2021) e o site da Organização, nos deparamos com dados acerca do aprofundamento da desigualdade social, no contexto da pandemia: no mundo, mais de 160 milhões de pessoas foram empurradas para a situação de pobreza e estima-se que, em média, 17 milhões de pessoas morreram de Covid-19 no mundo. Os 10 homens (homens.) mais ricos do mundo têm hoje seis vezes mais riqueza do que os 3,1 bilhões mais pobres do mundo, e, no Brasil, os 20 maiores bilionários do país têm mais riqueza do que 128 milhões de brasileiros (60% da população).

É também nessa terra de coexistências que fenômenos sociais como a feminização da pobreza crescem desde a década de 70 e nos provocam a pensar/agir a respeito de como se avança e se supera esse quadro, dentro de uma totalidade histórica demarcada pela desigualdade. Penso, como uma contribuição, pautada nas minhas vivências e estudos, que essa discussão passa pela afirmação do feminismo classista popular e antirracista, que se

²⁹FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. 11 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013

³⁰Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/um-retrato-das-desigualdades-brasileiras/pesquisa-nos-e-as-desigualdades/pesquisa-nos-e-as-desigualdades-2021/>

projeta em uma perspectiva anticapitalista. Uma práxis feminista que demanda aprofundamento dos debates, integrado por um método de leitura da realidade que também se configure como uma estratégia político-interventiva “de desnaturalização das particularidades das diversas desigualdades”, sendo que essa perspectiva também demanda a compreensão do feminismo como um movimento social (CISNE, 2018, p. 214)³¹.

Trago esses breves apontamentos, apenas como sinalizadores de que podemos aproveitar essa discussão que está em voga na sociedade, por meio da mídia, das redes sociais e, partindo da realidade das pessoas que vão se informando por esses meios, podemos contribuir na construção de um processo progressivo de aprofundamento das compreensões, em uma ação política e educativa que dialoga com a liberdade e a igualdade entre homens e mulheres, considerando os recortes de classe e raça.

Ainda dentro dessa questão, trago também a referência do livro “Feminismo para os 99%” que se constitui como um manifesto que nos atenta para o fato de que, a nossa ação, como mulheres engajadas nas lutas populares pode se dar:

(...) pelos direitos da maioria – das mulheres pobres e da classe trabalhadora, das mulheres racializadas e das migrantes, das mulheres queer, das trans e das mulheres com deficiência, das mulheres encorajadas a enxergar a si mesmas como integrantes da “classe média” enquanto o capital as explora. E isso não é tudo. Esse feminismo não se limita às “questões das mulheres” como tem sido tradicionalmente definido. Defendendo todas as pessoas que são exploradas, dominadas e oprimidas, ele tem como objetivo se tornar uma fonte de esperança para a humanidade. (ARUZZA, BHATTACHARYA, FRASER, 2019, p.30).³²

Contextualizo alguns cenários, para evidenciar questões que me mobilizam no meu cotidiano como educadora popular. Trazendo alguns aspectos da minha história, acho que cabe apontar que meu interesse pela questão social surgiu desde antes do ingresso na Universidade. Moradora de Ermelino Matarazzo, um bairro na região periférica de São Paulo (capital), observava alguns trabalhos que meu pai fazia como contador, vinculado ao centro comunitário de uma igreja da região. Eram tempos de trabalhos de base nas periferias, não tão intensos como os das duas décadas anteriores desenvolvidos por grupos progressistas

³¹CISNE, Mirla. Feminismo e Marxismo: apontamentos teóricos-políticos para enfrentamentos das desigualdades sociais. Revista Serviço Social e Sociedade. São Paulo, n. 132, maio/ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282018000200211&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 de setembro de 2019.

³²Aruzza, Cinzia. Bhattacharya, Tithi. Fraser, Nancy. Feminismo para os 99%. Um Manifesto. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo Editorial. 2019.

vinculados à Igreja católica, sob a influência da teologia da libertação. Nesse contexto, tive a oportunidade de crescer acompanhando e participando de ações e mobilizações sociais.

Ingressei na faculdade de Psicologia aos 17 anos, buscando, para além do formato clínico de atuação, as vinculações da psicologia que sustentam o trabalho coletivo, em sua dimensão comunitária e social. Almejava uma formação que ultrapassasse a prática do trabalho voluntário, pois, nessa idade, mesmo intuitivamente, já sentia falta da compreensão do ser humano como sujeito de direitos e não apenas como um “beneficiário” (visão muitas vezes propagada pela prática voluntária).

Desde então, foram significativas as experiências e aprendizagens tecidas no âmbito da partilha com o coletivo. Experiências compartilhadas em diferentes campos de trabalho como educadora popular na periferia de São Paulo, ligados à política nacional de Assistência Social e à Educação, ou ainda, militando em espaços participativos, como por exemplo, redes de proteção à juventude, o Movimento Nacional de Medidas Socioeducativas em Meio Aberto, o Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes (CMDCA) da cidade de São Paulo, coletivos feministas, Fóruns sobre Direitos Humanos e Cultura de Paz, os trabalhos no âmbito da articulação com a comunidade no contexto do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac), e da própria docência em si, dentre outros espaços-tempos.

O resgate dessas breves memórias que me constituíram/constituem, traz sentido a essa construção textual, e remetem ao que Freire (2015a)³³ nomeia como "tempo fundante"³⁴ de sua inspiradora trajetória (FREIRE 2015a). Tempo fundante que, nas palavras do pensador pernambucano, acessa “as tramas mais remotas que me envolveram, pedaços de tempo de minha infância, minha adolescência que precederam o tempo do SESI” (p.26). Pedaços de tempos - vividos concretamente, com afetos e aprendizados - que se alongam, se entrelaçam e ecoam, sendo reelaborados e ressignificados, nas tramas de nossas experiências engajadas. Certamente, se buscarmos no fundo de nossas memórias, contatamos indícios de lembranças e afetos que nos constituíram como pessoas interessadas no coletivo e na justiça social. Esse é um exercício identitário, que nos ajuda a nos conhecer melhor, compreender melhor as nossas motivações, o que nos mobiliza, e, nesse processo de aprofundamento e aperfeiçoamento, nos

³³FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 22ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015a.

³⁴Como tempos que mobilizam e inspiram a sua trajetória engajada, no combate à opressão.

tornamos pessoas também mais genuinamente comprometidas e sensíveis às histórias de outras pessoas.

Como fruto dessa pluralidade de acúmulos, venho buscando construir a minha própria forma de ser/estar educadora, que decerto é minha, mas também é de todas e todos que fizeram parte desse caminho. Vocês já pensaram sobre isso? Sobre quais processos fomentaram esse processo de constituição? Por que o interesse na Educação? Na luta das mulheres? No fortalecimento do coletivo? No combate às injustiças? Como percebem os “tempos-fundantes” da mulher que vocês estão sendo?

Encerro por aqui... contente pela oportunidade de participar.

Seguimos e Abraços!

Joanne

Caríssimo grupo de Educadoras,

É uma alegria fazer parte desse movimento que busca dialogar sobre Empoderamento Feminino e Educação. Agradeço a pesquisadora Micheli pelo convite e pela ousadia pedagógica em construir uma pesquisa tão relevante e condizente com sua trajetória profissional.

Me chamo Franciele e sou Professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental em uma escola rede municipal de Canoas/RS, mas moro na cidade de Porto Alegre/RS. Tenho 27 anos e me “descobri feminista” há 3 anos, quando uma colega escola onde trabalho atualmente me apresentou o livro “Feminismo em comum” de Márcia Tiburi com a seguinte dedicatória:

“Querida filha do coração Franciele! Você, através da literatura empodera todas, todes e todos que tem a oportunidade de conviver contigo. Este livro é um pouco de você: corajosa, ousada, virtuosa, dinâmica, criativa... O feminismo em comum liberta. Te admiro muito. Bjs, Leonete”

Durante a graduação em Pedagogia ouvia falar com relativa frequência sobre gênero em algumas disciplinas, mas nunca havia me interessado especificamente em estudar sobre essa temática. Apesar disso, alguma sementinha foi plantada e germinou quando comecei a atuar como professora na escola pública e floresceu como o olhar amoroso e atento de minha colega dizendo: o que você faz é feminismo, leia esse livro para embasar o que você já faz na prática.

Conforme afirma Tiburi (2018)

O feminismo de reinventa a cada vez que surge uma nova feminista, a cada vez que as feministas produzem o feminismo que desejam, por meio de teorias e práticas que sempre são, por definição, inadequadas ao patriarcado. (Tiburi, 2018, p.42)

Fazer parte deste grupo é um ato de resistência e amor. Nas palavras de Márcia Tiburi é também “produzir o feminismo que nós desejamos”. Por isso me sinto tão feliz em fazer parte dessa pesquisa. Conhecer pessoas como Micheli, Joanne, Tamires e Maria Fernanda renova a minha esperança, me faz acreditar que é possível concretizar esse sonho, ainda tão distante, de equidade entre gêneros e empoderamento feminino. E como afirma nosso mestre Paulo Freire, (2018, p. 126), “não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”.

Nossa esperança é necessária, mas precisa ser acompanhada de ações. Exatamente por isso Paulo Freire escreve sobre o verbo “Esperançar” em contraponto a uma espera passiva.

Apenas conhecer a realidade não basta, precisamos transformá-la. E acredito que a minha forma de contribuir para a transformação da realidade é com a literatura. Nesse processo diário de me constituir enquanto docente encontrei nos livros uma potente ferramenta para refletir com as crianças sobre estereótipos de gênero estabelecidos pelo patriarcado. Meu papel enquanto mediadora de leitura é formar leitores críticos, criativos, empáticos e sensíveis, pois conforme afirma Riter (2009):

Ser leitor faz diferença. Ser leitor é possibilidade de construção de um ser humano melhor, mais crítico, mais sensível; alguém capaz de se colocar no lugar do outro; alguém mais imaginativo e sonhador; alguém um pouco mais liberto dos tantos preconceitos que a sociedade vai impondo-nos a cada dia, a cada situação enfrentada. (RITER, 2009, p. 35)

Para formar leitores nessa perspectiva apresentada por Riter (2009) a seleção dos livros que ofereço às crianças precisa ser criteriosa, do contrário estarei reforçando estereótipos e não desconstruindo. A representatividade na literatura é muito importante. Até alguns anos as meninas eram representadas apenas enquanto personagens passivas, embora ainda na década de 70 Lygia Bojunga já nos presenteava com sua personagem Raquel, protagonista do livro “A bolsa amarela”. Uma menina curiosa, questionadora, cheia de vontades que precisava esconder dentro da bolsa. Eu conheci esse livro depois de adulta e me encantei pela leitura, mas gostaria tanto de ter lido a bolsa amarela na infância. Como será que a menina Franciele reagiria ao conhecer Raquel? Agora fiquei curiosa para saber: vocês leram esse livro na infância de vocês, Micheli, Joanne, Tamires e Maria Fernanda? A que tipos de personagens femininas vocês tiveram acesso na infância? Foi em casa ou através da escola?

O primeiro livro que fiz leitura compartilhada com meus alunos na disciplina semanal de Projeto Livro e Leitura (PLL), que assumi em 2017, foi o “Monstro Monstruoso da caverna cavernosa” escrito por Rosa Rios e ilustrado por André Neves. Nesse livro o protagonista da história é um monstro que precisa devorar princesas para ser aceito por sua família e pela “associação de monstros”. Apesar disso, ele não consegue se encaixar nesse papel pré-estabelecido, afirmando que ama devorar sorvetes e não princesas. Dessa forma acaba se isolando no alto de uma caverna onde certo dia é surpreendido por um carteiro com uma entrega especial: uma princesa enviada pela associação de monstros para ser devorada por ele. A princesa, por sua vez, também não se encaixa nos rótulos sociais que querem colocá-la: é aventureira, destemida e detestava a vida que levava no castelo. Os dois decidem ficar morando juntos com a justificativa de que o monstro está “engordando” a princesa para

devorá-la em algum momento. Novamente o monstro é surpreendido por outra visita, desta vez de um príncipe enviado pela “associação de heróis”. Acontece que esse príncipe é um covarde e detesta ter que salvar princesas, mas precisa “manter as aparências” para manter seu emprego. Que livro maravilhoso! Rendeu muitos momentos de conversa com alunos de 1º ao 5º ano. Em 2022 iniciei a leitura dele novamente, dessa vez com as crianças de 2º e 3º ano e já conquistou o coração das leitoras e leitores.

Através da literatura também faço ecoar as vozes de mulheres silenciadas pela história, tais como Rosa Parks e Carolina Maria de Jesus, por exemplo. As crianças de 1º ao 3º ficaram inconformadas com o fato de Rosa ter sido presa diante de se recusar a ceder seu lugar no ônibus para um homem branco nos Estados Unidos. O mesmo aconteceu ao descobrirem que Carolina, aqui no Brasil, havia sido presa apenas por ser vista lendo um livro. Ler e dialogar com as crianças a partir de livros com protagonistas femininas reais é uma forma de reviver as opressões do passado e refletir sobre a importância da conquista dos direitos das mulheres.

Além de ser professora, sou uma das coordenadoras do maior projeto literário da escola onde trabalho. O projeto chama-se “Fome de Ler” e envolve professores e estudantes de anos iniciais, anos finais e a Educação de Jovens e Adultos. Durante nove anos de projeto recebemos a visita de oito escritores homens e apenas uma escritora mulher. Os estudantes de nossa escola vivem em contexto de vulnerabilidade social, ou seja, em sua maioria só têm acesso a livros literários através da escola. Que referências estamos passando para as crianças? Que “lugar de mulher é onde ela quiser”? Menos sendo escritora, não é mesmo? Que menina sonhará em ser escritora sem uma referência para se inspirar? Quando ouvem a palavra “escritores”, que pessoas vem em sua mente? Possivelmente só conseguirão lembrar de homens, pois só tiveram acesso a escritores homens.

Conhecendo essa realidade pude intervir para transformá-la. E em 2019, no último ano de aula antes da pandemia, fui bastante enfática argumentando que precisávamos homenagear uma escritora mulher. E assim foi feito. Na 10ª edição do projeto Fome de Ler recebemos a visita da segunda escritora mulher. Os estudantes da nossa escola leram livros escritos pela autora Rosana Rios, entre eles o Monstro Monstruoso, citado anteriormente, como se estivesse fechando um ciclo para iniciar outro.

Portanto, defendo que é muito importante olharmos com atenção e cuidado para que a gente não normalize nada que acontece no ambiente escolar. A todo tempo precisamos parar e

analisar nossa prática refletindo a partir do seguinte questionamento: por que estamos fazendo o que estamos fazendo? Acredito que seja essencial olharmos os acontecimentos do cotidiano escolar através das lentes da “equidade de gênero”. Foi muito bom refletir e reviver alguns momentos da minha caminhada enquanto professora-mediadora de leitura na escola pública. Aguardo o envio das próximas cartas para conhecer um pouco mais da trajetória de vocês.

Com afeto e admiração, Franciele Vanzella da Silva

Porto Alegre, 02 de abril de 2022

Às educadoras,

Procrastinei a escrita desta carta porque queria muito escrever algo “à altura” de vocês, no sentido de dizer algo que “sirva”. Além disso, tendo o conceito de empoderamento na cabeça, também temia “errar”, estar em desacordo com o que as teóricas da área apresentam. Tenho sido há tempos feminista de prática e reconhecimento, mas ainda me sinto muito á quem de leituras.

Noite dessas, um aluno novo da minha escola da noite (EJA de Ensino Médio) me procurou para dizer que uma aluna antiga da escola disse que eu era a professora que gostava de tratar “desses assuntos”; em seguida ele começou a falar de questões de gênero. A Mi (nossa proponente do projeto) também me viu como uma educadora “desses assuntos” e aqui estou. No entanto, toda vez que me veem como referência de qualquer coisa, eu sinto medo de não corresponder às expectativas.

Começo então a falar das barreiras do empoderamento, sendo a pior, para mim, esse monstrinho da insegurança que habita nossa mente e é alimentado cotidianamente pela cultura machista que nos cerca. A cada vez que um homem menospreza o que eu digo e sai de uma conversa na hora da minha fala, a cada vez que ao invés de prestar atenção no que eu digo um homem olha para os meus seios, a cada vez que um homem me interrompe e tenta explicar “o que eu quis dizer”, a cada vez que após minha fala um homem diz exatamente o que eu havia dito mas isso ganha mais eco em um determinado coletivo, a cada vez que eu e outra mulher rivalizamos intelectualmente ao invés de construir algo... a cada vez. Todas essas vezes e tantas outras meu monstrinho da insegurança recebe um banquete.

Então, com três dias de atraso, sentei para escrever esta carta pensando na grandiosidade do que estamos fazendo, na coragem de mulheres que se inserem a duras penas na academia e estudam SLAM, literatura infantil engajada, educação antirracista e educação popular. Abri bell hooks e Paulo Freire (nessa ordem) e recebi o que precisava. Compartilho com vocês:

“Em todas as revoluções culturais há períodos de caos e confusão, época em que graves enganos são cometidos. Se tivermos medo de nos enganar, de errar, se estivermos a nos avaliar constantemente, nunca transformaremos a academia num lugar culturalmente diverso (...)” Ensinando a transgredir : a educação como prática da liberdade - p. 49

“É que, no momento em que os indivíduos, atuando e refletindo, são capazes de perceber o condicionamento de sua percepção pela estrutura em que se encontram, sua percepção começa a mudar, embora isto não signifique ainda a mudança da estrutura.” Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos - p. 46

Começo esse diálogo com vocês, consciente das opressões que nos afligem e aberta para errar e reconhecer os erros sem medo, ciente da importância do erro no processo de aprendizagem e empoderamento.

ansiosa para lê-las,

Maria Fernanda da Silva Viegas

Porto Alegre, 3 de abril de 2022

Queridas amigas, colegas de profissão e companheiras de luta...

Em 1994 minha família e eu, que morávamos em um apartamento dentro de um prédio em construção, onde meu pai trabalhava como operário, nos mudamos para o morro da Aparecida, em Viamão. Na época, a comunidade era recém-formada; e lá poucas pessoas residiam. Com o passar dos anos, o espaço começou a ser ocupado por casas em situação precária, famílias em condições de vulnerabilidade extrema, o tráfico se alastrou, o lixo tomou conta, esgotos a céu aberto passaram a dividir o local com a vizinhança. Eu, com nenhuma consciência de classe, relutei ao máximo para reconhecer a minha condição. Embora nunca tivesse me faltado comida, roupas e moradia, sim, eu era favelada, filha de um operário analfabeto e uma empregada doméstica sem o ensino fundamental completo.

Durante a pandemia, conhecia literatura marginal periférica. Ao ler Cristiane Sobral, Dinha, Poeta Kimani, entre outras, me descobri como mulher periférica; e surgiu então a vontade de impulsionar outras mulheres, moradoras da mesma comunidade. Como Djamila Ribeiro diz, não é possível empoderar outras pessoas, mas acredito que fui capaz de influenciar um grupo de mulheres, trabalhadoras, mães, donas de casa, mães solo, a maioria sem o ensino médio.

A ideia inicial do projeto Calçada do Saber era “apenas” promover a cultura na favela e incentivar a leitura, entretanto o projeto acabou reacendendo sonhos de dez mulheres periféricas, fazendo com que se enxergassem como cidadãs ativas na sociedade, elevando a autoestima, fazendo com que essas mulheres voltassem a estudar, começassem a trabalhar fora, se permitissem a sonhar com uma graduação. Além disso, nos reaproximamos. Por falta de tempo, por conta da correria cotidiana, não conversávamos há anos, e com os eventos na Calçada do Saber criamos vínculos mais fortes. Nas ações, nossos filhos ficam livres brincando na rua Salvador Nunes Marins, e viram filhos de todas, umas cuidam dos filhos das outras. Mais do que a sororidade, vivemos a dororidade, a dor que se transforma em potência, apresentada por Vilma Piedade. Com essas vivências, nos modificamos... metamorfoseamos... resignificamos as nossas condições como “mulheres em ação” e vivemos a alteridade.

E é isso que nos faz ajudar outras mulheres que levam seus filhos para participar dos eventos, mulheres essas que, muitas vezes, por fazerem parte de uma estrutura socialmente desigual, normalizam a condição em que vivem: sem moradia digna, sem higiene, sem alimentação adequada.

Afinal de contas, os direitos pelos quais lutam as feministas deveriam abraçar qualquer mulher, independente de cor e classe social. Como bell hooks defendia, o feminismo é sobre a vida de TODAS as mulheres, em diferentes proporções; e por isso devemos abordar os feminismos acerca da interseccionalidade, tornando-o uma discussão popular e acessível, não ficando apenas no campo acadêmico.

Vocês já pensaram os feminismos com olhar interseccional?

Encerro esta carta com este questionamento, pautado no discurso de bell hooks, a vocês, queridas amigas. Abraços afetuosos,

Tami Prestes

Viamão, 3 de abril de 2022.

APÊNDICE G- SEGUNDA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS

Querido grupo de educadoras,

Início essa carta dizendo que compreendo perfeitamente a procrastinação de Maria Fernanda. Estou fazendo o mesmo nessa segunda carta. Ultimamente tenho me sentido exausta. Ser professora de escola pública nesse período pós-ainda-pandêmico está sendo extremamente desgastante para mim. A pandemia impactou a educação de um jeito que dói pensar, sentir, viver. As crianças mudaram. Estão mais agitadas, ansiosas e com dificuldades de todos os tipos. Como está sendo para vocês?

Sempre quis ser professora. Nunca cogitei fazer outra coisa, mas esse ano já repensei diversas vezes. Dói demais ver o quando a educação pública está sendo sucateada. Sinto vontade de sumir e voltar quando tudo estiver melhorado, pois no fundo eu acredito que vai melhorar. Ao mesmo tempo que tenho vontade de desaparecer da escola, lembro da célebre frase de Paulo Freire: “A Educação não transforma o mundo. A Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Me considero pouco estudiosa do Feminismo. O único livro que li sobre o tema foi “Feminismo em comum” de Márcia Tiburi e o pequeno, mas super potente livro da Chimamanda “Como educar crianças feministas”. Meu contato com Bell Hooks (citada por Maria Fernanda e Tamires) se deu até o momento somente através dos seus livros de literatura infantil.

Tamires, que lindo o teu relato sobre o projeto “Calçada do Saber”. Nunca estudei sobre feminismo interseccional, mas sei que a Djamila Ribeiro é uma referência nessa área e tem publicado livros maravilhosos como editora da coleção Feminismos Plurais. Estive presente na abertura da 12ª edição da FestiPoa Literária em 2019 no Salão de Atos da UFRGS vendo e ouvindo o potente encontro entre ela e Sueli Carneiro. Sueli era a escritora homenageada do evento e até então eu nunca tinha ouvido falar sobre ela (e seu portal GELEDES). Foi tão lindo ver a Djamila agradecendo a Sueli pelo caminho aberto por ela e todas as mulheres de sua geração. Apesar de a gente estar vivendo tempos difíceis com a perda de tantos direitos e perda de seres humanos, recordo com carinho e esperança daquele encontro entre duas gerações de mulheres negras no palco. Muito ainda precisa ser feito, mas

o caminho trilhado pelas feministas que vieram antes de nós precisa realmente ser reverenciado.

Coordeno um grupo de estudos para professoras interessadas em aprender e ensinar sobre a formação do leitor literário e estamos estudando muito sobre o cânone literário nas últimas semanas. Como é difícil a entrada das mulheres no universo literário. Entre os 40 membros da Academia Brasileira de Letras (ABL) apenas 4 são mulheres, e todas brancas. Recentemente Conceição Evaristo perdeu a disputa da vaga para Fernanda Montenegro. E mais recente ainda foi a entrada do único homem negro, Gilberto Gil. Realmente as mulheres negras estão na base da pirâmide, tendo em vista esse exemplo da ABL.

A boa notícia é que a escritora e filósofa Djamila Ribeiro foi convidada para concorrer a uma vaga na Academia Paulista de Letras (APL). Tomara que nas próximas cartas eu possa compartilhar com vocês a notícia de que uma mulher negra estará ocupando esse importante espaço.

Joanne, você também trouxe referências que eu nunca havia ouvido falar. Como é bom estudar. Eu adoro aprender! Embora, para isso, seja necessário tempo para realizar as leituras e como você mesma disse a madrugada muitas vezes é esse momento. Teus questionamentos estão reverberando dentro de mim. Ultimamente tenho pensado em ir para uma escola menor (para tentar encontrar um ambiente mais calmo), em concorrer a uma bolsa para me dedicar exclusivamente ao mestrado, em me afastar da sala de aula. Porém, quando reflito percebo que eu amo ser professora. Mas eu queria tanto não ter que ser professora de 30 alunos ao mesmo tempo em uma sala apertada. Queria ser professora de 15 alunos de cada vez para que realmente pudesse entregar o melhor de mim e conseguisse ouvir e valorizar o que os alunos tem a dizer.

Acredito que a minha formação na UFRGS seja a grande responsável por me colocar nesse caminho de combate a injustiças. Quando entrei na UFRGS eu questionava a existência das cotas raciais com o argumento “somos todos iguais”. E foi a Universidade pública que expandiu minha visão de mundo sendo o maior divisor de águas da minha vida. A UFRGS é a responsável por me fazer questionar práticas arcaicas e machistas enraizadas no ambiente escolar.

Outro “tempo-fundante” se dá através da escola onde estou há quase 5 anos, em um bairro periférico e com muitos problemas sociais. Dar aula na periferia me ensina diariamente coisas que nenhuma teoria é capaz de ensinar. Me ensina que as meninas periféricas tem tanto potencial, mas muitas delas não sabem nem com o que sonhar. É difícil sonhar sem referências, sem perspectivas. Fiquei muito impactada com a notícia da gravidez de uma ex aluna de 15 anos que ocupa um lugar muito importante em minha memória afetiva. Me questiono sobre como podemos fazer mais por essas meninas. Sei que não depende só de nós, há todo um sistema patriarcal juntamente com a ausência de políticas públicas. Mas me questiono: o que mais enquanto educadora eu posso fazer para inspirar essas meninas a sonhar?

Desejo que tenhamos força e esperança para continuarmos estudando, refletindo e nos indignando com as injustiças. Vocês me motivam a continuar lutando!

Com afeto e admiração, Franciele Vanzella

Porto Alegre, 17 de abril de 2022

Gurias, ofereço, inicialmente, um pouco de mim a partir da história de meus pais.

No início da vida adulta, eu ainda era uma jovem relativamente rebelde que culpabilizava mãe e pai por muitas questões que me constituem. Especialmente a mãe, claro, já que é assim que o patriarcado nos “ensinou”: a culpa é sempre da mãe. No entanto, na sequência do amadurecimento, eu pude ir aos poucos percebendo cada vez mais os efeitos da colonização, da exploração, do patriarcado na história dos meus pais e, conseqüentemente, na minha própria história. Minha mãe e meu pai são, com multidões, fruto do êxodo rural que formou as periferias urbanas da capital gaúcha, Porto Alegre.

Meu pai era dos “bugres” de sua terra, morava em casa de barro sem energia elétrica e plantava arroz nas madrugadas frias desde os sete anos de idade. Na cidade, trabalhou como pedreiro e se firmou como “armazeneiro” de periferia. Armazeneiro foi o que respondi, certa vez, em um questionário escolar que perguntava a profissão do meu pai que é comerciante. E ele sempre foi do tipo que dava um ovo a mais para o menorzinho que ia comprar comida para sua família numerosa com dinheiro faltando. Pouco antes da pandemia, eu tentei auxiliá-lo na tentativa de se aposentar. Nesse processo, tive provas do que já sabia: o capitalismo, a exploração, a falácia da meritocracia esmagam a classe trabalhadora até a velhice. Ele se aposentou com um salário mínimo.

Minha mãe é a figura da mulher raivosa acusada de louca. E hoje entendo que essa “loucura” é, em grande parte, o nome dado para a indignação com as injustiças. Foi nessa loucura que, ao ser servidora pública do judiciário, minha mãe contribuiu para agilizar a liberdade de várias pessoas presas injustamente. Foi nessa loucura que minha mãe auxiliou duas meninas que foram estupradas em nossa rua sem asfalto na periferia porto-alegrense. Foi a loucura que levou minha mãe a abrir nossa casa para uma família que perdeu tudo em um incêndio. Então, só por causa desse exemplo de ousadia e coragem é que minha irmã e eu, apesar de meninas da vila, nos sabíamos capazes de fazer faculdade.

Eu poderia falar também de professores, de irmãos, de familiares, de vizinhos, de amigos, de coletivos, mas, por hora, acho que a história de minha mãe e de meu pai já falam muito sobre meus tempos fundantes. Joanne e Tami, agradeço a vocês por compartilharem um pouco de suas histórias que trazem em si a memória das nossas e dos nossos.

Franciele, ainda na linha dos tempos fundantes, tenho uma mulher muito especial que me incentivou a ler: minha irmã. Quando eu ainda era criança, minha irmã era uma adolescente que estava começando a graduação em Letras. Um dos livros que ela me deu foi o clássico *O Pequeno Príncipe*. Esse papo com vocês me (re)motivou a remexer nas fotos e diários antigos. Olhem o que eu escrevi quando tinha dez anos:



“04/08/00

Diário:

hoje acordei vi Tv fui almoçar, e fui na escola voltei brinquei de escalar, brinquei de jogar bolinha, vim em casa arrumei os livros e estou pensando em fazer uma biblioteca tenho muitos livros e seria legal li um pouco do pequeno príncipe escrevi aqui.

Diário estou com saudades do Julio [...]

grafia e grifos originais

Júlio era o menino que eu “gostava” na época, mas essa não é a parte que importa. Trago o trecho para reforçar a importância de grandes mulheres que me antecederam. Sou o que sou porque elas foram. E sou hoje porque vocês também são.

Mas, sabe, Franciele, realmente os principais livros que tenho nas primeiras memórias são de autoria masculina: *O Pequeno Príncipe* (Antoine de Saint-Exupéry), *O Mundo de Sofia* (Jostein Gaarder) e *Cinco pontas de uma estrela* (Marcelo Spalding). Ainda bem que podemos mudar isso, né?

Fiz meu TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) sobre o PNBE (Programa Nacional da Biblioteca Escolar) e trabalhei na Ong. Cirandar/Redes de Leitura com bibliotecas comunitárias, por isso, tenho interesse em literatura para a infância. Uma vez vi uma contação de histórias da contadora Bárbara Catarina do livro *Monstro Monstruoso da Caverna Cavernosa* que também sou apaixonada como tu, Franciele. Para trocar contigo e com as

demais, indico o livro *Príncipe Cinderelo* da autora e ilustradora Bebette Cole. Tenho me interessado muito sobre as questões que fundam as masculinidades, o que é retratado pelo livro.

Desculpem-me se excedi o “relato pessoal”, mas espero que fique estabelecida a relação que faço da minha história e vida pessoal com questões importantes sobre a constituição de educadoras feministas, classistas e antirracistas.

Então, agora, quero responder a questão trazida pela Tami. Esse senso de justiça de origem familiar, bem como a vivência na periferia e a influência de alguns educadores sempre trouxeram as questões étnicas à baila. Dia desses, em uma aula da pós-graduação, conversávamos sobre nossas histórias de vida e o racismo. Nisso, algumas mulheres de origem alemã/italiana e classe média disseram que quase não conviveram com pessoas negras e é dessa forma que o racismo se mostrou para elas: pela ausência. Já no meu caso, como mulher branca periférica, o racismo foi visto na presença. Certamente a periferia urbana é constituída por maioria negra. Rememorando minhas memórias de infância e adolescência, tive a certeza de que sou também fruto do privilégio branco e presenciei, participei e/ou fui cúmplice de muitos episódios de racismo explícitos e escondidos especialmente no espaço escolar, na escola pública em que me formei. Por isso, tenho consciência de que não existe luta por justiça social sem combate ao racismo estrutural, como muito bem trata Sílvia Almeida e tantas outras e tantos outros intelectuais negras e negros. Dessa forma, nos últimos anos, ao fazer parte de um grupo chamado Coletivo de Educação Antirracista, tenho feito leituras e buscado recursos para me constituir como uma educadora aliada da luta antirracista e que contribua para o empoderamento de crianças e adolescentes negras/os que estiverem sob minha responsabilidade, bem como para cobrar a responsabilização das pessoas brancas que me cercam.

Nesse processo, o livro *Mulheres, Raça e Classe* da Angela Davis mudou totalmente a minha forma de pensar o feminismo. Vi ali o quanto muitas mulheres brancas, revolucionárias e feministas deixaram a desejar no apoio à luta das mulheres negras e, pior, foram historicamente racistas. Dessa forma, entendo que só quando o mundo começar a ouvir os gritos das mulheres negras é que saberemos o caminho certo para a construção de um mundo melhor.

Além disso, minha referência primeira no mestrado é Conceição Evaristo, que traz muito em sua obra a questão da interseccionalidade, mas acho que já escrevi muito e gostaria de escrever o dobro sobre Conceição Evaristo. Quem sabe na próxima carta? Louca para saber mais de vocês.

Para finalizar, deixo trechos do livro *Becos da Memória* de Conceição Evaristo acompanhado da foto de um barco-balão que muito me alegrou receber de presente de um aluno.



Homens, mulheres e crianças que se amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela.

**Becos da Memória
Conceição Evaristo**

Há tanto barraco para entrar, tanta gente para se gostar!

**Becos da Memória
Conceição Evaristo**

As cartas de vocês estão já fazendo parte dos amontoados afetivos dentro de mim.

Maria Fernanda da Silva Viegas

Porto Alegre, 20 de abril de 2022.

Queridas amigas, colegas de profissão e companheiras de luta...

Início a escrita desta carta refletindo acerca de alguns questionamentos propostos nas cartas de vocês, associando-os à trajetória que me trouxe até aqui, ao caminho que trilhei e às vivências que experienciei. Sempre sonhei em impulsionar um projeto que fizesse a diferença na vida da comunidade em que cresci, que influenciasse na vida de pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade social. Estar à frente do projeto Calçada do Saber tem alimentado a minha alma, mas, mais importante do que isso, é o quanto o projeto tem nutrido as crianças e adolescentes, que participam das ações, de autoestima, conhecimento e autoconfiança.

O último evento realizado foi referente à Páscoa, no dia 16/04, começamos uma arrecadação de doces e fundos para a compra de chocolates uma semana antes. Foi uma corrida contra o tempo! Mas felizmente estamos rodeadas de pessoas incríveis, que sempre nos ajudam e fazem o projeto acontecer. Com o que recebemos foi possível alegrar em torno de 180 crianças.

Para além do recebimento de chocolates, que para as crianças é muito importante, por ser uma cultura enraizada em nossa sociedade, o meu grande objetivo como norteadora do coletivo é promover a literatura e o ato de brincar. É claro que algumas crianças participaram somente com a finalidade de receber os doces, mas utilizamos esta interação para plantar a “sementinha literária”, que, para muitas crianças, fora a da escola, é a única oportunidade de estabelecer um contato com a literatura. Enfatizo esta questão após ler a carta da querida Franciele, que nos questiona sobre a leitura do livro Bolsa Amarela no período da infância. Tal indagação me fez refletir sobre o fato de eu não ter tido contato com livros infantis antes do período escolar, naquela época as crianças ingressavam no ensino básico aos sete anos. Lembro do sentimento de satisfação que me tomava toda vez que entrava na biblioteca da escola. Por isso a relevância desse projeto e a importância de uma geloteca com livros disponíveis, em um ambiente hostil como a favela, onde se viabilizam drogas e armas.

Ainda sobre o evento do dia 16/04, acho importante destacar, que fomos 6 mulheres administrando um público, cheio de energia diga-se de passagem, de mais de 150 crianças. Entretanto, a colaboração ativa de uma das Mulheres do Morro foi valiosíssima. Natália Bica é mulher preta, nascida e criada na periferia, técnica em enfermagem, foi mãe aos 17 anos e

hoje tem 3 filhos, sendo o mais novo portador de necessidades especiais. Natália tem enfrentado muitos desafios na criação de seus filhos, deixou de lado sua carreira para cuidar do filho de 2 anos. Mesmo assim, se disponibilizou a confeccionar os mais de 100 ovos de Páscoa doados às crianças. É interessante analisar o fato de ela postergar questões importantes da sua vida pessoal para se dedicar a ajudar nesse momento que é tão feliz para algumas crianças, mas que para grande parte da população infantil brasileira é um momento triste por não terem acesso ao que o capitalismo impõe, a compra de doces e chocolates.

Talvez essas mulheres não percebam a magnitude do trabalho que desenvolvem e tampouco o papel que desempenham na sociedade, mas penso que todas as suas movimentações têm efeito político e coletivo, são a possibilidade de educar uma nova geração para as lutas contra uma estrutura social que oprime os menos favorecidos e há séculos privilegia o grupo que ocupa o topo da pirâmide. São justamente essas lutas e a esperança de novas e mais inclusivas configurações sociais que me movem neste extenso e demorado trabalho. Tem sido um enorme desafio unir tantas partes em prol de um objetivo comum.

Encerro esta carta com imensa gratidão por poder compartilhar tais experiências com vocês e, desta forma, contribuir com este debate. Abraços,

Tami Prestes

Viamão, 25 de abril de 2022.

Prezadas companheiras,

Contente pela oportunidade de ler um pouco mais sobre a experiência e a vida de vocês. Optei por trazer alguns pontos das primeiras cartas que li, de cada uma de vocês para continuarmos a construir esse diálogo.

Tamires fala sobre o projeto “Calçada do Saber” que imagino que seja muito rico e fértil. Para mim esse tipo de ação cultural no território de moradia das pessoas, e principalmente, a partir do território de moradia, são fundamentais e são formas também da gente conseguir intervir nesse tecido social (principalmente das periferias das grandes cidades) historicamente tão esgarçado, fragmentado. Eu acho que o território tem muita força, de identidade, de comunidade, e reforçar esses laços de pertença e de aprofundamento, certamente tem um impacto transformador sobre a vida das pessoas, que aprendem mais sobre si e sobre o coletivo.

Inclusive, esse tipo de ação coletiva tira a gente desse funcionamento tão individualista ditados ou influenciados, muitas vezes, pelos modos de ser, por dentro da lógica do capital. Afinal trabalhamos e descansamos (o tempo que dá). Muitas vezes levando tempos enormes de deslocamento até o trabalho, por exemplo. Para conviver, sobra pouco tempo. Como resistir a isso? O projeto “Calçada do saber” é um exemplo.

Quanto ao feminismo interseccional eu já me aproximei, em alguns momentos e também acho bem importante buscar se aprofundar nas suas referências, de uma forma que a mensagem seja acessível ao maior número de pessoas possível. Dentro do meu caminho de estudos, acabei me voltando ao feminismo popular classista ou marxista, mas isso, de maneira nenhuma exclui os outros feminismos existentes. Acredito muito no diálogo entre os feminismos para a construção da grande ação internacionalista de mulheres. Por uma questão de classe, eu não identifico alinhamentos entre a minha visão de mundo, com o feminismo liberal, pequeno-burguês, mas também não nego que ele possa ser uma porta de entrada para um aprofundamento crítico de algumas mulheres. Por isso, o diálogo é fundamental.

A carta da Tamires cita bell hooks, assim como a da Maria Fernanda. Já tive a oportunidade de ler alguns de seus escritos e considero essa pensadora e ativista um grande exemplo para todas nós. A educação transgressora que ela defende, como prática da liberdade (também muito inspirada em Freire) traz para nós, educadoras, uma série de elementos que podem contribuir para as nossas práticas. Um deles é o próprio conceito de “autoatualização”.

Buscar holisticamente a autoatualização, na perspectiva de hooks (2017, p.28) é relevante para o exercício de autocuidado por parte das educadoras e militantes, ao passo que “se a pessoa que ajuda estiver infeliz, não poderá ajudar a muita gente”. A autora desenvolve o conceito de autoatualização, em uma perspectiva crítica à objetificação da professora e do professor por dentro das estruturas educacionais burguesas. Em que os educadoras(es) são concebidos somente como transmissores de conteúdos, sem espaço para a circulação dos afetos e da construção de relações mais profundas.

Nesse aspecto, a pedagogia engajada que hooks propõe demanda esse exercício de autoatualização, que se pauta na visão integral de ser humano, na promoção de espaços empáticos e acolhedores, que favoreçam o entusiasmo e o envolvimento real das pessoas naquele espaço, nos quais a educação seja compreendida como a compreensão global da vida e não de uma forma cindida ou fragmentada.

O enfrentamento à solidão da mulher da classe trabalhadora, da mulher militante, que muitas vezes acaba imersa em tantas tarefas e acaba sem tempos/espacos para aprofundamentos reflexivos acerca dos reais sentidos de tudo o que faz, pode se dar na celebração do encontro de um coletivo mobilizado por uma pedagogia engajada, que considera a questão do autocuidado e do bem-estar que são humanizadoras (e porque não empoderadoras?).

Franciele fala sobre o seu contato com a obra da Marcia Tiburi, outra importante pensadora feminista contemporânea. Penso que “produzir o feminismo que desejamos” é também nossa tarefa histórica, nos espaços em que militamos e entre nós mesmas nesse exercício que estamos criando.

Também considero o projeto de formação de leitoras e leitores sobre o qual a Franciele fala, essencial e importantíssimo. Ler os livros e paralelamente ler o mundo com consciência crítica é um exercício transformador. Fiquei pensando na sua pergunta, Franciele, sobre as personagens femininas da infância, e devo te dizer que não são muito animadoras viu...rs. Além das histórias de contos de fada (sobre as quais já temos um vasto material crítico produzido). Já na escola, eu me lembro de alguns livros que acessei, mas, nenhum deles, na minha lembrança, trazia uma personagem feminina tão marcante (pelo menos que a minha memória esteja alcançando), e veja só como isso é importante e formativo. Esse é um ponto.

Maria Fernanda, eu achei interessante o que você disse sobre a percepção dos estudantes. Quando um estudante ou a Mi se referem a você como uma educadora “desses assuntos” é porque localizaram essa referência em você, e olha só como isso é potente. Lidar com nossas inseguranças faz parte do processo, não precisamos estar “prontas” o tempo todo. Falo isso para mim mesmo, que em alguns momentos me cobro muito, e fico tentando entender de onde vem isso. Inclusive, há um tempo, eu fiz algumas leituras sobre o tema da vulnerabilidade feminina, no sentido também de ser importante, olharmos as nossas fragilidades (na minha experiência, isso foi libertador, inclusive). Porque olhar e não negar as nossas fragilidades, ao mesmo tempo nos fortalece, ao passo que nos conhecemos mais e nos aprofundamos em quem somos.

Compartilhar as nossas inquietações e nossos incômodos frente à estrutura do patriarcado já é um início, na minha visão, importantíssimo para percebermos que não estamos sós e que muitas vezes outras de nós viveram experiências e sensações parecidas. Essa troca é essencial, no nosso processo de vida.

Meninas, foi um prazer dialogar com vocês, assim como ler mais sobre vocês. Fiquei pensando em alguma problematização para fechar a carta, e o que me surge é essa tarefa histórica de construirmos o feminismo, a partir de nossos espaços cotidianos de atuação. Nos relatos de todas identifiquei ações que ajudam a responder essa pergunta. Mas, vocês acrescentariam mais elementos à essa conversa? O primeiro coletivo feminista que participei foi no início dos anos 2000 (eu tinha 18 aninhos!) e ainda morava em SP. Discutíamos a questão da imagem da mulher na mídia (um tema super em evidência na época e que hoje inclusive passa por algumas mudanças). Foi muito formadora essa experiência. A gente discutia desde Adão e Eva (literalmente) como mito de representação da mulher mesmo, até as protagonistas de novelas...dentre outras questões.

Hoje estou envolvida na construção de um feminismo popular, a partir de mulheres trabalhadoras da periferia, organizadas em um Movimento Popular. Uma outra escola, com muitas vivências diversas e complementares.

Seguimos aprendendo umas com as outras. Um abraço a todas!

Joanne

Caxias do Sul, 25 de abril de 2022.

APÊNDICE H- TERCEIRA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS

Oi, meninas,

logo que recebi as cartas quis muito lê-las. Cada tempinho que tinha na escola mesmo, eu dava uma lidinha pelo celular. E depois reli umas 4 vezes até agora. É muito bom poder conversar sobre assuntos tão relevantes com interlocutoras tão interessantes e ainda poder escrever de maneira mais livre. Eu gosto muito de escrever e andava sentindo falta disso, já que a escrita da dissertação não está fluindo muito pelas questões de insegurança que já relatei na primeira carta. Obrigada pela acolhida nas respostas. A Mi nos provocou a trazer outros elementos e pensei em compartilhar alguns links. O primeiro é um blog meu:

vivonaevivendo398.blogspot.com

Esse blog anda meio parado, mas tem alguns textos que fiz para participar em eventos sobre Educação Antirracista durante a pandemia, talvez possam interessar; além disso, tem também algumas tentativas pelo caminho da ficção.

Também pensei em compartilhar alguns links relacionados ao que vocês trouxeram nas cartas. Tami, talvez fosse legal você se aproximar da BEABAH - Rede de Bibliotecas Comunitárias do Rio Grande do Sul. Quem sabe um dia a Calçada do Saber não vira uma biblioteca comunitária? Talvez seja interessante também para ti, e também para as demais meninas, acompanharem as redes sociais da Ong. Cirandar. O Cirandar está com uma sede nova no centro da cidade e promove eventos que unem Educação Popular, Cultura Popular e Incentivo à leitura. O espaço é também uma biblioteca.

beabah-rs.com.br

cirandar.org.br

Vocês já seguem no instagram a página @cientistaqueviroumae? Lembrei dela porque dia desses vi uma postagem em seu perfil falando sobre a magia do caminho do coelhinho da páscoa para as crianças, independente de crenças e ideologias. Pr'além disso, ela traz informações interessantes e é bastante atuante em relação aos direitos das mulheres que são mães.

cientistaqueviroumae.com.br

A Joane trouxe a questão do feminismo liberal. Eu entendo que é um feminismo muito contraditório, já que é cúmplice da opressão de milhares de mulheres em situação de pobreza. Ignorar a opressão da outra não me parece uma postura feminista. Dia desses, fiquei um pouco decepcionada com o posicionamento da Helena que administra a página Feminismo Educativo. Ela se diz de centro-esquerda. Essa opção pelo centro, para mim, é uma forma de desesperançar. Ainda assim, o material produzido por ela pode ser bastante útil.

[instagram.com/feminismoeducativo/](https://www.instagram.com/feminismoeducativo/)

Joane, fiquei curiosa para saber mais sobre o movimento que você é integrante.

Fran, por aqui, minhas escolas também estão longe de ser espaços “que favoreçam o entusiasmo” conforme a proposta de bell hooks trazida pela Joane. É um trabalho que demanda muito fisicamente e mentalmente. Eu passei o mês de março todo com dor de garganta pelo esforço para falar de máscara. Estava com 14 períodos distribuídos em 3 turnos nas terças-feiras, e já começava a ficar tensa desde o fim de semana pensando na terça. Eu estava trabalhando 50h e pedi para diminuir para 40h. Isso, obviamente, não vai me deixar muito menos cansada e ainda vai me deixar com um pouco de preocupação financeira. A escola está com muita falta de professores, e os alunos têm sido liberados cedo várias vezes na semana. A situação da maioria das famílias é complicada. Nem vou citar exemplos das minhas escolas, mas, anteontem, estava passando no viaduto da Av. Borges de Medeiros e vi um grupo de adolescentes e jovens adultos. Ouvi os gritos de “guerra” e percebi que era uma batalha de rimas. Eu e meu namorado paramos para assistir um pouco. Um menino construiu uma rima dizendo que ia para a escola de manga comprida para não mostrar os braços cortados. O seu oponente, ao tomar a palavra, respondeu que também cortava os braços, mas que ia de manga curta porque ninguém tinha nada a ver com a vida dele. O segundo venceu a batalha. Nossas adolescentes e nossos adolescentes estão desesperados e desamparados. Isso é, em grande medida, resultado de todas essas opressões que nos atravessam e atravessam a eles em maior escala.

No meio desse caos todo, gostaria de compartilhar com vocês uma situação específica que dialoga com a notícia que Franciele recebeu sobre a gravidez de sua aluna. Sou professora de EJA de Ensino Médio. A escola atende onze turmas no turno da noite. Algumas das nossas alunas trazem suas crianças. Desde que estou na escola, isso sempre aconteceu. Na última quarta-feira, algumas professoras levantaram a questão de que isso não deveria ser permitido.

Os argumentos são vários: atrapalha a aula, as crianças não estão em segurança, as crianças seriam responsabilidade da escola etc. Eu e alguns colegas nos manifestamos levantando questões relativas ao perfil da EJA. Falei que muitas meninas justamente deixaram de frequentar o ensino regular ao engravidar e agora estão retornando. Após um debate um pouco acalorado, ficou combinado que ainda faríamos conversas com as mães para tentar atenuar as situações ruins. Estamos também pensando em possibilidades para acolher as crianças. O que vocês pensam em relação a essa situação? Como se posicionariam? Eu faço um esforço muito grande para tentar compreender o lado das professoras que manifestaram o desagrado e a preocupação com a presença das crianças. Tento ser diplomática, mas meu desejo era de ser mais agressiva. É uma questão de gênero escancarada. Nesses oito anos que estou na escola, penso que devem ter passado mais de 80 mães que levavam filhas ou filhos juntos na aula. Quantas delas estariam no nosso já grande número de evasão caso tivéssemos proibido crianças na sala de aula da EJA noturna? Sabe que apenas uma vez tivemos um pai que levava uma criança? Enquanto escrevo, volto a sentir toda a indignação da noite da reunião. Isso me fez lembrar da frase que se espalhou junto ao rosto do Che Guevara por aí.

Se você é capaz de tremer de indignação a cada vez que se comete uma injustiça no mundo, então somos companheiros.

Essa frase me faz voltar ao que a Joane trouxe. Acho que é isso. Estar num lugar em que nos impeliram tantas injustiças simplesmente por sermos mulheres deve nos levar a empatia com todos que também estão, de outras formas, em lugares de subalternidade e silenciamento.

E trazendo aqui essas questões de maternidade, silenciamento, injustiça, lembrei do conto *Maria* de Conceição Evaristo, deixo a indicação da leitura. Não vai ser dessa vez que vou falar mais sobre essa autora que se inscreveu em minha pele, nem que vou falar sobre sonhar...

[Maria - Conceição Evaristo \(professorjailton.com.br\)](http://professorjailton.com.br)

“**Escrever é uma maneira de sangrar...**”

Conceição Evaristo

Com afeto,

Maria Fernanda Viegas

Porto Alegre, 30 de abril de 2022.

Estimadas companheiras: Micheli, Tamires, Francieli e Maria Fernanda.

Novamente me alegra e recarrega os meus “amontoados afetivos” (como a Maria Fernanda disse...rs, e eu adorei) ler mais sobre vocês e ter a oportunidade de encontrarmos um espaço/tempo para o diálogo, para o afeto e para a reflexão, em meio a cotidianos tão intensos como os que vivemos nesses momentos de nossas vidas.

Foi muito especial saber um pouco mais sobre o projeto Calçada do Saber, sobre toda a mobilização da Páscoa (o “nós por nós” faz milagres!) e saber que existem por essas periferias brasileiras tantas ‘Natalias Bicas’, que nos enchem de admiração e forças para seguir!

Franciele, essa vontade de desaparecer e voltar quando tudo melhorar sobre a qual você fala, me parece ser uma sensação muito comum no dia a dia das educadoras do Brasil, que se sensibilizam com o ‘tanto a fazer’ que nossa tarefa histórica nos demanda. Entendo e sinto bem isso que você fala...e fico tentando entender também de onde vêm os nossos ‘combustíveis’ para seguir na estrada. O que você fala dialoga com o meu momento pós entrega de tese... Mas, falo disso daqui a pouco!

Maria Fernanda, que coisa bonita ler sobre suas memórias afetivas sobre seu pai e sua mãe. Pai e mãe, em geral, são bases né? E neles nos reconhecemos (às vezes até em coisas que não achamos tão legal...faz parte). Os diários...como escrita reflexiva, me remeteram ao fato de que eu também sempre escrevi muito. Diários, poesias, contos. A escrita me constitui como sujeito, me ajudou e me ajuda em tantos momentos a conhecer mais de mim, a organizar meus sentimentos. Por incrível que pareça, a minha imersão acadêmica...engatando mestrado e doutorado, essa ‘doideira’ que vivo desde 2016, aqui na serra gaúcha, me distanciou um pouco dessa escrita mais intuitiva, a qual agora, estou tentando resgatar.

A Academia pode nos tornar técnicas (ou pragmáticas) demais (isso, ainda bem, não é um veredicto, mas é uma possibilidade... que na minha experiência percebi, e venho tentando modificar e resgatar as minhas raízes de uma escrita mais sensível e afetiva).

Mi, eu imagino que esse processo de sistematização e organização do vídeo esteja sendo muito rico, e caso vc precise de um apoio, me chama. Eu não conheço nada dessas ferramentas (gente...me sinto uma senhorinha, às vezes, com essas coisas da tecnologia), mas, tenho curiosidade de aprender mais sobre.

Então, mulheres, gostaria de compartilhar com vocês um pouco desse momento que estou vivendo, ele dialoga intensamente com a minha condição de educadora. É um momento bem emblemático...de finalização de ciclos e de definição de novos caminhos. Enviei minha tese dia 01/05 e achei que ia conseguir descansar um pouquinho, mas uma série de acontecimentos me chamaram e eu os atendi. Como eu já comentei por aqui, tenho uma função coordenativa em um coletivo de mulheres trabalhadoras de uma saboaria, aqui na periferia de Caxias do Sul. Nos últimos dois meses, observamos uma certa dispersão no coletivo (que talvez se relacione com a ausência das duas mulheres que assumiram, essa função mais organizativa). A educação popular no diálogo com os movimentos populares requer de nós, militantes e educadoras, um senso organizativo para fortalecermos (e principalmente não perdermos) os processos coletivos que ajudamos a construir.

Penso que a dimensão da coletividade é tão esmagada pela lógica do individualismo, e para além disso, as emergências da vida das mulheres as chamam (e me incluo nisso) o tempo todo para darem conta de questões de suas famílias, de seus outros trabalhos, de suas relações afetivas e de cuidados (muitas vezes, inclusive, esquecendo-se de si mesmas).

Fiz uma leitura breve, na semana passada de um capítulo de um livro que recebi em um grupo da Marcha Mundial de Mulheres, chamado “*O amor tudo crê, tudo suporta? – Conversas (in)docentes*”. Essa leitura me deixou muito reflexiva. Logo na apresentação, se mostra a proposta da escrita:

As autoras, debruçando-se sobre o patriarcado, o amor romântico, os estudos feministas, os estudos de gênero, a hermenêutica feminista e a educação (entendo que a não apresentação deste último conceito seja proposital, a fim de garantir que seja transversal a todos os demais) – seguindo as inspirações de mulheres que se dispõem a enfrentar o machismo e todas as formas de opressão – compartilham um livro que sistematiza os estudos realizados por elas e motivam a que outros debates sejam promovidos. Retomam, além dos conceitos abordados pelas diferentes teóricas com as quais dialogam, análises que fazem cotidianamente como mulheres atravessadas por essas questões.

Logo de cara, um item de um capítulo me chamou a atenção... o nome o item: “*a energia vital consumida para a manutenção da vida dos outros*”. Nesse item, as autoras trabalham brevemente o conceito de “*madresposa*” que Marcela Lagarde, autora no âmbito do feminismo latino-americano, desenvolve em seu livro publicado somente em espanhol com o título “*Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas*”.

A *madresposa* (vou resumir de uma forma bem simples!!), que não necessariamente precisa ser mãe ou esposa, pode ser compreendida como todas nós, mulheres, marcadas pela

estrutura patriarcal, que carregam em sua formação marcas semelhantes como por exemplo: a sensação de que “pertencem a alguém” ou ainda de que “são/existem para servir ao outro”.

Fiquei fazendo pontes entre algumas dessas ideias e o trabalho da educadora popular, envolvida no trabalho da construção coletiva. Olhei para a minha experiência e fiquei pensando no como a minha energia vital foi se diminuindo rapidamente, nesse momento de finalização de tese e assunção de tantas tarefas na militância...e também no que me sustenta em ação. Quais os sentidos que me nutrem para continuar. E sobretudo, como pausar, em meio a isso.

Essa é uma discussão delicada. Vivemos e introjetamos um modo de sociabilidade burguesa que nos empurra o tempo todo para o individualismo, e isso faz parte de uma lógica a qual me coloco no enfrentamento, como uma escolha política. Ao mesmo tempo, essa dialética singularidade/individualidade e coletividade precisa (tentar) estar em equilíbrio, pois ambas são dimensões que nos constituem e possuem importâncias semelhantes. Levei essas questões para o diálogo com minhas companheiras. Seguimos pensando sobre isso. O quanto “ser para o outro” pode nos anular? E como nos fortalecemos para lidar com isso. Para contribuir e construir e ao mesmo tempo preservarmos as nossas pausas de ser para nós mesmas. Cuidar de si também é cuidar do coletivo, desde que assumida essa dimensão dialética.

E vocês mulheres? Sentem coisas parecidas? Sei que vivemos momentos de vida diferentes, e disposições diferentes também. Sou uma mulher às portas dos 40 e sei que tais questões podem ter (também) a influência desse tempo vivido. De estar vivendo uma fase de finalização e de estar pensando sobre os próximos capítulos... Bom, pelo menos, poder pensar sobre isso já é um privilégio, acho eu.

Segue aqui o link do livro que citei, para quem tiver aquele tempinho para dar uma olhadinha (caso não conheçam): <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/3254>

Vou compartilhar com vocês também, um documentário (25 minutos) que produzimos ano passado sobre o trabalho coletivo da Saboaria Popular Las Margaridas. Está disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=vzKhRGSrykQ&t=140s>. É uma forma de conhecerem de uma forma mais próxima, um dos projetos que me move, na atualidade.

Fico por aqui, companheiras! Um abraço em todas.

Joanne

Caxias do Sul, 16 de maio de 2022.

Olá mulheres maravilhosas,

Peço desculpas pelo atraso na entrega desta carta. Estou acolhendo minhas fragilidades, como muito bem apontou Joanne em sua carta. Estou aqui isolada, porque apesar de todos os cuidados desde 2020 infelizmente o corona vírus me alcançou. Graças a tantos esforços da ciência ele me alcançou já vacinada com as três doses. Mas essa pausa me fez olhar com mais carinho e afeto para mim, me fez lembrar de um livro chamado “Alma Perdida”, escrito e ilustrado por Olga Tokarczuk e Joanna Concejo, ao qual fui apresentada nesse ano por uma amiga literária integrante do nosso grupo de estudos (GELLE). No livro fala-se de uma forma extremamente poética sobre o nosso ritmo desenfreado, impulsionado pelas demandas do capitalismo. Nossa alma tem um outro ritmo e na correria do dia a dia podemos nos apartar dela. Estamos dispostas a diminuir o ritmo para esperá-la? Vocês conseguem descansar sem sentir culpa por não estar fazendo algo útil? Estou trabalhando isso dentro de mim e tentando me autorizar a esperar pela minha alma.

Não tem sido um ano fácil, como bem denominou Micheli de “esperança-desesperançosa” a partir dos meus relatos e desabafos na última carta. Aliás, Mi, conheço a ferramenta padlet e posso ajudar na construção da linha do tempo. Também fui apresentada a essa potente ferramenta durante o ensino remoto em 2020. Às vezes, a sensação que eu tenho é de estar vivendo em um looping infinito que entramos em 2020 e não conseguimos sair até hoje. Ontem a noite participei de um grupo focal da pesquisa “Alfabetização em rede”, sob condução da professora Luciana Piccoli. Falávamos sobre as defasagens na aprendizagem e as questões interseccionais apareceram de forma gritante na pesquisa, que agora não recordo a fonte. A pesquisa revelava a defasagem que sempre aconteceu, mas com a pandemia foi escancarada. O índice de crianças negras não alfabetizadas é muito superior quando comparado ao de crianças pardas e brancas.

O nome de Bell Hooks tem aparecido muito nas cartas de vocês, especialmente de Tami e Joanne, que trouxe diversos conceitos novos para mim. Estou muito feliz e ansiosa para compartilhar com vocês que no próximo semestre farei uma disciplina de 4 créditos cujo nome é “Diálogos com o pensamento de Bell Hooks”, sob a orientação da única professora negra que me deu aula na graduação em Pedagogia: Gládis Kaercher. A felicidade é em razão de poder aprender sobre essa mulher incrível e principalmente porque a disciplina acontecerá nas tardes de quarta-feira, dia do meu planejamento na escola, ou seja, única tarde disponível

que eu tenho para cursar disciplinas do mestrado. Fiquei feliz demais por tudo se encaixar tão perfeitamente.

Concordo com o que Maria Fernanda afirma sobre a necessidade de nos responsabilizarmos pela não-perpetuação do racismo e reconhecermos nossos privilégios. Há muito tempo tenho me interessado por conhecer a obra de Angela Davis, mencionada por você, mas ainda não me aproximei dela. Percebo que muitas pessoas tem se escondido atrás do termo “lugar de fala” para se omitir em relação ao seu papel na luta antirracista. Djamila Ribeiro brilhantemente nos afirma que todos temos lugar de fala:

Assim, entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de locus social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar, e como esse lugar impacta diretamente a constituição dos lugares de grupos subalternizados. (Ribeiro, 2019, p. 85)

Compreendendo o meu lugar enquanto educadora e mulher branca responsável por contribuir com práticas antirracistas, fiz uma live no mês de abril com uma super parceira, a arte educadora Duda Máximo, com o título “práticas antirracistas para além do mês de novembro”. Tenho usado meu perfil de “bloguessa” no instagram, que já conta com mais de 1800 seguidoras, para dar visibilidade a livros que contemplem a lei 11.645/2008 apresentando autoras e autores negros incríveis de literatura infantil tais como a maravilhosa Sônia Rosa, Kiusam Oliveira, Emicida, Otávio Júnior. Aos poucos venho estudando mais também sobre a temática indígena.

Tami, conhece os livros do Otávio Júnior? Acho que as crianças do projeto “Calçada do Saber” vão se identificar muito, pois ele é negro e morador do complexo do alemão no Rio de Janeiro. Aliás, que relato maravilhoso sobre a ação de páscoa, sobre as sementes literárias plantadas por ti e pela tua parceira Natália Bica. Parabéns pelo trabalho incrível! Tu estás semeando esperança, mostrando caminhos, sendo um farol, uma inspiração para muitas crianças.

Sobre o Otávio Junior, tenho dois livros dele: “Da minha janela eu vejo” – vencedor do prêmio jabuti de 2020 – é narrado por um menino negro, que pode ser o próprio autor. Fala da potência da favela, da arte, dos sonhos, amizades, e toda cultura que pulsa lá. Também tenho o livro “De passinho em passinho” que faz uma linda metáfora sobre não desistirmos dos nossos sonhos, dando pequenos passos, e nesse jogo de palavras o autor dá destaque ao

funk e aos passinhos de dança que surgiram na favela, como por exemplo: romano, quadradinho, rabiscada, cruzada (que eu não sei dançar, mas as crianças arrasam!)

Gurias, adorei saber um pouco mais sobre a história leitora de vocês, que é bem diversa. Tami só teve contato com livros a partir de sua inserção no ambiente escolar. Percebemos o papel fundamental da instituição escolar, pois a maioria dos estudantes só terá acesso a livros lá. Já a Maria Fernanda teve uma irmã super incentivadora na sua formação leitora, quanta memória afetiva deves ter dos momentos de leitura com ela.



Porém, teve em comum com a Joanne a ausência de personagens femininas e escritoras no começo de sua trajetória leitora.

Joanne cita a questão dos contos de fadas e eu vou aproveitar para falar de um livro? Sim ou com certeza? Historicamente quando pensamos em contos de fadas lembramos de homens: Charle Perrault, Hans Christian Andersen, Irmãos Grimm. Porém, recentemente descobri que quem inaugurou o gênero e criou o termo “contos de fadas” foi uma mulher francesa: Madame D’aulnoy (1652-1705). Ela teve um casamento arranjado aos 14 anos, mas depois abriu um salão literário onde incentivava a produção de escritoras e alguns escritores. Ela e tantas outras escritoras foram “esquecidas pela história” e por isso os homens se tornaram referência no gênero.

O livro que quero indicar para vocês tem absolutamente tudo a ver com essa pesquisa. O título é “Sete contos que nunca me contaram; contos de fadas pensados, ouvidos, escritos e recontados por mulheres”. O livro foi escrito por Suzana Ventura e ilustrado por 7 ilustradoras diferentes. O primeiro conto de fadas do livro é o meu preferido, se chama Úrsula. Narra a história de uma princesa alegre e autêntica que vai perdendo o brilho em razão de tantos “não fale isso”, “não faça aquilo” ouvidos. Uma fada que sempre a observa tem a ideia de criar uma Úrsula de brinquedo, não muito falante obviamente, e substituí-la. Na encomenda a fada diz: “Ela só precisa dizer ‘Por favor’, ‘Não, obrigada’, ‘Certamente que sim’ e ‘Está ótimo’”. O final é incrível, mas não vou contar mais detalhes para não dar spoiler. É impressionante como esse conto escancara o silenciamento feminino: Fale pouco, seja uma boneca imóvel e não precisa pensar! Recomendo fortemente a leitura do conto e do livro todo para

desconstruirmos a visão estereotipada de personagens femininas frágeis nos contos de fadas e dar voz a autoras e ilustradoras silenciadas por tanto tempo.

Adorei a indicação da Maria Fernanda sobre o livro Cinderelo. Já ouvi falar muito sobre os livros da Bebette Colle mas ainda não tenho nenhum. Sobre essa temática da “masculinidade tóxica” sou apaixonada pelo livro “O menino Nito” de Sônia Rosa. Além de ser escrito por uma autora negra e o protagonista ser negro, fala sobre um menino que adocece de tanto engolir os choros, afinal ouviu durante muito tempo que “homem não chora”, “chorar é coisa de menina”.

Desculpem se falei muito sobre livros, mas em tempos difíceis é na arte e especialmente na literatura que busco conforto e esperança para seguir. Por fim, encerro desejando que nunca nos falte a “loucura” da mãe de Maria Fernanda e toda sua capacidade transformar a dor e as injustiças em combustível para ação, para que assim possamos construir o feminismo que desejamos (e que é tão urgente e necessário!).

Com afeto, Franciele Vanzella da Silva

Porto Alegre, 19 de maio de 2022

REFERÊNCIAS

- JÚNIOR, Otávio; LUBAMBO, Bruna. **De passinho em passinho**: Um livro para dançar e sonhar. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.
- JÚNIOR, Otávio; STARKOFF, Vanina. **Da minha janela eu vejo**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019.
- ROSA, Sônia; TAVARES, Victor. **O menino Nito**. 4. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.
- TOKARCZUK, Olga; CONCEJO, Joanna. **A alma perdida**. São Paulo: Todavia, 2018.
- VENTURA, Suzana. **Sete contos que nunca me contaram**: contos de fadas pensados, ouvidos, escritos e recontados por mulheres. 1. ed. São Paulo: Biruta, 2022. 152 p.

Olá, queridas!

Lendo as últimas cartas, pensei em inúmeras questões da minha própria vida. Foi muito emocionante ler os relatos e análises! Confesso a vocês: que vontade de chorar! É importante perceber o nosso lugar na sociedade, mas dói entender o infinito de obstáculos que atravessamos por nascermos mulheres.

Fiquei pensando no relato da Maria Fernanda, ao falar sobre a culpabilização da figura da “mãe” na sociedade, e resolvi me ater a escrever nesta carta somente sobre esse assunto.

Lembrei das vezes em que julguei a minha mãe, inclusive há pouco tempo. Admito que só deixei de fato para trás alguns ressentimentos referentes a ela, quando me tornei também essa figura a quem a sociedade responsabiliza por todas as falhas dos filhos e a quem os próprios filhos condenam por todos os seus traumas. E talvez efetivamente o “personagem mãe” seja causador de muitas angústias nos filhos, mas, sabe, hoje eu posso afirmar o quanto é difícil formar um ser humano, educar alguém para ser um cidadão de caráter, responsável, que respeite ao próximo.

Penso todos os dias sobre o fato de eu trabalhar exacerbadamente para dar à minha filha uma vida melhor, mas que em contrapartida há uma possibilidade enorme de ela futuramente gritar aos quatro ventos que eu não fiz nada e que somente o pai deu atenção e brincou. Difícilmente ela entenderá que eu deixei de ir com ela a parques de diversão no final de semana porque precisava estudar para que, no futuro, as dificuldades na vida dela fossem menores.

Carolina Maria de Jesus disse em “O quarto de despejo” que quando via seus filhos comendo arroz e feijão, ficava sorrindo à toa como se estivesse assistindo a um espetáculo deslumbrante. Carolina falava do seu amor materno dentro do seu contexto de vida, porque o básico não era acessível, mas descreve a vontade de todas as mães, que é ver o filho satisfeito, bem alimentado, saudável, vivendo a vida digna que todas as crianças merecem. Entretanto, nem só de arroz e feijão vive uma criança; e, para dar um pouco mais, submeto-me a trabalhar mais de 50h mensais e fazer mestrado, mas vivo o paradigma de talvez, com isso, não agradar nem a minha própria filha.

A maternidade é um impasse! Tenho a impressão de que qualquer atitude ou decisão é passível de críticas. Se a mãe não amamenta é um problema; se ela amamenta em público é outro problema; se a mãe não trabalha, é preguiçosa; se a mãe trabalha, não dá atenção aos filhos. É difícil agradar à sociedade!

Assim como a escolha pelo modelo de educação errado pode criar um ser humano desprezível ou, ainda, um adulto que carrega inúmeros traumas.

Precisei passar por tais julgamentos para entender as dificuldades pelas quais minha mãe passou, mas felizmente isso aconteceu a tempo de poder reconhecer toda a admiração que tenho por ela.

Em um certo Dia das Mães, Carolina escreveu, no mesmo livro citado anteriormente, que aquele dia estava tão lindo, parecendo que a natureza queria homenagear as mães que estavam infelizes por não poderem realizar os desejos dos seus filhos. E acredito que essa seja a maior aspiração de uma mãe: poder oferecer o mundo inteiro aos seus filhos!

Encerro esta carta com um texto que escrevi para minha mãe no meu primeiro Dia das Mães:

“Criar filho na quebrada é um desafio complexo

Mas, mãe, tu é braba!

Fez de mim o teu reflexo.

Sou mulher preta, ninguém me deixa acuada.

E ao contrário do que pensavam,

você me tirou da estatística,

limpou chão que os outros pisavam pra me fazer mulher da linguística.

Saiu de casa aos 14 anos e foi mãe ainda adolescente.

Mãe, eu sei da tua luta e dificuldade, é assim, mulher preta é interseccionalidade.

Eu sei, você não pediu pra me ter, mas foi com todo amor do mundo que me fez crescer.

E apesar das adversidades, você fez o impossível para que eu fosse alguém de caráter.

Tua vida foi resistência. Com a maturidade, aprendeu a ter paciência.

E quando todos olhavam para o bebê que nasceu, cuidava da mãe que dentro você cresceu. Era a avó que florescia.

Nossa árvore frutificou. E agora você cuida da minha semente, aquele pedaço de gente, que há pouco tempo não tinha nem dente.

E agora grita pela casa:

Vovó, eu te amo do tamanho do mundo!

Tudo isso é tão profundo!

Oriundo de tudo aquilo você edificou, porque você é nosso pilar mais resistente.

Mãe, perdoa se eu já critiquei a tua maternagem, é que só agora eu percebo que maternidade não vem com mensagem.

Coragem!

Ver o filho voar e não poder acompanhar. É confiar no que foi feito.

E por sinal você fez com maestria, tem todo o nosso meu respeito!”

Abraços

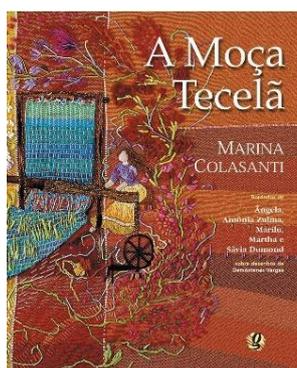
Tami Prestes

Viamão, 23 de maio de 2022.

APÊNDICE I- QUARTA TROCA DE CARTAS PEDAGÓGICAS

Olá queridas companheiras,

Nossa pesquisadora e amiga Micheli nos convida a bordar essa última carta e tão logo eu penso em um livro: A moça tecelã de Marina Colassanti. Vocês conhecem? Posso ler para vocês no nosso encontro síncrono. É um conto com uma personagem tão marcante que sintetiza de forma poética a experiência de refletir e dialogar sobre empoderamento feminino por meio de cartas pedagógicas. Uma moça que assim como nós tece sua vida a cada dia. Tece tanto que acaba tecendo inclusive o que não lhe faz bem e precisa de uma pausa para reflexão. Para que possamos tecer novos rumos precisamos de pausas para refletir e agradeço a esse espaço com mulheres tão potentes que nos permitiu viver essa pausa, ou melhor, “forçar” que essa pausa se encaixasse na nossa rotina insana.



Tem sido um exercício muito interessante e desafiador trocar cartas com vocês. Senti a necessidade de estudar mais para poder dialogar e então li o livro “Sejamos todos feministas” de Chimamanda que apesar de ser tão curtinho estava parado na estante desde 2020 (esquecido, pra ser mais exata). Essa última carta foi a mais difícil pois ainda há tanto para dialogar.

Maria Fernanda, que blog precioso! Comecei algumas leituras. Fiquei impressionada com o teu relato sobre a situação da lixeira e o quanto a cor da tua pele suavizou as punições. Ler sobre tua experiência no conselho de classe onde os critérios de avaliação mudam de acordo com a tonalidade da pele dos estudantes também foi muito impactante e triste. Falaste também sobre a linguagem (especialmente de Mano Brown e alunos periféricos) ser interpretada de forma agressiva. Chimamanda Ngozi Adichie no livro “Sejamos todos feministas” narra que um homem, conhecido seu, leu um texto escrito por ela e disse que

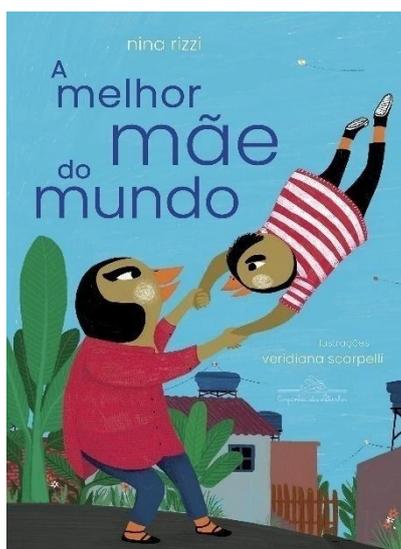
havia muita raiva em suas palavras, que ela não deveria se expressar daquela forma. A resposta de Chimamanda foi:

É claro que eu estou com raiva. A questão de gênero, como está estabelecida hoje em dia, é uma grande injustiça. Estou com raiva. Devemos ter raiva. Ao longo da história, muitas mudanças positivas só aconteceram por causa da raiva. Além da raiva, também tenho esperança, porque acredito profundamente na capacidade dos seres humanos evoluírem. (Adiche, 2012, p. 24)

Sobre a questão da EJA entendo que seja mais uma demanda para a escola que já faz tanto. O poder público não se preocupa e nem enxerga (ou não quer ver) essas questões. Trago novamente Chimamanda (2012) que diz que os homens não pensam e nem notam que questões de gênero existem. Que consideram que as coisas estavam ruins para as mulheres no passado, mas agora tudo já mudou e melhorou muito (por isso ainda precisamos dizer coisas óbvias para nós). Quando pensamos em pessoas no poder quem vem em nossa mente? Homens! E homens que não se preocupam com as escolas porque sabem que nós professoras “sempre damos um jeito”. E é isso que temos que seguir fazendo porque como Maria Fernanda disse, o resultado será a evasão escolar e um futuro ainda mais precário para esses bebês (e o ciclo não tem fim). Proibir os bebês é negar um direito às mais de 17 mil meninas de até 14 anos que foram mães em 2021, de acordo com o SUS. E quando falo em direito à Educação lembro de Malala, do quanto a sua força e coragem me inspira a continuar acreditando e lutando pela Educação.

Joanne, nos questiona sobre o que sentimos em relação ao conflito da individualidade/coletividade e eu sinto que muitas vezes não me priorizo. Preciso fazer as atividades do mestrado, preciso fazer o meu trabalho, preciso dar atenção à família (entre outras tantas outras coisas) e vou alimentando o “monstrinho da culpa”. Esses dias conversando com meu namorado ele disse que eu precisava de um tempo para mim, para fazer as coisas que eu gosto e naquele momento eu nem sabia dizer o que gostaria de fazer se tivesse esse tempo. Acho fundamental esse olhar para o coletivo (aliás, que documentário lindo, Joanne) mas acredito, embora sinta dificuldade de colocar em prática, que precisamos cuidar de nós em primeiro lugar para conseguirmos nos manter fortes. Desejo que você consiga fazer essa pausa sem se sentir culpada (como comentei na última carta em que fui obrigada a pausar por conta da covid) e que encontre caminhos que te façam feliz.

Tamires, me emocionei com os versos para tua mãe. Lindo demais! Não tenho noção do que seja essa experiência de ser mãe. Imagino que com a maternidade o “monstrinho da culpa” se torne ainda maior. Lendo o teu relato sobre ser mãe na quebrada lembrei de um livro de literatura infantil lançado recentemente pela companhia das letras que se chama “A melhor mãe do mundo”. A história é narrada por um passarinho que mora na quebrada e vive longe de sua mãe, pois ela cometeu um erro e está pagando por ele. Os dias em que ele pode visitá-la na prisão (perdoem o spoiler!) são uma alegria e ele não vê a hora de poder morar com ela novamente, porque apesar do seu erro ela segue sendo muito amada, a melhor mãe do mundo. O texto e as imagens contam essa história de forma tão poética e apresentam a mãe como um ser vulnerável que também erra e nem por isso deixa de ser amada. Te conheço pouco mas tenho certeza que você está criando um ser humano que torna esse mundo melhor por estar nele. Obrigada por compartilhar a tua história e as tuas palavras.



Em uma das cartas desabafei sobre o quanto estava sendo exaustivo ser professora e sobre a minha vontade de sumir. As coisas ainda estão desafiadoras, mas estão mais calmas e a minha vontade contínua de exoneração passou. Estamos na metade do ano e agora sinto que as crianças e eu estamos “adaptadas” ao tão falado “novo normal” (pós-ainda-pandêmico). Então aproveito para compartilhar com vocês um pouco da minha prática pedagógica enquanto professora mediadora de leitura e provocá-las a pensar em ações pedagógicas relacionadas as questões de gênero. Em uma das aulas com o 1º ano do Ensino Fundamental levei uma boneca de pano negra para apresentar à turma, outra raridade, já que apenas 8% das bonecas produzidas no Brasil são negras. Nesse dia um menino se recusou a pegar a boneca e

esse fato ascendeu um alerta gigantesco somado a conversas com outro colega professor, que já havia observado que os meninos se recusavam a brincar com massinha de modelar de cor rosa. Era preciso fazer algo! Então iniciei um projeto literário sobre gênero com as quatro turmas de 1º ano em que atuo em 2022.

A primeira leitura mediada foi o fusquinha cor-de-rosa de Caio Riter. Como motivação, antes de iniciar a leitura, levei um fusquinha cor-de-rosa de brinquedo. Para o meu espanto um dos meninos não quis pegar o carrinho na mão e não disse o motivo, então eu inferi que era por causa da cor. Comecei a leitura do livro que narra a história de um carrinho solitário que vive no fundo da caixa pois os irmãos não brincam com ele. Beto não brinca com ele por causa de sua “cor de menina” e Bia não brinca porque é um carrinho, “brinquedo de menino”. Ao longo da história as crianças sentiram muita empatia pela tristeza e solidão sentidas pelo fusquinha e após a leitura dialogamos bastante. Duas falas me marcaram muito nessas rodas de conversa. Quando questionei a turma se existia algum brinquedo só de menino ou só de menina um menino mesmo após ter ouvido a história e se sensibilizado com o carrinho disse: “carrinho todo mundo pode, mas boneca é só de menina”. Foi bonito de ver a turma se posicionando contrária a essa fala. As meninas argumentavam que seus irmãos/primos brincavam com elas de bonecas e alguns meninos, um pouco cautelosos também afirmavam que já haviam brincado de boneca.

Outra fala muito interessante foi a de um menino que quando questionado se existia cor de menino e de menina disse: “Rosa não é só de menina. Tem vezes que o Inter joga de rosa”. E desde então passei a prestar mais atenção nas reportagens veiculadas na televisão e percebi que o uniforme de treinos do clube é rosa. Pensei imediatamente no quanto a leitura de mundo daquela criança era diferente da minha. Algo que pra ele fazia muito sentido eu nem havia percebido. Paulo Freire já nos diz há muito tempo que a leitura de mundo precede a leitura da palavra.

Compartilhei a mediação de leitura que fiz com a história fusquinha cor-de-rosa no meu perfil do “bloguesora” no instagram (<https://www.instagram.com/p/CehNBHmoUCF/>) para inspirar mais colegas a abordarem essa temática. Fiquei muito feliz porque diversas seguidoras não conheciam o livro e algumas delas já o adquiriram. Outras inclusive já me relataram que leram para a sua turma inspiradas pelas ideias que compartilhei e as crianças adoraram a história. Desejo que não me falte forças e esperança para ser como o vento que

espalha essas sementes e seguir motivada e motivando professoras. As outras leituras que irão compor o projeto são: “O menino Nito” de Sônia Rosa (falei sobre ele na última carta), “Coisa de menino” e “Coisa de menina” ambos escritos por Pri Ferrari.

Finalizo essa carta agradecendo pela oportunidade de ter participado dessa experiência e aqui utilizo o conceito de experiência de Larrosa em seu texto “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”: “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece.” (Larrosa Bondía, 2002, p. 21).

A experiência é rara, é um encontro com algo novo. Informação não é experiência. Poderíamos escrever artigos sobre empoderamento feminino, mas eles não nos provocariam lágrimas, risos, empatia, reflexões. Obrigada Micheli, Maria Fernanda, Joanne e Tamires por essa linda e inesquecível experiência.

Com afeto e admiração, Franciele

Porto Alegre, 22 de junho de 2022.

Estimadas companheiras: Micheli, Tamires, Franciele e Maria Fernanda.

Dou início aqui o “bordado” da última carta, buscando tecer algumas interlocuções com cada uma de vocês junto do que manifestaram em suas escritas. Maria Fernanda perguntou sobre o Movimento em que milito. Na última carta havia enviado um link para o documentário que produzimos em 2021, e que mostra uma parte da nossa luta cotidiana, mas acho interessante contar um pouco sobre o início de tudo.

Vivo em Caxias desde 2015, e em 2017 me integro à militância do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores por Direitos, na cidade de Caxias do Sul. O MTD é um movimento de classe, com 22 anos de atuação, nacional, localizado no campo político do “Projeto Popular para o Brasil”. Esse é o campo político que também integra o MST (que é um Movimento mais conhecido nacional e internacionalmente), no entanto a proposição da ação política do MTD é no âmbito urbano, nas periferias das grandes e médias cidades.

Eu havia desenvolvido entre 2015 e 2017 um trabalho em uma escola, situada em um loteamento onde o MTD estava buscando rearticular a sua ação militante, a partir do trabalho de base³⁵, e com isso, me aproximei do Movimento. Na minha bagagem trazia as vivências por dentro da Educação Popular que fui acumulando ao longo dos anos, e, me identificando com o coletivo, resolvi tentar contribuir de alguma forma.

Dentro da ação militante, político educativa, que parte do pressuposto de construir junto com as pessoas espaços de participação, luta social e convivência na comunidade, fomos aprofundando os vínculos com um grupo de mulheres do bairro. Compreendo que na luta de classes, existe espaço para o diálogo e esse diálogo implica muito em ouvir o outro. Ouvir a sua história, a sua bagagem, a sua compreensão de mundo, as condições nas quais essa visão de mundo foi desenvolvida, e o papel do sujeito histórico como transformador da história.

Com isso, cada vez mais tenho buscado me desvencilhar de discursos prontos e feitos (taxativos) e realmente ouvir as pessoas, no sentido de construir coletivamente possibilidades de resistir e enfrentar a lógica predatória do capital que historicamente explora e oprime uma parte significativa da população. Ouvir, se há o opressor introjetado no oprimido, se há desconhecimento sobre termos que muitas vezes, na militância, “naturalizamos” no nosso

³⁵Trabalho e base, conforme exposto por Peloso (2009), como o “enraizamento na vida da população, animando e organizando os trabalhadores na busca de solução para seus problemas” (p.24), desta forma, a direção desse trabalho traduz uma convicção de superação da cultura autoritária presente na história brasileira, em prol do protagonismo das classes populares

vocabulário, e sobretudo, compreender as reais e materiais necessidades da vida concreta do povo.

Quando vem a pandemia, em março de 2020, muitas das mulheres que compõem o grupo de base do MTD, no bairro, se veem em uma condição sem acesso à renda, afinal, esta renda diária era obtida através da realização de faxinas. Com a questão do isolamento social, esses trabalhos, por um período deixaram de ser solicitados, e aí, compromissadas com o coletivo, começamos a pensar em formas de sobrevivência diante desse quadro (o trabalho de base no bairro era realizado desde 2017, então havia toda uma construção em processo).

Não é novidade para ninguém que, ao nos depararmos com as incertezas que a pandemia nos trazia em 2020, as populações mais vulneráveis aos efeitos da crise estrutural do capital que ela acentua, seriam aquelas compostas por moradores das periferias, trabalhadores informais, e, nesse contexto, consideramos além da classe, os recortes de raça e gênero.

O foco do coletivo que integro então, passou a ser articular ações de solidariedade, como arrecadação de cestas básicas e produtos de limpeza e higiene, considerando sempre um pequeno número de pessoas no grupo de articulação do Movimento (seis mulheres e apenas duas com carro), fomos nos organizando para a distribuição das cestas obtidas, a partir de doações que pedimos pelas nossas redes sociais, pessoais e do movimento.

Organizamos as ações de doação das cestas, tendo sido arrecadas, no mês de março/20, uma média de 47 cestas básicas distribuídas para famílias em dois territórios periféricos de ação do movimento. Ao mesmo tempo, passamos a alimentar uma angústia enquanto coletivo, pautando-nos no fato de que não conseguiríamos ampliar o número de arrecadações ou mesmo dar conta de uma nova distribuição, visto que as pessoas que contribuíram para a primeira campanha não aderiram à segunda.

Conseguimos garantir doações para uma segunda arrecadação, em abril/20, e ao mesmo tempo, o grupo articulador do Movimento, que eu compunha, já vinha pensando nas possibilidades de avanço em relação à ação de solidariedade que compreendia a doação da cesta. A questão era: como se avança? Como se politiza a ação em um cenário adverso frente à necessidade de isolamento social? Nesse contexto não linear começamos a construir, junto a duas militantes do grupo de base, moradoras do loteamento Vila Ipê, possibilidades de reunirmos as pessoas em torno de uma pauta concreta: uma frente de trabalho, de modo que essa ação convergiu para a criação de uma Saboaria Popular gerida por mulheres

A escolha por manter, e inclusive, reforçar o engajamento nesse período de incertezas, tem bastante eco na reflexão que Sara Granemman nos propõe em seu texto sobre a Covid-19. Os efeitos da pandemia no loteamento Vila Ipê não foram diferentes dos efeitos nos demais territórios urbanos periféricos: pessoas expondo-se ao risco indo para o trabalho de ônibus, queda da demanda dos serviços já precarizados e informais que garantiam a renda dessas trabalhadoras e trabalhadores; casas pequenas nas quais a possibilidade do distanciamento fica mais restrita, dentre outros fatores. O agravamento dessa perspectiva dá-se no aprofundamento da reflexão acerca dos grupos sociais expostos ao extermínio:

Padecer de fome ou morrer pelo contágio, ao ter de trabalhar sem poder praticar o isolamento físico, não são escolhas e tampouco alternativas mutuamente excludentes no cotidiano da classe trabalhadora; ao contrário, afiguraram-se complementares ou, talvez, reciprocamente combinadas para o extermínio dos excedentários (GRANEMANN, 2021, p.5).

Nesse contexto, o posicionamento do grupo militante com ação no território foi o de se colocar ao lado das pessoas em um processo de construção de uma frente de trabalho, não deixando de articular ações de solidariedade (arrecadação de cestas básicas) ao pequeno grupo de mulheres que se formou em torno da saboaria, moradoras do território, em situação de desemprego. As cestas básicas não deixaram de ser necessárias, visto que a obtenção de uma renda digna é um horizonte a ser alcançado pelo coletivo. Compromisso, solidariedade entre as mulheres e o trabalho associado como eixo condutor do processo foram alguns dos pontos de sustentação dessa experiência. Nas palavras de Freire (2014): “O verdadeiro compromisso é a solidariedade, e não a solidariedade com os que negam o compromisso solidário, mas com aqueles que, na situação concreta, se encontram convertidos em ‘coisas’”.

Dessa forma, a práxis feminista, alicerçada pela Educação Popular e pelo compromisso com a classe trabalhadora e, sobretudo, com o coletivo, atravessa nosso cotidiano desde então, há dois anos e dois meses. Resistindo e aprendendo juntas a nos tornarmos mais fortes e fazermos a Saboaria crescer. Esse é um grande desafio, mas, nos mantemos conectadas a ele.

Na segunda carta que escrevi, me lembro que eu havia afirmado acreditar e contribuir para o diálogo entre os feminismos subalternos, para a construção da grande ação internacionalista de mulheres. Por uma questão de classe, aponte que eu não identificava alinhamentos entre a minha visão de mundo, com o feminismo liberal, no entanto, observo em diferentes grupos de mulheres, em diferentes estratos sociais, e muitas delas jovens, com as quais diálogo cotidianamente, algumas compreensões restritas acerca de uma ação feminista

que tem a ver com usar a roupa que quer, ou “fazer o que quiser”. Muitas vezes, mesmo estando em um coletivo de mulheres, nos deparamos com situações que revelam aspectos do patriarcado estrutural que carregamos conosco e por isso, a ação educativa é fundamental.

Compreendo que há muitos indícios do feminismo liberal nessa forma de compreensão que feminismo se restringe a uma concepção de empoderamento individualista (até porque, culturalmente, muitos de nós introjetamos diferentes manifestações da sociabilidade burguesa), e por isso, reafirmo que, na luta de classes, o diálogo entre os diferentes é fundamental para uma ação educativa verdadeira que preconize o desvelamento da estrutura do patriarcado em nossa sociedade.

Mesmo quando você se sente individualmente, mais livre, se esse sentimento não é um sentimento social, se você não é capaz de usar sua liberdade recente para ajudar os outros a se libertarem através da transformação da sociedade, então você só está exercitando uma atitude individualista no sentido do empowerment ou da liberdade (FREIRE, 1986, p.135).

Para isso, uma ação pautada em método, organização coletiva, educação e mudança concreta na vida das pessoas através do trabalho (compreendendo aqui o trabalho na sua dimensão não alienante), pode oferecer uma importante contribuição, que apresenta um caminho concreto para a superação das estruturas de poder vigentes em nossa sociedade. Discutir ideias é fundamental, mas ação prática é urgente. Vou deixar aqui, caso queiram conhecer, o link de um livro que discutimos coletivamente, e que tive o prazer de ser uma das organizadoras, no processo de construção da saboaria: <https://www.pimentacultural.com/livro/margaritas-floracao> .

Os desafios são diários e os aprendizados também. A tentativa oferecer uma modesta contribuição que aprofunde caminhos explicativos que ajudem a fundamentar a leitura de mundo do coletivo no qual atuo, e outros que ele possa alcançar, para buscarmos as raízes e as formas de superação da estrutura de desigualdades conformada no sistema patriarcal-racista-capitalista vigente, tem no “Processo de Floração Pedagógica”, baseado na práxis do Movimento que dá origem à Saboaria, uma síntese conceitual. Esse é um dos temas que busquei desenvolver na minha tese, que defendi ao final do mês de maio, após anos de muitas lutas (individuais e coletivas), esforço e comprometimento. Aliar Academia e comunidade, sobretudo, na dimensão das classes populares, também é um horizonte que persigo desde o meu retorno à Universidade em 2015.

Assim seguimos, tentando melhorar e aprender um pouco mais, em nossos diferentes compromissos cotidianos, como educadoras e como militantes. A Franciele faz uma pergunta que “me pega” muito em sua última carta: se conseguimos descansar sem culpa. Tenho tentado fazer isso nos últimos dias, porque eu realmente entendo que se eu não estiver bem, a minha contribuição para o coletivo será prejudicada. E também é importante descansar, celebrar, nos dar momentos de prazer nesse mundo tão contraditório, porque merecemos. E a vida é hoje.

Meninas, me despeço por aqui. Contente por conhecer mais sobre cada uma de vocês, em suas cartas que carregam tanta potência. Franciele, Maria Fernanda, Tamires, desejo a vocês força, amorosidade, indignação...tudo de maravilhoso. Que vocês expandam cada vez mais os seus caminhos e se sintam realizadas no que fazem.

Micheli querida, obrigada pela oportunidade de ser sujeita dessa pesquisa e dessa experiência de tecer diálogos entre mulheres. Desejo que sua pesquisa reverbere em muitas vidas.

Seguimos em diálogo, fico à disposição de todas

Com afeto

Joanne

Caxias do Sul, 19 de junho de 2022.

Queridas, Micheli, Franciele, Maria Fernanda e Joanne,

Confesso que a escrita dessa última carta está me sendo mais difícil por uma série de questões que me cercam. Para mim, o mês de junho é mais agitado do que dezembro, são muitos familiares aniversariando, inclusive minha filha e meu marido. Além disso, é final de semestre e estou escrevendo 3 artigos que são avaliações das disciplinas que estou cursando no mestrado. Iniciei o mestrado quando tudo ainda estava na modalidade online, agora está sendo complicado trabalhar 50h fora de casa e dar conta das demandas do mestrado e da família. Pensando na sua pergunta, Franciele, percebi que, às vezes, até durante as férias, eu descanso com uma parcela de culpa, achando que deveria fazer algo mais "útil" do que descansar. Atualmente, minha alma pede socorro porque meu corpo vive em um ritmo totalmente diferente do dela.

Maria Fernanda, adorei a indicação dos canais da BEABAH e Ong. Cirandar, vendo essas iniciativas me surgiram inúmeras ideias. Gostaria de ter mais tempo para colocá-las em prática... Quem sabe um dia né!?

Percebo que o pós-quarentena tem sido um grande desafio para as crianças e os adolescentes. Tenho a impressão de que a falta de convivência social fez os alunos "desaprenderem" a conviver em grupo. O que a Maria Fernanda falou sobre os meninos que rimaram sobre autoflagelo é uma realidade cada vez mais presente nas escolas. Eu tenho me deparado muitas vezes com esse tipo de situação, a ansiedade e a depressão são o mal do século, acredito eu. Nesta semana aconteceu um episódio em que um aluno se cortou e pediu para que um colega quebrasse a perna dele. A pandemia nos deixou sequelas inimagináveis, a falta de saúde mental dos alunos é apenas uma delas, a defasagem escolar também é uma grande dificuldade como foi dito pela Franciele na última carta. São muitas situações as quais a escola infelizmente não está preparada para resolver.

A escola é um lugar maravilhoso, mas que ainda não tem preparo para lidar com inúmeras questões e muitas vezes nega a sua responsabilidade. Nesta semana, também, uma aluna minha do sétimo ano fez denúncias seríssimas sobre a mãe, alegando ser ameaçada com faca. A direção, no entanto, pediu que a aluna fizesse a denúncia em outro lugar para que a escola não tenha que se responsabilizar com o problema. Situações desse tipo e como a que acontece na escola da Maria Fernanda, onde os professores querem impedir que alunas levem seus filhos para a sala de aula me revoltam imensamente e fazem com que eu sinta uma

sensação de total impotência e de que não estou cumprindo o meu papel. Quantas vezes as próprias professoras precisaram levar os filhos para a sala de aula? Penso que a escola não pode se abster dessa responsabilidade e virar as costas para essas alunas. A instituição escolar é o lugar que abriga e estende a mão, se for feito menos do que isso, não estará sendo efetiva em sua função. E de certa forma estará agindo como aqueles personagens que massacram Maria, do conto de Conceição Evaristo. Eu amo essa história, Maria Fernanda! E acredito que a escola, quando se nega a amparar a essas mães, colabora com a violência que o patriarcado pratica contra as mulheres, principalmente aquelas que vivem à margem da sociedade, como Maria.

Meninas, eu como mulher negra, acho extremamente importante a atuação antirracista que vocês fazem sendo mulheres brancas. Quando pessoas brancas não se responsabilizam por essa questão, alegando não ser o seu lugar de fala, estão totalmente equivocadas. Ontem li no Instagram uma fala do jornalista e apresentador Manoel Soares que diz o seguinte:

Os brancos estão muito confusos porque são herdeiros de uma dívida absurda que eles não sabem como lidar. Alguns preferem fazer isso de maneira inadimplente e revoltada, esperando que a dívida caduque e seu nome saia do Serasa da humanidade. Só que não sai assim. (SOARES, 2022) - https://www.instagram.com/p/Ce1ort5h_xe/

Lendo essa postagem, lembrei do que a Franciele escreveu sobre compreender o próprio lugar como educadora e mulher branca responsável por contribuir com práticas antirracistas. É isso! Quando o assunto é racismo, todos temos um lugar de fala, é importante saber distingui-lo e não simplesmente se desresponsabilizar e usar o lugar de fala como um pretexto para evitar o debate. O racismo foi criado pela branquitude e também é incumbência dela erradicá-lo.

Inclusive adorei as indicações de livros, Franciele! Não conhecia o escritor Otávio Júnior e agora sinto a extrema necessidade de me aproximar dele. Não se desculpe por falar de livros. Tuas indicações, com certeza, serão muito úteis para todas nós. Gratidão!

Joanne, que incrível o trabalho do coletivo Las Margaritas! Muito inspirador! Imagino o quanto esse movimento deve contribuir para a emancipação de mulheres da comunidade, não apenas financeiramente (o que é muito importante), mas também emocionalmente. Isso se relaciona diretamente com o assunto comentado por você em sua última carta. Nós mulheres, de uma forma geral, somos criadas para servir, desde pequenas servimos aos nossos pais, aos irmãos e quando crescemos dificilmente conseguimos romper com o ciclo da “servidão”.

Mulheres que vivem em situação de subalternidade têm menos acesso à informação e consequentemente mais dificuldade de perceber que não pertencem a ninguém, não precisam servir a ninguém e não devem se anular. Acredito que a saboaria seja importante também nesse sentido, fortalecendo a autoestima e autoconfiança de mulheres periféricas. Parabéns a todas as Margaritas!

Bom, meninas, a despedida sempre dói! Chegamos ao fim desse projeto riquíssimo, criado pela Micheli, e posso dizer que foi maravilhoso conhecer as histórias de vocês! Vocês são extremamente necessárias para a sociedade! Gratidão por todas as trocas e ideias!

Abraços, Tami Prestes.

Viamão, 17 de junho de 2022.

Caras educadoras,

Comecei a sentir saudades dessa troca assim que li que seria a última. Acredito que trouxemos muitos tópicos importantes para pensarmos empoderamento, feminismo e educação. Sobre o gênero Carta Pedagógica, acredito que dialogue com a Escrivência de Conceição Evaristo, já que propõe uma escrita expropriada do colonialismo:

Indago sobre o ato audacioso de mulheres que rompem domínios impostos, notadamente as mulheres negras, e se enveredam pelo caminho da escrita: “O que levaria determinadas mulheres nascidas e criadas em ambientes não letrados, e, quando muito, semialfabetizados, a romperem com a passividade da leitura e buscarem o movimento da escrita”? Tento responder. Talvez essas mulheres (como eu) tenham percebido que se o ato de ler oferece a apreensão do mundo, o de escrever ultrapassa os limites de uma percepção da vida. Escrever pressupõe um dinamismo próprio do sujeito da escrita, proporcionando-lhe a sua autoinscrição no interior do mundo. (EVARISTO, 2020, p. 35)

A Escrivência da Tamires, as suas angústias de quem é filha e de quem é mãe, de quem é mulher negra e de quem é educadora-acadêmica-poeta, o seu poema, parece, para mim, a expressão máxima do que estamos fazendo aqui: rompendo o silêncio, se inscrevendo no mundo e expropriado a língua do colonizador. Comecei essa trajetória com vocês me apresentando vulnerável e insegura, fecho me apresentando empoderada. Ia escrever “espero ter contribuído”, mas, por ter sentido que aqui a construção foi verdadeiramente coletiva e acolhedora escrevo: na certeza de ter contribuído.

Na certeza de ter contribuído, me despeço e ofereço a vocês alguns poeminhas, um para cada uma.

Abraços apertados,

Maria Fernanda da Silva Viegas

Porto Alegre, 25 de junho de 2022

REFERÊNCIA

EVARISTO, Conceição. A Escrivência e seus subtextos. in: DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. Ed. 1 **Escrivência: a escrita de nós** - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicações e Arte, 2020.

Tamãe

De criança sem livros
à adulta poeta
que cria ânsia
de coletividade.
Expropria-se
a poesia e a
humanidade
daqueles que
se acham donos
da verdade.
Como mães,
não prescindem da dita
autoridade
muito menos da tal
paternidade
nutrem os seus
em ninhos de
maternagem-ilha
compart-ilha-da
com sonho-cidadania
e casas de alvenaria
veem-se Carolinas
pensadoras do seu tempo
que não vão com o vento
porque vem do tento
da ancestralidade-feminina
que tanto ensina
contra qualquer sina
não nascem, mas tornam-se
MULHERES
no ponto.

FrancieLê

o começo na dedicatória
era na verdade convocatória
à potência de uma feminista recente
na teoria, porque na prática pertencente
fazendo jus a educadora de trajetória
que lê, media, conta e faz história
Formada de Raquel à Gládis
Formadora de sonhadores
de uma mundo melhor(ando)
Por monstros bondosos
e princesas ousadas
esse mundo é povoado
do povo, está do lado
a cada passinho acertado
um erro fica no passado
e o cansaço acuado.
Ainda assim,
é triste ver uma mulher exausta
enquanto homens vivem na flauta
responsabilizá-los é necessário
bolsonaro presidente é o cenário
distópico e desesperançoso
a revolução será feminista
ou não será.

Moveane

Movimento Social

Movimento Popular

Movimento Feminista

Do leste ao sul

Do centro à periferia

Do urbano ao campo

Do indivíduo ao coletivo

Do livro à ação

Da academia à sensação

Do território ao internacional

Do passado ao presente

Da doutora às mestras

De nós pra nós

Do nós por nós

Micheli com I**MichELA****MichELO**

Mi foi elo
não tem como bater o martelo
terá continuidade
nem que seja
na mentalidade
materializou liberdade
incentivou potencialidade
em um momento frustrante
nos deixou confiante
Um obrigada singelo
por esse forte elo.

**ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP
PLATAFORMA BRASIL**



UNIVERSIDADE FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL - UFFS



Continuação do Parecer: 5.320.327

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CHAPECO, 30 de Março de 2022

Assinado por:

Renata dos Santos Rabello

(Coordenador(a))

Endereço: Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar

Bairro: Área Rural

CEP: 89.815-899

UF: SC

Município: CHAPECO

Telefone: (49)2049-3745

E-mail: cep.uffs@uffs.edu.br